

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

DREIKON BARBOSA CHAPADEIRO

**Narrativas positivas:
Inventário/coleção de outras representações (Des)estigmatizando o HIV**

Monografia

Mariana

2024

DREIKON BARBOSA CHAPADEIRO

**Narrativas positivas:
Inventário/coleção de outras representações (Des)estigmatizando o HIV**

Monografia apresentada ao curso de
Jornalismo da Universidade Federal de Ouro
Preto, como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Medrado

Mariana

2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C462n Chapadeiro, Dreikon Barbosa.

Narrativas positivas [manuscrito]: inventário/coleção de outras representações (Des)estigmatizando o HIV. / Dreikon Barbosa Chapadeiro. - 2024.

112 f.: il.: color.. + Entrevistas na íntegra.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Medrado Soares Araujo.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. AIDS (Doença). 2. Estigmatização. 3. Exclusão social. 4. HIV (Vírus). 5. Identidade de gênero. 6. Mídia social. 7. Minorias sexuais. 8. Redes sociais. 9. Representação (Filosofia). 10. Saúde. 11. Soropositividade para HIV. I. Araujo, Arthur Medrado Soares. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 616.9

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Dreikon Barbosa Chapadeiro

**Narrativas positivas: Inventário/coleção de outras representações
(Des)estigmatizando o HIV**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 18 de outubro de 2024

Membros da banca

Pro. Dr. Arthur Medrado - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Me. Daniel Macêdo - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Jornalista André Nascimento

Cláudio Rodrigues Coração, coordenador do curso de Jornalismo UFOP, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/11/2024



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Rodrigues Coracao, COORDENADOR(A) DE CURSO DE JORNALISMO**, em 26/11/2024, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0816678** e o código CRC **BFE08884**.

Dedico este trabalho à minha família, por ser minha principal e inesgotável fonte de amor. Aos meus pais: Luciene e Luciano, minha irmã: Luciana e minha avó: Elza, a qual sempre chamei de mãe. Obrigado por sempre estarem comigo durante todos os dias da minha vida. Eu os amo incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Certa vez, ouvi de um amigo que “a vida não é uma linha reta”. De fato, ao longo da graduação e da vida, vi muitas vezes o que havia pensado virar-se de ponta a cabeça. Em alguns momentos, inclusive, achei que seria impossível chegar até o fim da minha tão sonhada graduação. Concluir este trabalho, então... em alguns dias, pareceu distante. Felizmente, tudo caminhou para o rumo certo, que já estava previsto desde o início.

Eu sou extremamente feliz e grato por poder contar com minha família em todos os momentos. O suporte de vocês foi e é fundamental para cada conquista minha. Aos meus pais: Luciene e Luciano, o meu mais sincero muito obrigado por tudo desde o meu primeiro dia de vida! Obrigado por muitas vezes abrir mão dos seus sonhos para dar vida aos meus.

À minha irmã: Luciana, obrigado pelo carinho e amor fraterno e pelo afago de me fazer sentir em casa a cada vez que retorno a Jequitinhonha. À minha avó/mãe Elza: obrigado por me ensinar tanto sobre amor e cuidado. Eu a amo muito!

Aos meus amigos pelo carinho e suporte diários, em especial ao Lucas (Biluxa), por dar-me o apoio e puxão de orelha necessários para a conclusão deste trabalho, principalmente nos dias em que eu pensei ser impossível concluí-lo. À minha amiga Laís: obrigado por ser minha amizade mais antiga e duradoura e por compartilhar processos e momentos da vida que são só nossos. E ao Herculino (Garfield), obrigado por dividir as dores e as delícias da vida universitária ao meu lado.

Aos meus orientadores: Arthur Medrado e Adriano Medeiros, obrigado pela paciência, pela troca e por todos os ensinamentos durante o processo de orientação. O suporte de vocês foi fundamental e indispensável para a conclusão deste trabalho.

Aos professores e à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), pelo conhecimento e ensino público, gratuito e de qualidade: o meu mais sincero e eterno muito obrigado! A educação é um verdadeiro objeto transformador de vidas.

A todos aqueles que de alguma forma, marcaram a minha vida e fizeram parte dessa conquista: muito obrigado!

“Viver é melhor que sonhar...”

Belchior

RESUMO

O objetivo principal desta monografia é explorar as narrativas de indivíduos vivendo com HIV, visando desestigmatizar esses sujeitos e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva das experiências dessas pessoas. A pesquisa foca na desconstrução dos estigmas sociais e morais associados ao HIV, destacando as possibilidades de uma vida plena para quem vive com o vírus. Ao longo da pesquisa, pode-se observar que mesmo após mais de 40 anos da descoberta do vírus, o estigma e o preconceito ainda são prevalentes. A mídia, especialmente durante as décadas de 1980 e 1990, desempenhou um papel crucial na construção desse estigma, associando o HIV a grupos marginalizados, como a comunidade LGBTQIA+ e usuários de drogas. Sendo assim, fazer a distinção e a diferenciação entre HIV e Aids é primordial para o entendimento do estigma. O HIV é o vírus que, se não tratado, pode levar à Aids, uma condição mais grave.

No decorrer do trabalho é possível observar como a cobertura midiática inicial do HIV e da Aids foi sensacionalista e carregada de preconceitos, contribuindo para a marginalização dos pacientes. Exemplos notáveis incluem a famosa capa da revista *Veja* de 1989, que estigmatizou o cantor Cazusa. A representação de pessoas vivendo com HIV na mídia e em outras plataformas é crucial para combater o estigma. Influenciadores digitais e campanhas como as da UNAIDS ajudam a criar narrativas, promovendo a empatia e a compreensão.

O trabalho conclui que a desconstrução do estigma associado ao HIV é essencial para promover uma sociedade mais inclusiva e informada. Através de narrativas positivas e representações autênticas, é possível mudar percepções e oferecer suporte a quem vive com o vírus.

Palavras-chave: Estigma; HIV; Aids; LGBTQIA+; Saúde; Exclusão; Identidade, Redes Sociais, Mídia, Representação; Soropositividade

ABSTRACT

The main objective of this monograph is to explore the narratives of individuals living with HIV, aiming to destigmatize the condition and promote a broader and more inclusive understanding of these people's experiences. The research focuses on deconstructing the social and moral stigmas associated with HIV, highlighting the possibilities of a full life for those living with the virus. Throughout the research, it was observed that even 40 years after the discovery of the virus, stigma and prejudice are still prevalent. The media, especially during the 1980s and 1990s, played a crucial role in building this stigma, associating HIV with marginalized groups such as the LGBTQIA+ community and drug users. Therefore, making the distinction and differentiation between HIV and Aids is essential for understanding stigma. HIV is the virus that, if left untreated, can lead to Aids, a more serious condition.

During the project, it is possible to observe how the initial media coverage of HIV and Aids was sensationalist and full of prejudice, contributing to the marginalization of those affected. Notable examples include the famous 1989 cover of *Veja* magazine, which stigmatized singer Cazuzza. Representation of people living with HIV in the media and on other platforms is crucial to combating stigma. Digital influencers and campaigns like those from UNAIDS help create narratives, promoting empathy and understanding.

The work concludes that deconstructing the stigma associated with HIV is essential to promote a more inclusive and informed society. Through positive narratives and authentic representations, it is possible to change perceptions and offer support to those living with the virus.

Keywords: Stigma; HIV; Aids; LGBTQIA+; Health; Exclusion; Identity, Social Networks, Media, Representation; Seropositivity

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – Comentário usuário A.....	13
ILUSTRAÇÃO 2 – Comentário usuário B.....	13
ILUSTRAÇÃO 3 – Cazuza - Capa da Revista Veja de 1989: a personificação do estigma..	35
ILUSTRAÇÃO 4 – Cazuza: Reportagem da Revista Veja de 1989.....	37
ILUSTRAÇÃO 5 – Tatuagem: Data do diagnóstico de Daniel	46
ILUSTRAÇÃO 6 – Daniel em sua rede social “X”	47
ILUSTRAÇÃO 7 – Daniel comenta na rede social “X” sobre homenagem da cantora Madonna às vítimas da Aids, durante a “ The Celebration Tour”, no Brasil.....	49
ILUSTRAÇÃO 8 – Thais responde a comentários sorofóbicos em seu perfil do Instagram	51
ILUSTRAÇÃO 9 – Publicação no perfil de Jennifer , 14 de julho de 2021	55
ILUSTRAÇÃO 10 – Publicação no perfil de Jennifer , 19 de janeiro de 2022.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O REFLEXO DO PASSADO NO PRESENTE: A ESTIGMATIZAÇÃO DO HIV	12
1.1 Exclusão	15
1.2 Identidade	20
1.3 Pertencimento	23
2 O FATO E O FAKE: HIV NÃO É AIDS	26
2.1 Indetectável = Intransmissível	27
2.2 HIV não tem cara	30
3 A MÍDIA COMO PRINCIPAL DIFUSOR DO ESTIGMA	32
3.1 A cobertura midiática como fator estigmatizante	33
4 A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO	38
4.1 A representação na série Pose	40
5 CONVERSANDO SOBRE HIV: POSSIBILIDADES DE VIDA PLENA	43
5.1 Daniel Lima	45
5.2 Thais Renovatto	50
5.3 Jennifer Besse	54
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
ANEXOS - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA	65
1.1 Entrevista Daniel Lima - 07/12/2021	65
1.2 Entrevista Thais Renovatto - 27/11/2021	79
1.3 Entrevista Jennifer Besse - 24/11/2021	90

INTRODUÇÃO

Enaltecida por muitos membros das gerações X e Y¹, a década de 80 do século passado ainda é motivo de nostalgia e saudosismo. Seja pelos notáveis avanços na tecnologia, por acontecimentos históricos como a Guerra Fria ou o fim do período de ditadura no Brasil. Os gloriosos anos ainda trazem consigo grande contribuição ao cenário musical, como, por exemplo, a “coroação” de Michael Jackson a Rei do Pop e seu mais aclamado trabalho: o álbum *Thriller*, disco mais vendido do mundo. A década, de fato, concentra acontecimentos marcantes.

Não obstante, já que referir-se aos anos 80 é sinônimo de referir-se a um apanhado importante da história, é inegável outro fator marcante da década: a descoberta do HIV e a epidemia da Aids. A princípio, a comunidade científica pareceu não dar a devida importância ao assunto, visto que a doença foi associada a homossexuais, grupo socialmente marginalizado, e a bissexuais masculinos (SOUSA, KANTORSKI e BIELEMANN, 2004). No decorrer dos anos e, principalmente, na década seguinte houve uma explosão de casos da doença ao redor do globo.

Se a priori, a doença era apenas dos homossexuais, observou-se, porém, casos iguais em hemofílicos, haitianos, heroínômanos (usuários de heroína) e hookers (tradução em inglês para profissionais do sexo). O HIV passou a ser denominado, então, como a “doença dos 5H”. Um dos principais difusores desse ideal foi a mídia, que hoje pode ser vista como uma das principais responsáveis pelo estigma acerca do vírus que ainda permeia a sociedade.

Não raro, mesmo após mais de 40 anos, é constante a associação do HIV a Aids como sinônimos, o que é um dos maiores equívocos acerca do assunto. HIV não é Aids. De antemão, HIV é a sigla para Vírus da Imunodeficiência Humana, que é o vírus causador da Aids, caso não seja tratado. Uma vez contraído, o indivíduo passa a viver com HIV por toda sua vida e embora não exista cura para o HIV, há tratamento.

Já a Aids é a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. A doença é causada pelo estágio avançado do HIV, que ataca células específicas do sistema imunológico, responsáveis por defender o nosso organismo da doença. Ter HIV não significa que o indivíduo desenvolverá a AIDS. Devido aos avanços na ciência é possível que uma pessoa tenha uma

¹ A geração X é conhecida por vivenciar a mudança de um mundo com tecnologia analógica para um mundo com tecnologia digital. Refere-se às pessoas nascidas entre 1965 e 1980. Já a geração Y, também conhecida como Millennials, são pessoas nascidas de 1981 a 1996 que cresceram conhecendo bem a tecnologia e mudanças tecnológicas que afetaram a forma como as pessoas agem, gastam dinheiro e trabalham.

vida plena vivendo com HIV, desde que faça o uso diário de antirretrovirais. Quanto mais cedo o diagnóstico, melhor para que o tratamento seja iniciado e seja eficaz.

No Brasil, o tratamento acontece de forma gratuita desde 1996. A distribuição dos medicamentos é feita pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Com o uso diário da medicação uma pessoa com HIV torna-se indetectável, isto é, a carga viral em seu organismo é mínima e ela não é capaz de transmitir o vírus. Desde 2013 o SUS garante tratamento para todas as pessoas vivendo com HIV, independentemente da carga viral. Atualmente, existem 21 medicamentos, em 37 apresentações farmacêuticas.

Como meio de prevenção ao HIV ainda existe a profilaxia pré-exposição (PrEP), medicamento que, quando usado diariamente, permite que o indivíduo não contraia o vírus do HIV, ainda que entre em contato com ele. Combinado com o preservativo, a PrEP se torna extremamente eficaz para evitar contaminações. Além disso, como meio de prevenir infecções caso o ser humano tenha relações sexuais desprotegido, há a profilaxia pós-exposição (PEP). Neste caso, a medicação é ingerida em até 72 horas após a possível exposição, como forma de prevenir o desenvolvimento do vírus no organismo.

Mesmo com todas essas diferentes possibilidades, ainda existe uma estigmatização com pessoas que vivem com HIV, visto que o ideal de horror propagado nos anos 80 ainda hoje pode ser encontrado. Esta pesquisa propõe, então, combater esse preconceito, buscando a raiz do problema, analisando seu processo histórico, evidenciando e elucidando as diversas possibilidades que pessoas que vivem com HIV possuem de levar uma vida plena, segura e livre.

1 O REFLEXO DO PASSADO NO PRESENTE: A ESTIGMATIZAÇÃO DO HIV

Mesmo após mais de 40 anos de descoberta do vírus, com uma gama de antirretrovirais eficazes capazes de garantir a qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV e até mesmo medicamentos que podem prevenir infecções, ainda existem muitos preconceitos e estigmas quando se trata do assunto.

Conforme Zucchi, Barros, Paiva e Junior (2010, p. 721) o estigma pode ser compreendido “como um processo socialmente construído de desvalorização do indivíduo, que passa a ser portador de uma identidade deteriorada.” A partir da perspectiva abordada por esses autores, pode-se concluir que o julgamento feito através da identidade de alguém se relaciona à sua condição de saúde, o que por si só, já é estigmatizante. A construção do estigma que rodeia pessoas com HIV foi feita além de social, também midiaticamente, por meio das revistas, jornais e da televisão. As campanhas que demonizam a Aids contribuíram para o deterioramento e desvalorização dessas pessoas, possibilitando, assim, a perpetuação do estigma fomentado socialmente.

Para entender a construção desse estigma que ainda rodeia o imaginário popular é preciso, sobretudo, compreender que as pessoas que vivem com HIV carregam um fardo social de quatro décadas. Fardo esse repleto de falta de informação e, é claro, muito preconceito. Exemplos desse preconceito podem ser observados na forma como a mídia tratou o HIV através de campanhas de combate que tinham mais o efeito de demonizar o vírus do que realmente informar. Como afirma o pesquisador José Pires Azevedo, em seu texto "Textualizando experiências com HIV: a resiliência em canais do YouTube criados por pessoas soropositivas":

Quando as primeiras respostas vieram, principalmente em formas de campanha de conscientização, elas foram sendo construídas na série de preconceitos recorrentes da época. O tom pejorativo e o pânico foram alimentados em folhetos, cartazes, publicidades televisivas e etc. que estampavam frases de impacto como: "A Aids mata!", "Aids, você precisa saber evitar", "Quem vê cara não vê Aids.", ou ainda, a campanha de 1991 que dizia “Eu tenho Aids e não tenho cura”. Essas são frases, que aliadas as visualidades também impactantes dessas campanhas, contribuíram para o fomento da discriminação e estigma em torno de pessoas com o vírus. (AZEVEDO, 2019, p. 37)

Reflexos desse pensamento foram fomentados por décadas e ainda hoje são reproduzidos por grande parte da população. Ainda em 2024 falar sobre HIV e Aids é motivo de tabu. O estigma sobre o assunto tornou-se tão grande que, mesmo sendo um problema de saúde pública que está presente na sociedade há quatro décadas, é recorrente o seu

silenciamento e, conseqüentemente, sua negação. Diariamente essas pessoas são silenciadas social e até mesmo moralmente. Torna-se, deste modo, mais fácil a busca pelo culpado do que a sua aceitação coletiva. Nesse sentido, um discurso moralizante sobre o vírus parece operar muito mais na lógica da culpa do que da responsabilização.

Em um vídeo publicado em 2018 no YouTube, no canal “Falo Memo”, o jovem Lucas Raniel compartilha a sua vivência com HIV e dá detalhes da descoberta do seu diagnóstico, com o intuito de levar informação a pessoas que possam estar passando pelo mesmo que um dia ele passou. No entanto, há dois comentários no vídeo que chamam atenção e podem ser classificados como pensamentos e atitudes recorrentes e que são capazes de exemplificar um pouco dessa relação de estigma.

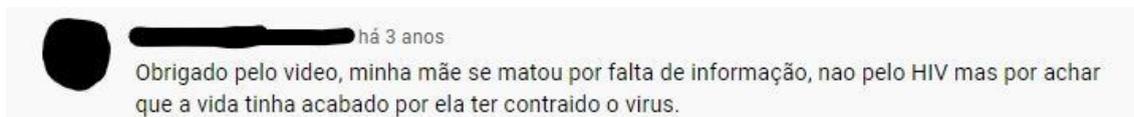


Ilustração 1: Comentário do usuário A

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EHYcpIOCip4>

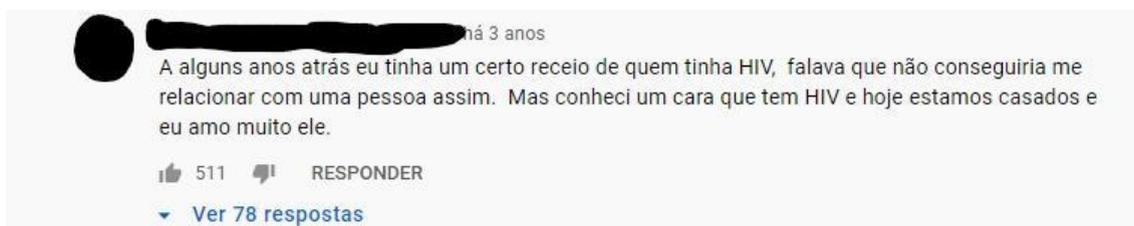


Ilustração 2: Comentário do usuário B

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=EHYcpIOCip4>

Nos comentários dos usuários A e B pode-se observar um fator em comum: a desinformação. Ela pode ser encarada como o principal coeficiente executor a respeito da estigmatização envolvendo o HIV. Desinformação essa que ainda mata não só a mãe do usuário A, mas diversas pessoas ao redor do mundo. O poder de informar e comunicar são dois grandes aliados para evitar perdas como essa. Um bom exemplo pode ser observado no comentário do usuário B, que assume seu receio a pessoas que vivem com HIV, mas após

informar-se é capaz, não só de compreender o assunto, mas ir além ao estabelecer uma relação sorodiscordante.²

A desinformação é, sem dúvida, um importante ingrediente do preconceito, mas se este não for considerado em sua complexidade, examinando-se as relações políticas de poder e dominação, continuaremos tratando esta questão como mera necessidade de “tolerância cultural”. No caso do estigma da Aids, nos contentaríamos com a garantia de proteção do direito à não discriminação, sem que pudéssemos entender como a somatória de estigmas relacionados a gênero, sexualidade, uso de drogas, raça/ etnia e classe social pôde produzir respostas tão explosivas de raiva, medo, negação, exclusão, dentre muitas outras. Portanto, a informação deve vir juntamente com a explicitação do contexto que a faz necessária, possibilitando a reflexão (ZUCCHI; BARROS; PAIVA; JUNIOR, 2010, p. 730)

Assim sendo, é possível concluir que o estigma e a desinformação andam juntos quando o assunto é HIV e, infelizmente, a desconstrução, ou não, desse estigma pode levar a caminhos distintos, como exemplificado acima. Essa estigmatização ainda hoje é tão grande que faz com que muitas pessoas tenham o mesmo pensamento a respeito do HIV de 40 anos atrás. Grande parte da população sequer sabe dos avanços na medicina para essas pessoas, ou a diferença entre HIV e Aids.

Ainda nesse sentido, uma informação muito importante sobre o assunto e que desmistifica todo o ideal errôneo propagado é a importância de se tornar indetectável. Uma pessoa vivendo com HIV, que faz o uso da sua medicação corretamente, tem a carga viral em seu corpo indetectável, isto é, intransmissível. Conforme aponta Azevêdo, a quantidade de vírus em seu corpo é tão pequena que é incapaz de ser transmitida. Ter o conhecimento massivo dessa informação seria um bônus social. Mas a grande maioria das pessoas sequer tem o interesse em saber disso, e escolhem o já tradicional discurso conservador, que tem enraizado em seu pensamento a estigmatização com o HIV e as pessoas que com ele vivem.

Nesse sentido, estar indetectável e se manter assim apresenta-se como uma possibilidade de colocar a condição de existência do viver com HIV inclusive de volta ao campo da sexualidade, do desejo e dos prazeres. Discursivamente, são sentidos adicionados pela indetectabilidade que vão disputar com preconceitos que retiravam ou condenavam essas possibilidades para os corpos com o vírus e que alimentavam uma série de conflitos como a dificuldade em se relacionar afetivo-sexualmente após o diagnóstico. É esse estágio que vai permitir, portanto, as possibilidades de ter filhos sem o vírus por meio de relações sexuais e, nesse mesmo sentido, também pela supressão do uso da camisinha nas relações sexuais sem chances de infecção. (AZEVEDO, 2019, p. 106)

² “Um casal sorodiscordante, ou sorodiferente, é aquele formado entre uma pessoa que vive com HIV e outra pessoa que não vive com HIV.” Disponível em <
<https://www.farmacia.ufmg.br/pensandonisso/casais-sorodiscordantes-o-que-sao/>> Acesso em: 18/07/2021

Viver com HIV não impossibilita um ser humano de levar uma vida plena como qualquer outro. Não o impossibilita de construir relações afetivas ou constituir uma família. Não modifica seus ritmos de trabalho e não impede nenhum tipo de relação. Ao desestigmatizar o HIV, essas percepções podem ser observadas e compreendidas com naturalidade. Viver com HIV em 2024 já não é mais como nos anos 80.

1.1 Exclusão

À medida que a convivência em sociedade se desenvolve, surgem grupos, e as experiências compartilhadas nesse contexto social acabam por desencadear processos de exclusão. Esse último pode ocorrer através das mais variadas formas, afetando diretamente os grupos minoritários, como a comunidade LGBTQIA+³, negros, pessoas com deficiência, moradores de rua e pessoas em vulnerabilidade social.

Para entender as questões da estigmatização e da discriminação, seja em relação ao HIV e a Aids ou a qualquer outra questão, é necessário, portanto, que pensemos de maneira mais ampla sobre como esses grupos, por exemplo, vieram a se tornar socialmente excluídos, e sobre as forças que criam e reforçam a exclusão em diferentes ambientes.

Para Bauman (2005), a exclusão é um dos componentes que o indivíduo mais deve temer durante a vida, posto que quando a exclusão é promovida dentro de um espaço social, instintivamente classes dominantes começam a surgir e as demais passam a ser inferiores e menos favorecidas. No Brasil, desde o período colonial é possível observar essa sobreposição de classes, haja vista a relação entre colonizador e colonizado.

A obra *Anticorpos Para o Combate ao Vírus Colonial* nos fornece um quadro crítico sobre como a arte pode ser usada para ressignificar a vivência com HIV. Ao contextualizar o HIV dentro de uma luta maior contra as opressões coloniais e patriarcais, a arte oferece uma forma poderosa de resistência cultural e política. A arte é tanto uma forma de autocuidado quanto uma maneira de se posicionar politicamente contra as estruturas que perpetuam o preconceito. Dentro dessa hierarquização racial, Guilherme Marcondes sugere:

³ Ao longo dos anos, as mais variadas nomenclaturas e siglas foram utilizadas para se referir a essa comunidade. Com o intuito de abarcar as mais diferentes e variadas formas de ser quem é, opto aqui por utilizar esta definição que representa as lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e ainda incluem as mais diversas orientações sexuais e identidades de gênero.

Nesse contexto, a criação da ideia fictícia de raça serviu para autorizar os tais homens brancos europeus, os que se auto-construíram como humanos, a sequestrarem, escravizarem, marginalizarem e estigmatizarem pessoas que não se assemelhavam a eles próprios. Como definiu Achille Mbembe (2014; 2018), a partir da criação de uma necropolítica pautada na ideia de raça, o branco se tornou o modelo universal de ser humano. Sendo assim, entendo a raça como uma tecnologia do conhecimento criada por brancos a fim de explorar os recursos naturais e os outros em seu benefício. Deste modo, vêm, basicamente, separando o que chamam de humanidade do restante da natureza, constituindo e reconstruindo um sistema de exploração que tem por base a criação de capital (num sentido legado por Karl Marx) para alguns(mas) em detrimento de outros(as/xs) e têm marginalizado e espoliado populações que não se assemelham a si próprios (MARCONDES, 2020, p. 01)

De acordo com Lidiane Soares Santos, “a exclusão é um processo inerente à forma de produção e acumulação capitalista, que por si só já é um sistema excludente, e impõe diferentes formas de privações aos indivíduos” (SANTOS, 2007, p. 102). A partir dos apontamentos do autor sobre o capitalismo - sistema que move o mundo - e da exclusão, dois pontos podem ser analisados.

O primeiro é que a sociedade é construída através de camadas de estratificações que definem o que você é e o que vale conforme sua inserção nessas camadas, ou seja, uma parcela muito pequena está no topo dessa estratificação, ao passo que a maior parte está concentrada em um lugar inferior e passam a ser subordinados a essa primeira classe. O segundo ponto reconhece que, com a ascensão desses grupos dominantes, a grande maioria da população, que pode ser compreendida como classe menos favorecida, fica à mercê de quem dita as regras, isto é, da classe dominante. Trazendo este ponto para o contexto da pesquisa, pode-se afirmar que quem definiu a exclusão e silenciamento das pessoas que vivem com HIV foi quem realmente tinha poder para tal. Essa relação de poder e exclusão pode ser encontrada em diferentes camadas sociais, desde a mídia à política. Quanto maiores os traços de estratificações capazes de subjugar o indivíduo, maior será a sua exclusão frente à sociedade. Por isso, grupos que historicamente foram colocados como inferiores, ainda hoje são excluídos socialmente e buscam maiores direitos igualitários.⁴

⁴ Como exemplos dessa desigualdade tem-se o resultado das eleições municipais de 2024 em que apenas 10.634 mulheres foram eleitas para o cargo de vereadora, o que corresponde a 18,24% das vagas para o cargo no país, de acordo com o levantamento feito pelo portal G1. Já os negros, ocupam menos de 5% dos cargos de chefia, segundo levantamento feito pela empresa Vagas.com. Com relação a comunidade LGBTQIA+, uma pesquisa feita pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mostra que por hora um LGBTQIA+ é agredido no Brasil. Ainda são grandes as limitações que dificultam o acesso de grupos marginalizados ao poder, principalmente se levado em conta todo seu histórico de exclusão.

No contexto do HIV, o grupo mais marginalizado foi a comunidade LGBTQIA+, que carregou o peso da associação exclusiva à epidemia. Romper com esse estigma é um desafio, pois, apesar do passar dos anos, essa estereotipação ainda persiste socialmente.

Como consequência desse processo de perpetuação do estigma, tem-se a exclusão da pessoa que vive com HIV, tanto da sociedade para com ela, quanto dela para com a sociedade. Em um primeiro momento, é recorrente que, após o diagnóstico⁵, a pessoa se isole e tenha dificuldades em aceitar a sua nova condição, o que está diretamente ligado à exclusão social praticada para com pessoas vivendo com HIV. Conforme Sousa, Kantorski e Bielemann (2004) “O indivíduo é colocado dentro de um grupo de pessoas que é estigmatizado pela sociedade, por isso, ante à pressão social, utiliza-se do segredo como forma de enfrentamento para manter a sobrevivência do grupo.”

Um exemplo de exclusão que pode ser observado ao abrir a sorologia, é o do cantor Cazusa, que morreu em decorrência da Aids, no fim da década de 80, quando o tabu envolvendo o assunto era ainda maior se comparado a hoje. Cazusa foi a primeira personalidade nacionalmente conhecida a declarar-se com a doença. A declaração, que exigiu coragem por parte do astro do rock, gerou reações de preconceito.

Talvez o exemplo mais notório desse posicionamento alienante e que contribui para a propagação desse preconceito é o da revista *Veja*, de 26 de abril de 1989. Na ocasião, o veículo trouxe como capa daquela quarta-feira o cantor em sua pior fase, extremamente magro, como nunca visto antes. A fotografia do artista com seus braços cruzados, a melancolia por trás da capa e a paleta de cores utilizada contribuíram para estimular o preconceito já existente. Tais recursos, somados à frase: “Cazusa - uma vítima da Aids agoniza em praça pública” reforça o ideal de sofrimento, dor e castigo veiculados pela mídia. Ao analisar a revista, o pesquisador José Henrique Pires Azevêdo afirma:

A edição está no ranking das mais polêmicas da revista justamente porque suscitou naquela altura uma forte discussão sobre o preconceito e desrespeito em relação às pessoas soropositivas. Atualmente a capa é lembrada como indicativa de um momento em que a culpabilização das vítimas do HIV (especialmente LGBTQI) pela própria infecção, o julgamento moral e a discriminação intensa davam o tom dos discursos correntes. (AZEVEDO, 2019, p. 36)

⁵ Nem sempre as pessoas que vivem com HIV recebem um diagnóstico. Há também casos chamados de transmissão vertical, em que ocorre a transmissão do vírus da mãe para o filho. Nestes casos, a construção do processo de exclusão tende a ser ainda mais emblemático, posto que ele ocorre durante toda a vida. Não existe uma vida pré e pós-HIV para essas pessoas. Está sempre foi à sua realidade e a construção dessa exclusão de si para com a sociedade e vice-versa, enfrenta diferentes vertentes ao longo do seu crescimento.

Pensar que todo esse fardo foi imposto a uma pessoa publicamente conhecida, fez certamente com que as pessoas repensassem a abertura da sua sorologia naqueles anos, por medo do que pudesse acontecer e de ter que enfrentar todo o julgamento externo e lidar com a exclusão social.

Quanto mais distante daquilo que foi imposto e considerado como padrão pela sociedade maior tende a ser a exclusão sobre os grupos minoritários, como a comunidade travesti, enfrentam desafios significativos devido à discriminação e à violência estrutural. Esses indivíduos frequentemente são marginalizados em diversas esferas, incluindo saúde, educação e emprego. A vulnerabilidade social resulta em consequências diretas para a saúde mental e física dessas populações. A luta por direitos e reconhecimento é fundamental para promover a inclusão e garantir que suas vozes sejam ouvidas. A pesquisa sobre a relação entre violência estrutural e a saúde de minorias é crucial para entender as dinâmicas sociais que perpetuam essas desigualdades. Ao abordar essas questões, é possível criar políticas públicas mais eficazes e direcionadas, promovendo um ambiente mais justo e equitativo. Como mencionado por Carmo:

O que levantamos como barreira é a própria estabilização de um poder que é instável, pois pode ser desafiado pelas lutas entre os grupos que se põem em contato. Entretanto, o que temos verificado é cada vez mais violências física e simbólica. Rouquette⁹⁴, abordando as condições que, segundo ele, podem ser relacionadas à manifestação da violência das massas, assevera que o ato violento tem como objeto grupos com os quais se estabelece uma relação de dominância numérica, real ou suposta. Esse autor parece atribuir o conceito de minoria a grupos (não necessariamente minoritários no sentido numérico), cujas normas passaram, num plano ético, por um processo de minorização que os coloca fora da "normalidade"⁹⁵. Por isso, a intolerância pode ser compreendida como manifestação de algo, tal qual o preconceito, a discriminação e a violência, dentre outros. Nesse sentido, quando a intolerância se manifesta para além da esfera discursiva, vemos episódios de violência não apenas simbólica, mas também física, como resultados de um discurso de ódio, algo que tem sido debatido tanto no universo da filosofia⁹⁶ quanto no jurídico⁹⁷. (CARMO, 2016, p. 2017)

Exemplos são os reflexos escravocratas intrínsecos à sociedade. Mesmo após o fim da escravidão, a população negra ainda carrega vestígios dessa exclusão, seja na educação, economia ou profissionalmente.

Paralelamente a essa exclusão familiar, em seu entorno já se configuram outras ondas de exclusão, que vão se conjugando, tais como a exclusão escolar, a exclusão social, a exclusão econômica, a exclusão sexual, a exclusão cultural, a exclusão religiosa, a exclusão racial. Ou seja, uma total exclusão de direitos, que não só denigre como impossibilita a essas pessoas o direito fundamental de construir a sua cidadania. (PERES, 2004, p.26)

Se fazer parte de uma minoria gera, então, a exclusão; quanto mais características minoritárias um indivíduo apresentar, maior à sua exclusão por parte da sociedade. Ao passo que a epidemia da AIDS avança pode-se observar que a tendência foi fazer com que as pessoas que tinham o vírus se isolassem ou não tornassem o assunto público por medo da exclusão.

Cada uma dessas experiências de exclusão vividas segue configurando ações de violências que esfolam os corpos e as almas humanas. A violência a que essas pessoas são expostas, gerada pelas forças sociais de origem patriarcal e heterossexistas, com seus operadores morais, cientificistas e legalistas, produz diversas e intensas formas de opressão, evidenciando a desigualdade social, sexual e de gênero de forma cada vez mais nítida. (PERES, 2024, p.26)

O medo passa a caminhar junto com a exclusão nesse contexto. Isso além de perpetuar o estigma contribuiu para a desinformação e a banalização das pessoas vivendo com HIV, que ainda hoje é sentido. No combate a esse processo de exclusão e de opressão, a solidariedade torna-se um laço fundamental que visa quebrar esse preconceito e retirar os indivíduos desse espaço exclusivo. ONGs, livros, boletins e filmes são então capazes de perfurar as questões morais, éticas e fundamentalmente opressoras que levam à marginalização e posterior exclusão de pessoas que vivem com HIV (AZEVEDO, 2019). Do mesmo modo, esses produtos da cultura também colaboram para expandir as ideias e conceitos sobre o HIV e a Aids e passam a ser um instrumento fundamental e difusor de ideias.

O medo do preconceito leva muitas pessoas a esconderem suas sorologias, mesmo em situações em que a revelação poderia melhorar sua saúde e bem-estar. Esse "armário sorológico" é especialmente prejudicial porque impede a criação de uma comunidade visível de apoio, dificulta o acesso a recursos e fortalece o ciclo de estigmatização. Conforme destacado no Manifesto Queer Nation, a invisibilidade forçada é uma forma de opressão, e sair desse armário é uma forma de resistência:

Nós saímos do armário, encaramos a rejeição da sociedade, enfrentamos pelotões de fuzilamento, apenas para amarmos uns aos outros! Cada vez que nós fodemos, nós vencemos. Devemos lutar por nós mesmas (ninguém mais irá fazê-lo) e se neste processo trouxermos maior liberdade para o mundo, que ótimo! (Já demos tanto a este mundo: a democracia, as artes, os conceitos de amor, a filosofia e a alma, para nomear apenas algumas das dádivas das nossas antigas sapas e bichas gregas). Vamos fazer de cada espaço um espaço gay e lésbico. De cada rua uma parte da nossa cartografia sexual. Uma cidade de desejos e então de total satisfação. Uma cidade e um país onde estejamos seguras, livres e mais! Devemos olhar para nossas vidas e enxergar o que nelas há de melhor, o que há de torto (queer) e o que há de norma (straight) e mandar a norma à merda! Lembrem-se que temos pouco, tão pouco tempo. (Manifesto Queer Nation, 1990)

Essa afirmação traz uma importante reflexão sobre o papel que a sociedade desempenha na perpetuação do estigma. O vírus em si não define uma pessoa, mas o preconceito institucionalizado tem sido a verdadeira barreira para a aceitação das pessoas que vivem com HIV. Viver com HIV não é uma falha; o verdadeiro problema está no preconceito que trata essas pessoas como inferiores ou perigosas. Ainda de acordo com o manifesto:

Os héteros não farão isso voluntariamente e, portanto, devem ser forçados a fazê-lo. Devem ser amedrontados a fazê-lo. Aterrorizados a fazê-lo. O medo é o mais poderoso motivador. Ninguém nos dará o que merecemos. Direitos não são dados, são tomados – pela força, se necessário. É mais fácil lutar quando você reconhece quem é o inimigo. Os heterossexuais são o inimigo. São o inimigo quando não reconhecem a sua invisibilidade e continuam a viver e a contribuir para uma cultura que te mata. Todo dia uma de nós é levada pelo inimigo. Seja numa morte por AIDS devido à omissão de um governo homofóbico ou num ataque a lésbicas em algum bar noturno (em uma vizinhança supostamente lésbica), estamos sendo sistematicamente linchadas e continuaremos sendo descartadas a menos que entendamos que se levarem uma de nós terão de levar todas nós. (Manifesto Queer Nation, 1990)

1.2 Identidade

O debate sobre identidade pode ser visto como uma das grandes questões humanas. Ao longo da vida, o ser humano busca de maneira constante a compreensão acerca de sua própria identificação, na tentativa de reconhecer-se e encontrar-se enquanto pessoa, descobrindo, assim, quem realmente é. Durante esta trajetória os gostos, opiniões e percepções mudam e isso é inerente à natureza humana. Quanto maior o espaço de tempo, mais é possível observar essas mudanças, que em boa parte refletem o meio em que estão inseridos. Faz parte do processo de evolução ter diferentes ideias e percepções e todos esses fatores contribuem para a formação da identidade. Este conceito se entrelaça ao bem-estar social e à própria insegurança, posto que a identidade que construímos e apresentamos à sociedade é o que fomenta a forma como essa última nos enxerga. Sobre identidade, Stuart Hall pontua:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. (HALL, 2000, p.81)

Essa relação de poder entre identidade e a diferença, estabelecida por Hall, é um dos grandes pilares da engrenagem social. A construção identitária associa-se ao poder quando se observa quais características identitárias os grupos socialmente privilegiados possuem em comum. O que foge desse padrão é taxado como inferior e colocado em escanteio, gerando, assim, a diferença. Esse poder social que a identidade tem está presente em todas as esferas sociais. Na política, por exemplo, em que essa relação de poder é sentida de forma mais abrangente, a identidade de seus dominantes é, em sua maioria, de homens brancos, cisgêneros, que transmitem o ideal de masculinidade e, muitas vezes, de soberania da figura masculina em relação à feminina. Ter uma identidade socialmente aceita pode levar a lugares de certos benefícios.

Para Bauman (2005), a identidade só é apresentada ao ser humano como algo que deve ser inventado, ao contrário de descoberto. Descobrir uma identidade demanda tempo e aceitar a construção dessa identidade descoberta é um processo. Nem sempre a identidade que descobrimos e que nos pertence vai ser a identidade socialmente aceita e gerar benefícios e poder social, como Hall pontua. Descobrir a identidade tem de ser, então, um processo natural, como observado pelo sociólogo polônes Zygmunt Bauman:

[...] uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente ocultada. (BAUMAN, 2005, p. 22)

Se o trajeto de descobrir uma identidade por si só já é árduo e dúbio, no que diz respeito à construção identitária dos grupos minoritários, esse processo torna-se ainda mais complexo e foi sobre esses grupos que recaiu os julgamentos acerca da Aids.⁶

Nesse contexto de julgamento é possível traçar uma analogia sobre a saída do armário da sexualidade com a saída do “armário da soropositividade” (AZEVEDO, 2019). A partir dessa ideia de armário da soropositividade, pode-se concluir que ser gay por si só já exige um “protótipo” nada peculiar, visto que há muitas vezes a obrigação de externalizar essa informação a quem se é próximo e ao mundo. O que não acontece, por exemplo, quando se é heterossexual. Não é preciso sair de um armário e declarar-se hétero. Já as reações à saída do armário da sexualidade são as mais variadas possíveis, de acordo com o ambiente em que o

⁶ O fato de a comunidade LGBTQIA+ ter tido sua identidade associada como principal culpada por uma epidemia, faz com que o processo de construção de uma identidade enquanto soropositivo seja ainda mais difícil, visto que, a identidade construída de uma pessoa positiva foi deteriorada, estereotipada e marginalizada.

indivíduo está inserido. Não é preciso afirmar a ninguém que se é hétero, mas é necessário sair do armário e assumir-se gay e suportar todos os julgamentos e as mais tristes e adversas reações que pessoas LGBTQIA+ enfrentam. Sem contar, é claro, na marginalização da comunidade. Ser homossexual e ser positivo de longe possuem são sinônimos, embora por muito tempo essa associação tenha sido estabelecida.

Desta forma, é como se ser positivo exigisse uma segunda saída do armário, no caso de pessoas LGBTQIA+, expondo-se a mais preconceito (AZEVEDO, 2019). É corriqueiro, deste modo, que muitos ocultem tanto a sua sexualidade quanto à sua sorologia por medo e receio de todo preconceito, não abrindo uma das portas do armário ou permanecendo com ambas fechadas, de acordo com José Henrique Pires Azevêdo:

Assim, a vigilância com os corpos de pessoas com HIV forçava também a abertura da orientação sexual. Pessoas que, até então não haviam tornado pública a identidade homossexual, com a Aids, pouco tiveram de chances em negar ou preservar essa identidade. [...] A cronicidade do HIV permite outras relações de exposição da sorologia em que as respostas às perguntas porque contar ou porque não contar não podem ser simplificadas. (AZEVEDO, 2019, p. 82 e 83)

Um dos pontos marcantes que pode ser observado ao longo das últimas décadas é a construção da identidade de uma pessoa vivendo com HIV, tanto dela própria como da sociedade para com ela. Conforme Azevêdo, para que haja essa construção identitária, é preciso, sobretudo, um processo de aceitação, que não possui um prazo pré-estabelecido para acontecer. “A exposição da sorologia deve ser entendida a partir de uma escolha, algo quase impossível anos atrás, já que tanto a exposição quanto o ocultamento eram em grande maioria forçados.” (AZEVEDO, 2019, p. 83)

Se a construção e descoberta dessa identidade que já estava em desenvolvimento anteriormente parecia turbulenta para o indivíduo, ao receber o diagnóstico de HIV, uma nova condição é adicionada a essa identidade e um novo processo de reconhecimento de si próprio é iniciado. “A fragilidade e a condição eternamente provisórias da identidade não podem mais ser ocultadas” (BAUMAN, 2005, p. 22).

Identidade não é um mecanismo estático e imutável. Ela passa por diferentes processos de metamorfose, principalmente quando novas condições humanas vão atribuir a essa identidade, novos significados. É isso que ocorre com a construção identitária de uma pessoa com HIV: sua identidade passa por um processo de resignificação. É como se a identidade que aquela pessoa tinha antes, com as características de anteriormente apresentadas fossem

provisórias, para que, agora, ela ganhe a possibilidade de uma nova descoberta de si. E não ocultar os traços dessa nova identidade é fundamental para sua aceitação.

1.3 Pertencimento

Braga e Gastaldo (2018) defendem que a noção do que é pertencimento e o desejo de pertencer, de fazer parte de um grupo ou Instituição é um dos princípios elementares da vida humana. A convivência em sociedade faz com que o ser humano queira participar, fazer parte e pertencer a um grupo em que ele se identifique, que apresente características peculiares e comuns às suas, sejam elas físicas, políticas, religiosas ou pessoais.

Durante a transição da década de 80 para 90 começam a surgir os grupos de apoio às pessoas com HIV. Esse período de mobilização social e solidário ficou conhecido como o período de politização da Aids (GALVÃO, 2000). Esses grupos podem ser percebidos como importantes ferramentas no processo de pertencimento coletivo dessa comunidade, que vinha sofrendo de maneira incessante a marginalização de sua identidade. Era urgente a necessidade de um respaldo de apoio coletivo a quem essas pessoas pudessem recorrer e, sobretudo, pertencer. A criação desses grupos foi fundamental tanto para o processo de desconstrução do estigma e a busca por direitos relacionados ao HIV, quanto para acolhida dessas pessoas. Essas iniciativas foram os primeiros passos para que a comunidade pudesse, efetivamente, pertencer, como mostra José Henrique Pires Azevêdo em seu trabalho:

Questões sociais e políticas inerentes à epidemia ganharam visibilidade tanto pela ação desses grupos quanto pelo trabalho das ONGs que surgiram a partir de 1985. A primeira delas foi o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids de São Paulo, o Gapa, formado a princípio por voluntários e profissionais de diversas áreas que tinham o intuito de acolher pessoas com o vírus, formular campanhas de prevenção, atuar em processos jurídicos, desenvolver atividades sociais e articular respostas frente à discriminação e ao preconceito acentuados da época. (AZEVEDO, 2019, p. 39)

Esses movimentos que surgiram nas décadas passadas foram responsáveis pela democratização da discussão sobre HIV, mesmo que essa ainda enfrente um constante tabu. Por meio desses movimentos, pôde ser criada uma rede de apoio que acolhe diariamente pessoas que precisam sentir-se pertencentes após o diagnóstico. O assunto que outrora era pouco abordado e começou a ser explorado em grupos de acolhimento, hoje, já pode ser encontrado nas redes sociais e em vídeos no YouTube. Há alguns anos isso poderia ser

inconcebível. No entanto, a discussão ainda enfrenta muito estigma e preconceito. Por isso, faz-se necessário pessoas que decidem compartilhar suas vivências com HIV, grupos de apoio e demais formas de acolhimento. Essas ferramentas proporcionam a um indivíduo recém-diagnosticado a sensação de amparo.

O documentário brasileiro *Deus Tem Aids*, lançado em 2021, é uma produção audiovisual que aborda de maneira inovadora e corajosa a vida de pessoas que convivem com HIV e o estigma social que ainda persiste em torno da doença. Dirigido por Gustavo Vinagre e Fábio Leal, o documentário foca na trajetória de sete artistas PVHIV que utilizam suas expressões artísticas para discutir a sorofobia⁷ e o impacto emocional e social de viver com HIV. Mais do que um simples relato pessoal, a obra é uma denúncia contra a discriminação ainda presente na sociedade e um grito de resistência pela desestigmatização da soropositividade.

A importância de filmes como *Deus Tem Aids* vai além da representação artística. Eles desempenham um papel importante na educação pública, ajudando a combater o preconceito e a desinformação que perpetuam a exclusão social de PVHIV. O poder do audiovisual reside na sua capacidade de humanizar essas histórias, oferecer novas perspectivas e desafiar narrativas estigmatizantes que, muitas vezes, dominam o discurso popular em torno do HIV.

Deus Tem Aids se destaca por sua abordagem direta e sem rodeios ao tema. Ao focar em artistas que vivem com HIV, o filme não apenas dá voz a um grupo frequentemente marginalizado, mas também utiliza a arte como meio de ressignificar a soropositividade. A escolha dos diretores de explorar as histórias pessoais de artistas visa romper com a imagem estigmatizada do HIV como uma sentença de isolamento ou morte.

Cada personagem no documentário traz sua própria experiência, mostrando a complexidade e a diversidade da vida com HIV. A arte, como expressão de suas vivências, é apresentada como uma forma de resistência ao estigma e como um meio de cura. O filme enfatiza que o HIV não define quem as pessoas são, e que a soropositividade pode coexistir com a vitalidade, a criatividade e a contribuição social.

⁷ A sorofobia é o preconceito e discriminação contra pessoas que vivem com HIV ou AIDS, caracterizando-se por atitudes de exclusão, estigmatização ou tratamento desigual. No Brasil, o crime de sorofobia pode ser enquadrado na Lei nº 12.984/2014, que prevê sanções para quem discriminar PVHIV, impondo penas de reclusão de 1 a 4 anos e multa. A lei criminaliza práticas discriminatórias como recusar emprego ou atendimento médico a pessoas vivendo com HIV.

Além disso, *Deus Tem Aids* vai além do tema da sorofobia para tocar em questões como a homofobia, a transfobia e o racismo, demonstrando como diferentes formas de discriminação estão interligadas. A abordagem interseccional da obra revela que o estigma em torno do HIV afeta de forma mais intensa aqueles que já são vulneráveis a outras formas de opressão. Ao humanizar as experiências de pessoas vivendo com HIV, essas produções contribuem para a desestigmatização e promovem o respeito e a igualdade.

Outro aspecto crucial é a educação. O audiovisual pode corrigir equívocos sobre a transmissão do HIV, o que ajuda a reduzir o medo e o preconceito associados ao vírus. No caso específico de *Deus Tem Aids*, o filme enfatiza que, com o tratamento adequado, pessoas vivendo com HIV podem ter uma vida longa e saudável, e que a carga viral indetectável significa que não há risco de transmissão.

Essas produções também são importantes na promoção de políticas públicas mais inclusivas. Ao trazer visibilidade para a questão do HIV e destacar as falhas nas políticas de saúde e combate à discriminação, filmes como *Deus Tem Aids* contribuem para a criação de um debate social mais informado e urgente.

O filme *Deus Tem Aids* e outras produções audiovisuais têm um papel fundamental na luta contra a sorofobia e na desestigmatização do HIV. Ao dar voz às experiências de PVHIV, essas obras oferecem uma narrativa alternativa às visões estigmatizantes e preconceituosas que ainda prevalecem. Elas não apenas educam o público, mas também promovem a empatia e a inclusão, elementos essenciais para construir uma sociedade mais justa e igualitária. O impacto dessas produções vai além do entretenimento, ajudando a transformar percepções sociais e a melhorar a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo.

A obra *Anticorpos Para o Combate ao Vírus Colonial* nos fornece um quadro crítico sobre como a arte pode ser usada para ressignificar a vivência com HIV. Ao contextualizar o HIV dentro de uma luta maior contra as opressões coloniais e patriarcais, a arte oferece uma forma poderosa de resistência cultural e política. A arte é tanto uma forma de autocuidado quanto uma maneira de se posicionar politicamente contra as estruturas que perpetuam o preconceito. De acordo com Guilherme Marcondes:

Assim como Ailton Krenak, muitos(as/xs) outros(as/xs) se sentem excluídos(as/xs) desse seletor clube, e aqui incluo favelados(as/xs) e refugiados(as/xs) de todos os morros, becos, vielas, zonas fronteiriças, prisões, manicômios e campos de concentração pelo mundo afora. Pessoas que há pelo menos cinco séculos vêm tendo seus saberes, religiosidades, belezas, artes e modos de existir negados em prol da dita humanidade, que se coloca acima de tudo e todos(as/xs) que com ela coabitam a Terra. A modernidade criou, deste modo, um mundo que assassina pessoas e destrói a biodiversidade. No que diz respeito às pessoas outras (não-brancas), trata-se não apenas de um genocídio da população negra, mas também de indígenas, aborígenes, LGTBQ+ e pessoas empobrecidas, vítimas desse próprio sistema moderno de

existência. Proponho, assim, compreendermos a colonialidade como um vírus, um vírus colonial. Na origem latina da palavra, vírus é um veneno. Persistente e contagioso, o vírus colonial enriqueceu seus criadores, contribuindo para o seu domínio sobre a Terra. (MARCONDES, 2020, p.1)

2. O FATO E O FAKE: HIV NÃO É AIDS

Embora presente na história, cotidiano e na saúde pública, os maiores empecilhos para desmistificar e democratizar o debate a respeito do HIV, ainda são os próprios tabus sociais criados no começo da epidemia, na década de 80. Já são mais de 40 anos e ainda assim, o que dificulta a chegada de informação, para posterior normalização do debate e a quebra do tabu dá-se ao fato de que há resistência em grande parcela da população, em minimamente se dispor a ouvir sobre o assunto. Preferindo, assim, continuar encarando o HIV e a Aids como uma realidade distante e que atinge o outro. Ignorando o fato de que já não há mais os chamados “grupos de risco”. O que existe é comportamento de risco, o que neste caso, é uma realidade de quem pratica sexo. Qualquer pessoa que tem uma vida sexual ativa está suscetível à exposição a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)⁸, inclusive ao HIV

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) são frequentemente confundidos, mas representam fases diferentes da mesma infecção.

O HIV é um retrovírus que ataca o sistema imunológico, especialmente as células CD4+, também chamadas de células T auxiliares. Essas células são importantes para o bom funcionamento do sistema imunológico, pois ajudam a regular a resposta do corpo às infecções. Com o tempo, se o VIH não for tratado, destrói lentamente estas células e enfraquece o sistema imunitário. As pessoas podem estar infectadas com o VIH durante muitos anos sem apresentar quaisquer sintomas ou desenvolver Aids. Esta fase inicial é chamada de infecção assintomática ou fase tardia, e o vírus pode ser controlado com

⁸ “A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.” Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/dst#:~:text=Importante%3A%20terminologia%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente.mesmo%20sem%20sinais%20e%20sintomas.>>> Acesso em: 11/10/2024

medicamentos antirretrovirais (ARVs). A Aids, por outro lado, é a fase final da infecção pelo VIH. Isto ocorre quando o sistema imunitário está gravemente comprometido e o número de células CD4+ cai abaixo de um determinado nível, ou quando se desenvolve uma infecção grave e agressiva ou cancro que pessoas saudáveis normalmente seriam capazes de combater. Em outras palavras, a Aids é um grupo de doenças que ocorrem devido ao enfraquecimento do sistema imunológico causado pelo vírus HIV.

É importante enfatizar que nem todas as pessoas que vivem com HIV desenvolvem Aids, especialmente com os avanços no tratamento. Os medicamentos antirretrovirais mantêm a quantidade de vírus no sangue em níveis indetectáveis, o que significa que os níveis do vírus no organismo são muito baixos, reduzindo o risco de infecção e retardando a propagação da Aids. Em suma, o VIH é um vírus causador de infecções e a Aids é a forma mais avançada da doença, caracterizada por um sistema imunitário enfraquecido. O diagnóstico precoce e o tratamento correto são importantes para evitar que a infecção pelo VIH se transforme em AIDS.

2.1 Indetectável = Intransmissível

Com os avanços significativos da medicina, viver com HIV tornou-se uma realidade completamente diferente da que existia no início da epidemia nos anos 1980. Atualmente, graças às terapias antirretrovirais (TARV), as pessoas que vivem com HIV podem atingir um estado chamado de indetectável, o que significa que a quantidade de vírus no sangue é tão baixa que não pode ser detectada pelos exames de carga viral. Esse avanço não só possibilita que essas pessoas levem uma vida saudável e plena, como também impede a transmissão do vírus para outras pessoas, mesmo em relações sexuais desprotegidas. O conceito de "indetectável = intransmissível" (I=I) revolucionou a compreensão da convivência com HIV.

Com a criação e aperfeiçoamento dos tratamentos antirretrovirais, a ciência trouxe uma perspectiva renovadora e que possibilita uma vida plena aos diagnosticados com HIV. O conceito de indetectabilidade surgiu a partir de evidências científicas que demonstraram que, uma vez que a carga viral de uma pessoa é suprimida com o uso contínuo da TARV, o vírus se torna indetectável. Sendo assim, este marco não só protege a saúde das PVHIV, mas também elimina o risco de transmissão do vírus.

Segundo Azevêdo (2019), ao analisarmos os relatos de PVHIV em canais do YouTube, vemos uma forte narrativa de resiliência, na qual muitos relatam como o acesso ao tratamento

transformou suas vidas. Ele também menciona como a indetectabilidade permite que essas pessoas desconstruam preconceitos sociais e redefinam suas identidades. Assim, a terapia antirretroviral vai além de ser um tratamento médico: ela é também uma ferramenta de empoderamento e luta contra o estigma.

Além disso, Valle (2002) em sua obra *Identidades, doença e organização social*, explora como as identidades das pessoas vivendo com HIV foram transformadas ao longo das décadas. Nos primeiros anos após o surgimento da epidemia, a infecção pelo HIV era sinônimo de morte iminente. Com o tempo, o desenvolvimento de tratamentos eficazes permitiu que as identidades dessas pessoas se distanciassem da ideia de vulnerabilidade e terminalidade para uma postura mais ativa, ligada à resiliência e à qualidade de vida. Esse processo de reorganização social foi essencial para que, hoje, pessoas com HIV possam se ver como agentes de suas próprias vidas, com a indetectabilidade sendo um símbolo dessa autonomia.

O conceito de indetectabilidade, além de seus impactos na saúde física, também tem uma importância social profunda. Segundo Azevêdo (2019), muitas pessoas vivendo com HIV relataram que o estado de indetectabilidade permitiu-lhes retomar suas vidas com um senso de normalidade. Eles não apenas permanecem saudáveis, mas também rompem com o medo de serem estigmatizados ou marginalizados por sua condição.

Para muitos, o estado de indetectabilidade atua como um ponto de virada, permitindo que eles conquistem suas identidades e relações sociais. Valle (2002) explora como essa reorganização social ajuda a criar percepções da pessoa vivendo com HIV, afastando-se do estereótipo de um "paciente" ou alguém que vive em função de sua doença, e se aproximando da figura de um indivíduo que tem total controle sobre sua saúde e seu corpo. De acordo com a professora Marceli Diana Helfenstein Albeirice da Rocha:

Portanto, não se trata de um momento de esquecer o conceito epidemiológico de risco, mas, sim, de não se deter nele, “explorando as potencialidades de outras formas de tratamento da questão.” (Ayres, *et al*, 1999, p. 66). Na perspectiva restrita à construção do conhecimento, a vulnerabilidade proporciona caminhos diversos, do mesmo modo em que se tratando do desenvolvimento das ações de saúde. (ROCHA, 2016, p. 05)

Azevêdo (2019) argumenta que a indetectabilidade também desempenha um papel importante na forma como a sociedade vê as pessoas vivendo com HIV. Os canais do YouTube criados por pessoas que vivem com HIV frequentemente funcionam como espaços de educação e conscientização, onde essas pessoas compartilham suas experiências com a TARV e a indetectabilidade, ajudando a dissipar mitos e combater o preconceito.

Valle (2002), por sua vez, aborda como a identidade das pessoas vivendo com HIV se transforma ao longo do tempo e com o avanço dos tratamentos. Ele argumenta que, no início, a identidade de a PVHIV estava fortemente ligada à ideia de uma vida em declínio.

O conceito de *I=I (Indetectável = Intransmissível)* foi um divisor de águas tanto para a ciência quanto para a comunidade vivendo com HIV. Ele transformou a maneira como entendemos a prevenção do HIV, promovendo a ideia de que as pessoas vivendo com HIV, quando indetectáveis, não transmitem o vírus a seus parceiros sexuais.

Valle (2002) discute como a organização social em torno do HIV evoluiu desde os primeiros anos da epidemia. As pessoas que vivem com HIV começaram a se organizar em grupos de apoio, criando espaços de resistência e promovendo a conscientização sobre a doença. Essa organização social foi crucial para quebrar o isolamento e dar voz a essas pessoas, possibilitando que elas lutassem por seus direitos e dignidade. Hoje, essa luta continua, mas de uma forma mais alinhada com a ciência e os avanços da medicina.

Como um exemplo a ser discutido e pontuado sobre a importância de distinguir HIV e Aids, a fim de erradicar o estigma e a estereotipação, está o caso envolvendo a apresentadora Regina Volpato e o influenciador Lucas Raniel, em abril deste ano. O caso gerou grande repercussão nas redes sociais devido a alegações de sorofobia, ou seja, preconceito contra pessoas que vivem com HIV, vindos da apresentadora. Lucas Raniel, conhecido por seu trabalho como ativista dos direitos de pessoas vivendo com HIV, se tornou o centro da discussão quando Volpato, fez comentários considerados por alguns como insensíveis ou mal-informados sobre a vida com HIV, após abrir uma “caixinha de perguntas” em seu Instagram, que conta com mais de 1.3 milhão de seguidores. Esse episódio levanta questões importantes sobre o papel da mídia e das figuras públicas na conscientização sobre temas tão delicados quanto o HIV e a AIDS.

Regina Volpato é uma apresentadora de televisão brasileira conhecida por seu trabalho em programas de entretenimento e debates. Como figura pública, Regina tem se destacado por promover discussões sobre temas sociais relevantes e inclusivos. Em seus programas, frequentemente aborda assuntos como saúde, diversidade, direitos humanos e questões de discriminação.

Vale destacar que é essencial reconhecer que, como apresentadora de um programa com grande audiência, Volpato tem a responsabilidade de promover diálogos esclarecedores e baseados em fatos, especialmente quando o assunto envolve questões de saúde e discriminação. Portanto, o uso de termos ou a adoção de uma postura que alimenta preconceitos, mesmo que não intencionalmente, é altamente prejudicial.

No entanto, o caso também evidencia a importância do contexto e da interpretação cuidadosa em situações como essa. Muitos dos comentários de Volpato podem ter sido resultado de falta de informação adequada ou má formulação das ideias, e não necessariamente de uma intenção explícita de discriminar. A apresentadora, por sua vez, desculpou-se pelos comentários insensíveis. Isso levanta a questão da preparação que comunicadores devem ter ao abordar temas complexos como o HIV:

Eu preciso pedir desculpa e me retratar com as pessoas que ofendi por conta da minha ignorância e da falta de informação no vídeo que publiquei ontem. Eu apaguei o vídeo e quem me conhece sabe que não sou de apagar conteúdo quando erro, pois prefiro assumir o erro. No entanto, no caso desse vídeo, era mais do que erro. Foi preconceito, desinformação... Enfim, eu pratiquei uma coisa que nem sabia o nome, algo que se chama sorofobia”, comentou. (VOLPATO, 2024)

Por outro lado, a reação de Lucas Raniel, ao se posicionar contra os comentários de Volpato, é compreensível e válida. Como ativista, ele tem a missão de defender os direitos das pessoas vivendo com HIV e combater qualquer forma de discriminação. A visibilidade de seu posicionamento nas redes sociais ajuda a trazer à tona o debate sobre a sorofobia, um problema real que afeta milhares de pessoas diariamente.

O que podemos tirar desse caso é a importância da comunicação responsável, especialmente em plataformas de grande audiência. Pessoas influentes, como Regina Volpato, precisam estar bem informadas e preparadas para discutir questões delicadas, para evitar a propagação de estereótipos prejudiciais. Já para ativistas como Lucas Raniel, é fundamental continuar a luta contra o estigma, promovendo a educação e o entendimento sobre o HIV. Esse episódio serve como um lembrete de que a desinformação pode ser tão prejudicial quanto a discriminação deliberada, e que todos, especialmente figuras públicas, devem se comprometer com a promoção de diálogos construtivos e inclusivos.

2.2 HIV NÃO TEM CARA

Como já vimos, no início da epidemia, o HIV foi correlacionado como a “doença dos 5H”: homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos (usuários de drogas injetáveis) e trabalhadores do sexo ("hookers").

Hoje, após uma gama de informações incoerentes e estereotipadas, o HIV já é reconhecido como um problema de saúde pública, que transcende identidades fixas e limitações sociais. É preciso entender, então, que o HIV não tem cara. Não é a doença do outro. Já não cabe aqui a associação a infecção exclusivamente a grupos minoritários e marginalizados. O HIV não pode mais ser entendido como uma doença que afeta apenas grupos específicos, mas sim como um vírus que pode infectar qualquer pessoa, independentemente de classe, gênero, orientação sexual ou etnia.

Com base nas teorias de Stuart Hall sobre identidade e mediações culturais, entendemos o reflexo sobre como as construções sociais em torno do HIV foram moldadas historicamente, e como elas continuam a evoluir.

A mídia e o discurso médico contribuíram para a criação de uma imagem de que apenas indivíduos pertencentes aos chamados "5H" estavam sob risco de contrair o vírus. Essa associação levou à estigmatização não apenas dos grupos mencionados, mas também do próprio diagnóstico de HIV. Segundo Stuart Hall, "as identidades são sempre formadas em relação a um conjunto de práticas culturais e sociais que as moldam, tornando-as fluídas e contingentes" (Hall, 2003, p. 65).

A ideia de identidade fixa, onde grupos minoritários seriam os "carregadores" de uma doença como o HIV, foi construída com base em discursos de poder e exclusão. No entanto, com o passar do tempo e com o avanço dos estudos epidemiológicos, ficou claro que o HIV não se limita a esses grupos. O vírus não distingue raça, classe social, orientação sexual ou qualquer outra categorização social. Essa mudança no entendimento reforça a afirmação de Hall de que as identidades, assim como as categorizações de risco, são construídas e desconstruídas à medida que novos conhecimentos emergem.

A noção de que qualquer pessoa pode ser infectada pelo HIV foi um marco importante na luta contra o estigma. Programas de conscientização, campanhas de saúde pública e a educação sobre a transmissão do vírus ajudaram a desassociar o HIV de identidades específicas e grupos de risco pré-determinados.

Hall nos ajuda a entender esse processo ao discutir como as identidades são negociadas e recriadas. Ele argumenta que "as identidades não são inatas, mas emergem das relações de poder que permeiam as sociedades" (Hall, 2003, p. 55). Assim, ao longo do tempo, a identidade das pessoas vivendo com HIV passou de uma ideia estigmatizada e marginalizada para uma compreensão mais inclusiva e plural. Hoje, compreendemos que a vulnerabilidade ao HIV depende de comportamentos de risco, como sexo desprotegido e compartilhamento de seringas, por exemplo, e não de uma identidade predeterminada.

Essa reconfiguração social se alinha à ideia de Hall de que as "identidades são sempre contextuais e mutáveis", permitindo que o HIV seja visto de uma maneira mais universal e menos estigmatizada (Hall, 2003, p. 60).

3. A MÍDIA COMO PRINCIPAL DIFUSOR DO ESTIGMA

Ao falar sobre HIV e os desdobramentos que constituem o estigma a ele relacionados, é importante enfatizar que a mídia desempenhou um papel central na disseminação da ideia de que o HIV era uma "doença de minorias". A cobertura da epidemia nas décadas de 1980 e 1990, vinculados nos impressos, televisão e no rádio estava muitas vezes carregada de sensacionalismo e preconceito, contribuindo para a marginalização daqueles que eram afetados. Essa construção midiática, como sugere Hall (2003), "não é um reflexo neutro da realidade, mas sim uma prática cultural que molda a maneira como as pessoas vêem o mundo e a si mesmas" (p. 43).

A representação do HIV como uma doença restrita a determinados grupos teve consequências profundas. Pessoas pertencentes aos "5H" eram vistas não apenas como portadoras do vírus, mas também como as únicas responsáveis pela propagação da doença. Isso contribuiu para o fortalecimento de barreiras sociais e reforçou a marginalização dessas populações. No entanto, à medida que a epidemia avançava e casos de HIV em pessoas fora dos grupos estigmatizados aumentavam, ficou claro que o vírus não respeita fronteiras culturais ou sociais.

Hall afirma que "as identidades são sempre híbridas, e sua articulação depende de uma constante negociação entre o local e o global" (Hall, 2003, p. 52). Nesse sentido, a disseminação global do HIV expôs a inadequação de categorizações rígidas. A identidade das pessoas que vivem com HIV não está mais atrelada a estereótipos fixos, mas se torna um campo de complexidade onde múltiplos fatores devem ser considerados.

O processo de desmistificação em torno do HIV não seria possível sem os avanços na educação e na conscientização sobre o vírus. A informação tem sido uma ferramenta essencial para combater a desinformação e o preconceito. Campanhas que enfatizam que "HIV não tem cara" e que qualquer pessoa, independentemente de sua identidade, pode estar em risco, são fundamentais para continuar combatendo o estigma.

Como afirma Hall (2003), "a produção de novas formas de identificação depende da maneira como as culturas e sociedades dialogam com os desafios e as contradições do

presente" (p. 72). Neste contexto, a luta contra o HIV evoluiu de uma abordagem baseada em identidades fixas para uma abordagem baseada na universalidade da saúde e do bem-estar.

3.1 A cobertura midiática como fator estigmatizante

Na década de 1980, a epidemia de HIV/Aids foi amplamente rotulada como a "peste gay", termo que surgiu de uma cobertura midiática sensacionalista e que associava a doença à comunidade LGBTQIA+, em especial aos homens gays. Como pontuado até aqui, tal associação resultou em um estigma duradouro que afeta não apenas as pessoas que vivem com HIV, mas também grupos minoritários que foram erroneamente colocados como principais responsáveis pela disseminação do vírus.

Soares (2016) sugere que as representações midiáticas transformaram grupos específicos em "figuras estigmatizadas", com o objetivo de demarcar fronteiras sociais e culturais. Através de narrativas sensacionalistas, o jornalismo e o audiovisual "reafirmaram discursos preconceituosos", sugerindo que o HIV e a Aids eram uma consequência direta de comportamentos imorais associados a minorias marginalizadas, como homens gays e usuários de drogas injetáveis. Como afirma Soares, "a fronteira entre o fato e o relato é difusa, e os produtos midiáticos frequentemente ficcionalizam as realidades que deveriam reportar" (Soares, 2016).

Na tentativa de informar a população, a mídia acabou por reforçar estereótipos prejudiciais, associando o HIV exclusivamente a comportamentos considerados desviantes. Termos como "peste gay" foram popularizados em manchetes e reportagens, atribuindo uma identidade moral à doença. Essa construção foi amplamente rejeitada pela ciência, mas encontrou forte eco social, perpetuando estigmas por décadas.

O termo "peste gay" foi uma das consequências mais claras do impacto negativo da cobertura midiática sobre o HIV nos anos 1980. A doença foi rapidamente associada à comunidade LGBTQIA+, sobretudo aos homens gays, devido ao grande número de casos identificados nesse grupo nos primeiros anos da epidemia. A cobertura sensacionalista e alarmista alimentou o medo e a discriminação, promovendo a ideia de que o HIV era uma "punição" por comportamentos sexuais considerados inaceitáveis pela sociedade conservadora da época.

Segundo Soares, a mídia de massa "operou na construção de fronteiras simbólicas entre o que era considerado 'normal' e o que era 'desviante', marginalizando grupos específicos e transformando-os em alvos de preconceito e discriminação" (Soares, 2016). A ideia de que o HIV afetava exclusivamente certos grupos foi reforçada por essas narrativas, ignorando a realidade de que qualquer pessoa, independentemente de sua orientação sexual, poderia ser infectada.

Apesar do impacto negativo inicial, a mídia também desempenhou um papel importante na desconstrução dos estigmas associados ao HIV, especialmente nas últimas décadas. Com a disseminação de informações mais precisas sobre o vírus e suas formas de transmissão, as campanhas de conscientização e educação têm ajudado a mudar a percepção pública sobre o HIV. No entanto, os efeitos persistentes do estigma inicial ainda são sentidos.

Como destaca Soares, "a mídia contemporânea tem o desafio de reverter décadas de estigmatização e oferecer uma cobertura mais inclusiva e informativa sobre o HIV e a Aids" (Soares, 2016). Esse processo envolve não apenas a correção de informações equivocadas, mas também a promoção de narrativas que abordam o HIV como uma questão de saúde pública, e não como um marcador de identidades marginalizadas.

No Brasil, talvez, um dos exemplos mais notórios de como a cobertura midiática em relação a epidemia da Aids atuou cooperando para o estigma é a famosa e fatídica capa da Revista Veja, de 1989. Naquela edição, o exemplar trouxe de maneira tendenciosa e sem responsabilidade ética a privacidade do cantor Cazuza. De fato, Cazuza era sim uma pessoa que possuía uma vida pública, devido ao seu trabalho artístico. No entanto, o que a revista propõe ao veicular essa edição naquela quarta-feira de abril de 1989 é estereotipar e estigmatizar. Atribuir a ideia de sentença divina, de condenação, de peste gay. Referenciar, a partir de uma figura pública, nacionalmente conhecida, que o destino de todos que permitem-se viver e ser quem são será o mesmo que o do músico.

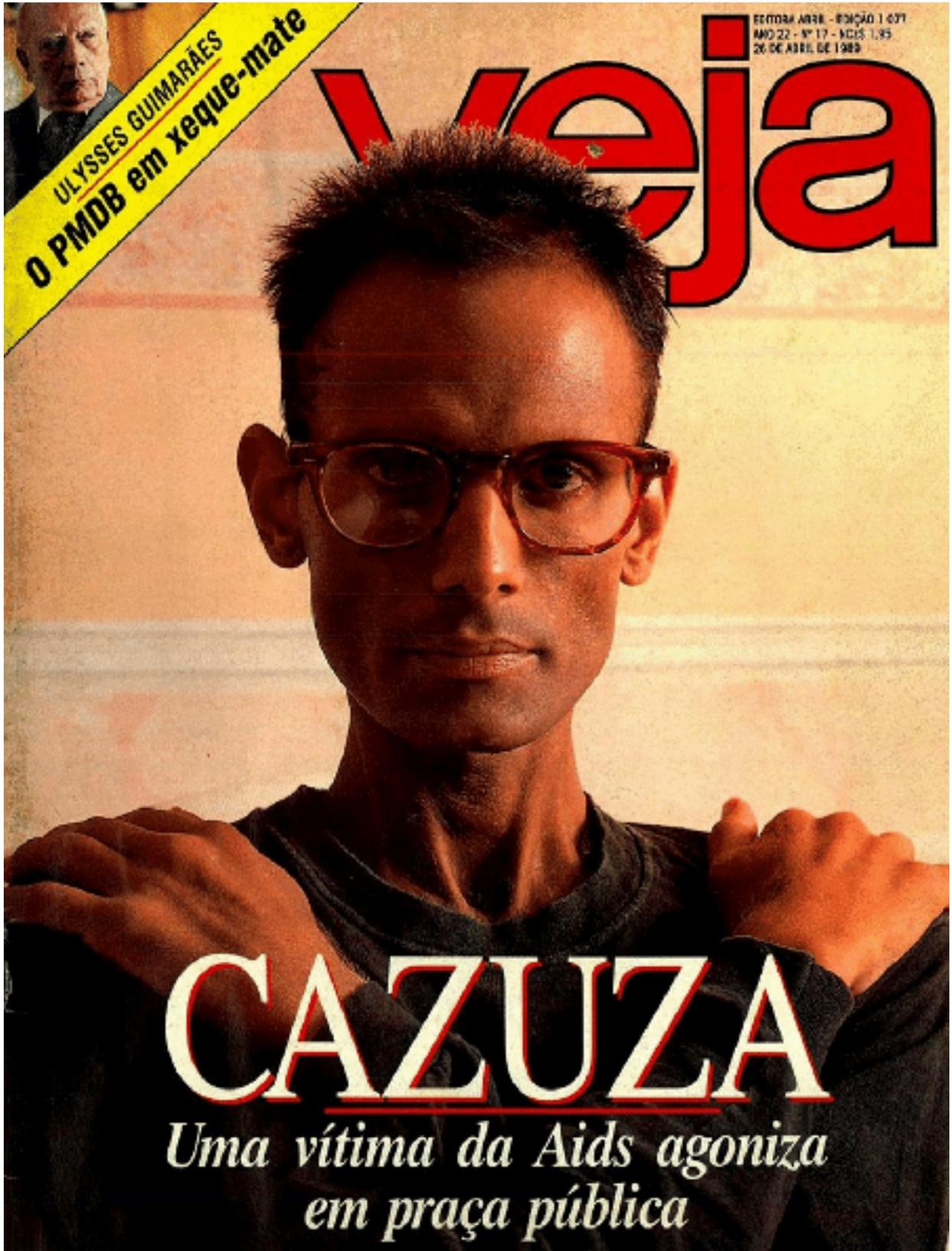


Ilustração 3: Cazuzza - Capa da Revista Veja de 1989: a personificação do estigma

Fonte: https://conteudo.imguol.com.br/c/entretenimento/96/2021/04/03/cazuzza-em-foto-de-1989-a-capa-foi-polemica-mas-ninguem-esquece-1617483602267_v2_450x600.png

Apesar de ser uma pessoa pública, a revista optou por explorar a privacidade de Cazuza da maneira mais invasiva possível. Ao invés de trazer informações que são de interesse do público, como, por exemplo, mais informações precisas, relevantes sobre a Aids, visando, assim, conscientizar a população, optaram pelo exato oposto. “No caso, seria de interesse público saber mais informações sobre a doença Aids. Além disso, a privacidade do cantor é violada já que sua doença é amplamente exposta na capa de uma revista de circulação nacional.” (RIBEIRO, 2017)

Ao invés de ir na contramão daquilo que já estava sendo veiculado e semeado no imaginário popular, a revista reforça, referência e ainda utiliza um dos maiores nomes do país como mártir da doença. Segundo Ribeiro, em sua análise, *Quando a Veja Matou Cazuza?*, publicada pelo portal Medium:

A revista usa-se da sua imagem e de uma manchete sensacionalista para atrair o público. O cantor teve sua vida íntima exposta e seu sofrimento revelado em praça pública. A reportagem não discutia sobre Aids, seus sintomas ou medidas contraceptivas, a matéria foca no estilo de vida dele para justificar uma sentença de morte que a própria revista dá. (RIBEIRO, 2017).

Na ocasião, o veículo trouxe como capa daquela quinta-feira o cantor em sua pior fase, extremamente magro, como nunca visto antes. A fotografia do artista com seus braços cruzados, a melancolia por trás da capa e a paleta de cores utilizada contribuíram para estimular o preconceito já existente. Tais recursos, somados à frase: “Cazuza - uma vítima da Aids agoniza em praça pública” reforça o ideal de sofrimento, dor e castigo veiculados pela mídia. Ainda de acordo com Ribeiro:

Com essa última frase, aliada a imagem da capa, a matéria decreta a morte de Cazuza. Ao fazer como afirmações não são apresentadas em nenhum momento na reportagem uma opinião médica para confirmar. Sobre o artigo 7º do Código de Ética " O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, o seu trabalho e seu trabalho se pautam pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação". Os artigos 13º e 14º, respectivamente, também são violados. "O jornalista deve evitar uma divulgação de fatos: b) De caráter mórbido e contrários aos valores humanos" e "O jornalista deve: b) Tratar com respeito a todas como pessoas mencionadas nas informações que divulgam (RIBEIRO, 2017).

A fotografia do artista com seus braços cruzados, a melancolia por trás da capa e a paleta de cores utilizada contribuíram para estimular o preconceito já existente. Tais recursos, somados à frase: “Cazuza - uma vítima da Aids agoniza em praça pública” reforça o ideal de sofrimento, dor e castigo veiculados pela mídia.

A edição está no ranking das mais polêmicas da revista justamente porque suscitou naquela altura uma forte discussão sobre o preconceito e desrespeito em relação às pessoas soropositivas. Atualmente a capa é lembrada como indicativa de um momento em que a culpabilização das vítimas do HIV (especialmente LGBTQI)

pela própria infecção, o julgamento moral e a discriminação intensa davam o tom dos discursos correntes. (AZEVEDO, 2019, p. 36)

ESPECIAL

A luta em público contra a Aids

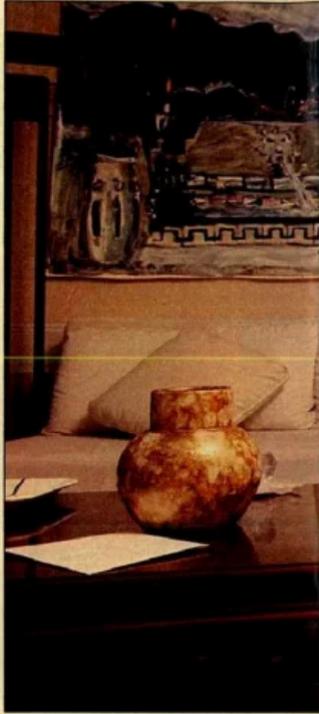
Abatido aos poucos pela doença, o compositor Cazuzza conta como resiste em nome da vida e da carreira

O mundo de Cazuzza está se acabando com estrondo e sem lamúrias. Primeiro ídolo popular a admitir que está com Aids, a letal síndrome da imunodeficiência adquirida, o roqueiro carioca nascido há 31 anos com o nome de Agenor de Miranda Araújo Neto define um pouco a cada dia rumo ao fim inexorável. Mas o cantor dos versos *Senhoras e senhores* *Trago boas novas* *Eu vi a cara da morte* *E ela estava viva* faz questão de morrer em público, sem esconder o que está se lhe passando. Cazuzza conta como convive com a doença. Fala sem fúrias de sua bissexualidade, de como se drogou pesadamente e confessa que está tendo dificuldade em se livrar do alcoolismo. Mais que isso, o artista trabalha continuamente e se expõe a todos os olhares. No momento, ele grava um disco, está fazendo um livro autobiográfico, compõe músicas e planeja um show. Os olhares que Cazuzza atrai são muitos e variados. Há os que contemplam o seu calvário com admiração pela coragem e garra do cantor. Há os que busquem o sensacionalismo e o escândalo. Há os que o apontem como herói e mártir da Aids. Há os que se sintam fascinados em beijá-lo na boca em público. Há os que o vejam com piedade. E há os que se sintam morbidamente atraídos pela tragédia de Cazuzza.

“É a minha criatividade que me mantém vivo”, diz o roqueiro. “Meu médico diz que eu sou um milagre porque eu tenho tanta energia, tanta vontade de criar, e que é isso que me deixa vivo. Minha

cabeça está muito boa, ela comanda tudo.” A cabeça do ex-integrante do Barão Vermelho continua funcionando exatamente como antes — inclusive quando alterna subitamente raciocínios sensatos com delírios poéticos, gestos de extremo afeto com agressões gratuitas, acusações levianas com elogios generosos. O que está muito diferente é o corpo do astro. De 68 quilos, ele passou para 40. Seu bronzeado já não esconde as manchas que lhe marcam o rosto. Se ainda há dois meses ele frequentava a pista de dança do People, a boate que é um dos templos da noite carioca, ele agora não consegue andar sozinho, tem dificuldade em colocar uma fita no gravador, se cansa quando fala seguidamente e precisa de auxílio para realizar necessidades fisiológicas. Bené, um misto de secretário, guarda-costas e motorista, é quem o carrega nos braços pelo seu apartamento, quem o leva até o carro quando Cazuzza quer tomar um banho de cachoeira na Floresta da Tijuca ou vai gravar nos estúdios da Polygram no Rio de Janeiro.

“**Escombrados**” — Na tarde de quarta-feira passada, Cazuzza recebeu Angela Abreu e Alessandro Porro, da sucursal carioca de VEJA, em seu apartamento no Leblon, para uma entrevista que durou duas horas e meia e fumou um maço inteiro de Lucky Strike. Sem fugir de qualquer assunto, falou sobre tudo e todos em depoimentos pungentes (*veja quadros*). Em seu quarto, o ambiente lembra a assepsia de um hospital bem equipado, com tenda de oxigênio, máscara para facilitar a respiração, cadeira de rodas com forro especial no assento para



Cazuzza, em seu apartamento: 40 quilos, compondor, gravando um disco e escrevendo uma autobiografia

evitar as escaras provocadas pela longa sedentariedade e uma mesa repleta de frascos de remédios. Das 6 horas da tarde às 8 da manhã uma enfermeira cuida do doente, que dorme seis horas por noite a poder de calmantes e às vezes acorda com dificuldades de respiração. Durante o dia, Fernanda Pessoa, 24 anos, sua secretária, é quem cuida de tudo, assistida por uma cozinheira e por Bené, que praticamente não desgruda de Cazuzza durante um minuto.

O cantor está morando num apartamento no 18.º andar, de onde se avista toda a Praia do Leblon, desde o início do mês. Há quatro anos, deixou a casa dos pais, Lucinha e João Araújo, diretor da gravadora Som Livre. Desde que soube que estava com Aids, Cazuzza teve crises

80

VEJA, 26 DE ABRIL, 1989

Ilustração 4: Cazuzza: Reportagem da Revista Veja, de 1989

Fonte: https://miro.medium.com/v2/resize:fit:640/format:webp/0*XKOUTwkh6Ive3J3a.

Ainda de acordo com Ribeiro, a reação do cantor ao receber o exemplar da revista foi:

Ao ler a matéria da revista, Cazuzza teve um ataque cardiorrespiratório e teve que ser hospitalizado. A jornalista responsável pela matéria pediu demissão uma semana depois do ocorrido e afirmou que o texto final foi alterado na redação, em São Paulo. Nesse caso o código no artigo 11º "O jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros" nesse caso a responsabilidade é do autor das alterações. (RIBEIRO, 2017)

Ao pensar que todo esse fardo foi imposto a uma pessoa publicamente conhecida, fez certamente com que as pessoas repensassem a abertura da sua sorologia naqueles anos, por

medo do que pudesse acontecer e de ter que enfrentar todo o julgamento externo e lidar com a exclusão social.

4. A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTAÇÃO

A representação de pessoas vivendo com HIV na mídia, redes sociais e outras plataformas de comunicação têm um impacto crucial na forma como a sociedade enxerga a condição e, principalmente, na luta contra o estigma que ainda persiste. A visibilidade de indivíduos que compartilham suas experiências enquanto PVHIV é uma ferramenta poderosa para desmistificar preconceitos e promover a conscientização acerca da realidade de quem vive com o vírus. A análise de Stuart Hall, em seu livro *Cultura e Representação*, é fundamental para entender o papel que essas representações desempenham na construção de significados culturais e sociais em torno do HIV.

Hall argumenta que a representação não é apenas um reflexo da realidade, mas sim uma prática cultural que cria e negocia significados. Assim, a forma como as pessoas vivendo com HIV são retratadas na mídia influencia diretamente a maneira como o público enxerga a questão, determinando se o HIV será visto como uma condição geradora de estigma ou como uma questão de saúde pública que deve ser tratada com empatia e respeito. Hall afirma que "as identidades culturais são pontos de encontro entre as práticas discursivas e os significados culturais" (Hall, 2003, p. 23), destacando como as representações de identidades positivas podem ser tanto libertadoras quanto limitadoras, dependendo de como são enquadradas.

Essas representações oferecem uma contranarrativa ao discurso hegemônico que, historicamente, retratou o HIV como um "mal moral" associado a grupos marginalizados. Influenciadores digitais, criadores de conteúdo e iniciativas institucionais como a UNAIDS têm desempenhado papéis centrais nessa nova onda de representatividade, promovendo informações precisas e humanizando a experiência de viver com HIV.

A discussão de Hall sobre identidade e poder se aplica diretamente a essas representações, pois, segundo ele, "a identidade não é algo fixo, mas é constantemente produzida e reproduzida dentro de práticas culturais" (Hall, 2003, p. 32). Assim, quando pessoas como Lucas Raniel e Thais Renovatto, Daniel Lima, Jennifer Besse e tantos outros compartilham suas histórias de vida como PVHIV, eles não apenas desafiam os estereótipos associados ao HIV, mas também reconfiguram a narrativa dominante sobre o que significa viver com o vírus.

Lucas Raniel, um influenciador digital brasileiro que vive com HIV, utiliza suas redes sociais para informar e desmistificar os preconceitos relacionados ao vírus. Raniel fala abertamente sobre a importância da adesão ao tratamento antirretroviral e do conceito de "indetectável = intransmissível" (I=I), mostrando que uma pessoa vivendo com HIV e que segue o tratamento corretamente pode ter uma vida saudável, sem transmitir o vírus. Esta abordagem contribui para a criação de uma nova narrativa em torno do HIV, uma que está centrada no empoderamento, e não no medo ou no estigma.

A teoria de Hall sobre o processo de "rearticulação" é essencial para entender o trabalho de influenciadores como Raniel. De acordo com Hall, a rearticulação envolve "o processo de refazer e reordenar elementos simbólicos de maneira a alterar seu significado" (Hall, 2003, p. 44). Raniel e outros criadores estão efetivamente rearticulando o significado do HIV para uma nova geração, substituindo velhos estereótipos por uma visão mais precisa e compassiva.

A influenciadora Thaís Renovatto também tem desempenhado um papel essencial na desmistificação do HIV, especialmente entre as mulheres. Ao compartilhar sua experiência pessoal de viver com o vírus, Renovatto traz à tona questões sobre gênero e soropositividade, muitas vezes negligenciadas nas discussões sobre HIV. Hall argumenta que "as identidades são multifacetadas e nunca fixas, sendo sempre produzidas através de práticas culturais e sociais" (Hall, 2003, p. 50). O trabalho de Taís como influenciadora exemplifica como a representação de mulheres HIV+ pode desafiar a visão patriarcal que domina a narrativa sobre o HIV.

Renovatto, ao compartilhar sua história, também questiona o lugar de gênero na construção do estigma. Ao falar sobre maternidade, relacionamentos e carreira enquanto mulher vivendo com HIV, ela expande a representação do vírus, combatendo a invisibilidade das mulheres vivendo com HIV na mídia. Isso é crucial, pois amplia o entendimento de que o HIV não é uma questão restrita a um grupo específico, mas sim uma condição que pode afetar qualquer pessoa.

O canal de YouTube *Deu Positivo, e Agora?* criado por pessoas vivendo com HIV, é outra iniciativa relevante na produção de narrativas sobre a experiência de ser PVHIV. Por meio de vídeos informativos, entrevistas e relatos pessoais, o canal aborda temas como o diagnóstico, o tratamento e o cotidiano de quem vive com o vírus, sempre com um tom educativo e empático. Esse tipo de representação ajuda a desfazer o estigma social que ainda cerca o HIV, ao mesmo tempo em que promove o autocuidado e a conscientização.

O uso do YouTube como plataforma para representações mais humanizadas do HIV se alinha com a noção de Hall de que "os meios de comunicação são arenas onde as lutas por significação ocorrem" (Hall, 2003, p. 69). Nesse contexto, o canal "Deu Positivo, e Agora?" representa uma tentativa de ressignificar o HIV de forma a educar e engajar o público, superando a desinformação e os preconceitos que foram propagados por décadas.

Iniciativas como as campanhas da UNAIDS também desempenham um papel vital na representação de pessoas vivendo com HIV. A UNAIDS tem promovido campanhas globais que visam combater o estigma e a discriminação associados ao HIV, ao mesmo tempo em que destaca a importância do tratamento e da prevenção. A abordagem da UNAIDS, que se baseia na disseminação de informações precisas e na promoção de histórias de sucesso de pessoas vivendo com HIV, busca desconstruir as ideias preconcebidas em torno do vírus.

A análise de Hall sobre a "política de representação" é aplicável aqui, pois ele argumenta que "a representação é sempre uma questão de quem tem o poder de produzir significados e de como esses significados são negociados no campo social" (Hall, 2003, p. 78). A UNAIDS, como uma organização global, tem o poder de moldar o discurso sobre o HIV, promovendo uma representação mais positiva e informada da condição, em contraste com as narrativas estigmatizantes do passado.

4.1 A representação na série *Pose*

A série *Pose*, criada por Ryan Murphy, Brad Falchuk e Steven Canals, traz uma poderosa representação da comunidade LGBTQIA+ e de questões sociais relacionadas ao HIV e Aids no final da década de 1980 e início dos anos 1990. No centro da narrativa estão as "Houses"⁹ da cultura Ballroom de Nova York, que ofereciam refúgio a pessoas

⁹ As *Houses* (em tradução: "Casas") na cultura *ballroom* eram coletivos formados por membros da comunidade LGBTQIA+, principalmente negros e latinos, em Nova York. Surgiram no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 como uma resposta à marginalização e discriminação enfrentada por essas populações, especialmente em relação à sua identidade de gênero e sexualidade. Cada *house* funcionava como uma família escolhida, oferecendo suporte emocional, moradia, e proteção a jovens que frequentemente eram rejeitados por suas famílias biológicas por causa de sua orientação sexual ou identidade de gênero. As *houses* eram lideradas por uma figura materna ou paterna, conhecida como *Mother* (em tradução: "Mãe") ou *Father* (em tradução: "Pai"), que orientava e cuidava dos membros da casa, chamados de *children* (em tradução: filhos). Além de um espaço

marginalizadas, incluindo muitos LGBTQIA+ negros e latinos. O impacto cultural e social de *Pose* vai além do entretenimento, promovendo conscientização sobre o HIV, abordando questões de estigma e oferecendo visibilidade para pessoas trans e negras que foram desproporcionalmente afetadas pela epidemia.

Um dos principais aspectos de *Pose* é sua contribuição para a visibilidade das pessoas LGBTQIA+, especialmente as pessoas trans e negras, que historicamente foram negligenciadas na mídia. *Pose* destaca histórias e experiências de personagens trans e gay que enfrentam o HIV em um contexto em que o estigma e a discriminação eram (e como já vimos até aqui, continuam sendo) enormes. Segundo a UNAIDS, a série "traz uma narrativa única ao apresentar a luta da comunidade LGBTQIA+ contra o HIV e o impacto devastador da epidemia em suas vidas" (UNAIDS, 2024).

Essa representação é essencial para desconstruir preconceitos sobre o HIV, além de educar o público sobre a realidade vivida por muitas pessoas nos anos 80 e 90, e que, em muitos aspectos, permanece atual. Ao mostrar personagens como Pray Tell (Billy Porter), Blanca (Mj Rodriguez) e outros vivendo com o HIV, a série faz um trabalho importante de humanização e empatia com as pessoas que enfrentam a doença.

O estigma relacionado ao HIV continua a ser uma das principais barreiras no combate à epidemia. As pessoas que vivem com HIV frequentemente enfrentam discriminação no trabalho, em serviços de saúde e em suas vidas pessoais. Muitas vezes, são associadas a estereótipos e estigmas sobre a doença, especialmente em relação à sexualidade e à comunidade LGBTQIA+, como já vimos até aqui.

De acordo com Stuart Hall, a representação é "a forma como os significados são dados a coisas que estão presentes no mundo" (Hall, 1997). *Pose* utiliza a representação para desconstruir os estigmas e desafiar os preconceitos que cercam o HIV, mostrando personagens como Blanca e Pray Tell que vivem com o vírus, mas resistem ao fatalismo.

A série também destaca as desigualdades sistêmicas que aumentaram o impacto da Aids na comunidade LGBTQIA+. Segundo Hall, as representações são parte de como o poder opera na cultura, e *Pose* exerce esse poder ao reconfigurar o imaginário social sobre o HIV, oferecendo novas formas de compreensão e empatia. Ao mostrar a luta por dignidade e tratamento, *Pose* cumpre um papel importante na educação sobre o HIV e no fortalecimento

de competição, as *houses* também ofereciam um senso de pertencimento e acolhimento, algo crucial para pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social e econômica.

do ativismo contra o estigma, sendo uma ponte para conectar gerações que talvez desconheçam a magnitude da crise do HIV e da Aids.

Através de uma narrativa emocional e acessível, *Pose* humaniza essas histórias e combate a desinformação sobre o HIV. Nesse sentido, *Pose* tem um papel fundamental ao desafiar esses estigmas. A série não apenas retrata as dificuldades enfrentadas por aqueles que vivem com HIV, mas também mostra suas lutas para obter acesso a tratamentos e apoio emocional. Em uma das cenas mais emblemáticas, Pray Tell questiona por que os tratamentos médicos e o apoio financeiro são tão escassos para os pacientes LGBTQIA+, apontando a discriminação estrutural que agravou a epidemia.

Segundo matéria do site Valkirias, *Pose* "escancara como a negligência e o preconceito das instituições sociais, políticas e médicas contribuíram para o avanço do HIV e a Aids" (Valkirias, 2023). O fato de que o tratamento não estava prontamente disponível para as comunidades marginalizadas ilustra a negligência histórica sofrida por essas populações, o que contribuiu para a perpetuação da crise.

Pose educa o público sobre como o HIV não era (e ainda não é) uma sentença de morte. Isso é particularmente importante em um contexto em que a ignorância sobre a doença ainda prevalece em muitos setores da sociedade.

Por meio de personagens como Blanca, que se recusa a desistir de sua vida após o diagnóstico positivo para HIV, a série mostra que, com acesso ao tratamento adequado, as pessoas podem viver de forma plena e significativa. Essa mensagem é poderosa, especialmente para os jovens, que podem não ter pleno conhecimento do impacto da Aids nas décadas anteriores.

A cultura Ballroom, retratada de forma tão viva em *Pose*, foi também um movimento de resistência e sobrevivência, como reforça uma entrevista da UNAIDS: "O movimento social da Aids e a cultura Ballroom andaram de mãos dadas na busca por dignidade e aceitação em um tempo de intensa discriminação" (UNAIDS, 2024). Isso destaca como a própria cultura LGBTQIA+ foi uma fonte de apoio mútuo e ativismo durante os piores anos da epidemia.

Conforme mencionado na entrevista da UNAIDS, a série também ajuda a reconectar os laços entre o ativismo LGBTQIA+ e o combate à Aids, "um tema que muitas vezes é esquecido nas narrativas contemporâneas sobre a luta pelos direitos LGBTQIA+" (UNAIDS, 2024). Isso reflete o impacto contínuo que o ativismo da época teve e a necessidade de se continuar pressionando por mudanças políticas e sociais.

A série *Pose* vai além de ser um simples drama de época, sendo um testemunho crucial da história da comunidade LGBTQIA+ e de sua luta contra o HIV. Ao abordar o estigma, a falta de acesso a cuidados e a resiliência dessas comunidades, a série desempenha um papel fundamental na conscientização pública e no combate ao HIV nos dias de hoje. Através da representatividade e da educação, *Pose* continua a ser uma ferramenta poderosa para desafiar preconceitos e fomentar a empatia e o apoio às pessoas que vivem com HIV.

5. CONVERSANDO SOBRE HIV: POSSIBILIDADES DE VIDA PLENA

Os personagens são os responsáveis por trazer vida à narrativa que pretendemos contar e desenvolver. Para Sarmiento, “além de fazer a história avançar em termos narrativos, a personagem prende a atenção e desencadeia um processo de projeção-identificação no espectador” (SARMIENTO, 2013, p. 20). São eles que dão vida a realidade a ser contada e que se conectam, através da aproximação e identificação, com o público.

Em um primeiro momento, a ideia era construir este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como um produto. Sendo feito assim, um minidocumentário. Devido aos impasses e algumas impossibilidades, o projeto precisou ser modificado. No entanto, decidi manter, aqui, na monografia, meus 3 personagens que seriam exibidos ao longo do curta. Trazendo trechos das entrevistas que realizei no final do ano de 2021.

Ao selecionar os personagens para esta obra, optei pela pluralidade. Como já dito anteriormente, a imagem que foi construída sobre uma pessoa que vive com HIV, foi majoritariamente a do homem gay. A doença ficou conhecida como a “peste gay” e havia a suposição de que apenas homossexuais e outros grupos minoritários a contraíam e a transmitiam. Essa foi a “cara” que por décadas estampou o estereótipo de viver com HIV. Logo, se apenas homens gays fossem selecionados para contar suas histórias, esse estigma seria prevalecido.

O processo de desconstrução desse estigma já começa a partir desse momento de seleção dos personagens, afinal, eles vão ser responsáveis por construir uma nova imagem do ser positivo e se essa imagem já for construída com o mesmo estigma de mais de 40 anos atrás, pouco foi feito para combatê-lo durante o processo de produção.

O HIV já não pode mais ser associado apenas a um grupo ou uma comunidade, pois já entendemos que ele não tem cara. Deste modo, 3 personagens vão compartilhar suas histórias de vida ao longo deste trabalho: um homem e duas mulheres. Eles possuem em comum o

HIV, mas, ao mesmo tempo, divergem entre si e representam algumas das diferentes possibilidades, vertentes e faces do que é viver com o vírus. São sujeitos de suas histórias e exploram as possibilidades de vida plena sendo um PVHIV. Cada personagem tem, aqui, o intuito de democratizar essa discussão, por meio de quem são e das variadas formas de ser positivo.

Definir o documentário e a arte de documentar certamente não são tarefas fáceis. “Muitas vezes o conceito de documentário confunde-se com a forma estilística da narrativa documentária em seu modo clássico, provocando confusão.” (RAMOS, 2008, p. 21). Documentar é trazer vida a uma narrativa cotidiana através das mais variadas representações, sejam elas históricas, sociais ou culturais, como pontua o pesquisador Fernão Pessoa Ramos:

Historicamente o documentário surge nas beiradas da narrativa ficcional, da propaganda e do jornalismo. A frase clássica de Grierson define o documentário como tratamento criativo das atualidades. [...] As atualidades formam um gênero cinematográfico bastante comum desde os anos de 1910 até pelo menos a década de 1970. No Brasil, tivemos intensa produção de atualidades, chamadas de cinejornais (RAMOS, 2008, p. 57).

Documentar permite a abertura para a construção de algo novo e não é apenas um recorte e inserção de falas após falas, mas uma nova perspectiva da realidade abordada através da produção. De acordo com Hampe (1997), o documentário não é tão somente o ato de apresentar falas sobre um determinado assunto, isso, talvez, possa até construir uma notícia, mas não um documentário. Apenas essa construção, que alguns documentaristas acreditam estar certa, de realizar uma série de entrevistas e editá-las não constitui um documentário; é preciso ir além. “Apenas falar sobre o problema não é o mesmo que documentar o problema, é apenas registrar o que as pessoas acham sobre o problema.” (HAMPE, 1997, p. 2)

O processo de entrevistar tem o poder de apresentar uma visão mais intimista e até mesmo mais humanizada sobre o assunto abordado. Falar sobre HIV exige um cuidado e uma sensibilidade, afinal, vou abordar um assunto que, por determinado período, foi difícil para os personagens saberem como lidar. Buscar uma abordagem cuidadosa do assunto – a fim de que o diálogo se torne o mais natural - é uma das premissas de sensibilidade que uma produção documental é capaz de retratar.

Para o crítico de cinema, Bill Nichols, as produções cinematográficas podem ser divididas em duas categorias: “Na verdade, poderíamos dizer que existem dois tipos de filmes: (1) documentários de satisfação de desejos e (2) documentários de representação social.” (NICHOLS, 2005, p. 26). O primeiro seria o que é denominado comumente como ficção, já o segundo, a não ficção. Entretanto, mesmo com tal divisão, isso não quer dizer que

a ficção não possa se basear num fato real. Por isso, o autor pontua que todos os filmes podem ser considerados documentários, até mesmo as mais excêntricas produções, uma vez que esse tipo de filme também “evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela.” (NICHOLS, 2005, p. 26). Da-Rin, assim como Nichols, compartilha do mesmo pensamento de que o documentário também faz parte da ficção e concorda com o autor:

[...] Não existe método ou técnica que possa garantir o acesso privilegiado ao real. Uma vez que não se pode conhecer a realidade sem estar mediado por algum sistema significativo, qualquer referência cinematográfica ao mundo histórico terá que ser constituída no interior do filme e contando apenas com os meios que lhe são próprios. Sob este aspecto, o documentário é um constructo, uma ficção como outra qualquer [...] (DA – RIN, 2004, p. 19)

A partir dos conceitos categorizados por Nichols, tomamos como base para este trabalho, o segundo modelo, visto que o objetivo principal deste trabalho é trazer representatividades por meio da reflexão e da desconstrução do estigma acerca de pessoas vivendo com HIV. Abordar o HIV é abordar um acontecimento social. Assim, é importante desenvolver uma narrativa, através dos personagens, com diferentes representações de cada um para o assunto. O tema retoma uma discussão de mais de 40 anos que teve impacto direto na sociedade e na relação da sociedade com os indivíduos. Falar sobre HIV em uma produção audiovisual é promover um recorte histórico importante, que ainda hoje desdobra-se de diferentes formas na construção social das últimas décadas. Ainda de acordo com o crítico de cinema Bill Nichols:

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não-ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (NICHOLS, 2005, p. 26 - 27)

Assim como Nichols pontua, o documentário tem o poder de criar um desdobramento que possibilita uma maior compreensão acerca do tema trabalhado. Os personagens dão voz e feição a histórias reais e que são próximas de muitas histórias que possam vir a assistir.

4.1 Daniel Lima

"Eu só lembro que tenho HIV quando vou tomar remédio", conta o catarinense Daniel Lima, de 35 anos. Sua fala traz uma boa reflexão sobre pessoas que vivem com HIV. Por qual motivo elas devem lembrar a todo tempo da sua condição, já que essa não os atrapalha ou impossibilita de levar uma vida plena? Talvez esse seja mais um dos estigmas da sociedade, em querer reafirmar, a todo tempo, a condição de alguém, mesmo que esse alguém lide bem com essa condição.

A sexualidade de Daniel sempre foi um ponto tenso de sua vida. Por muito tempo ele usou a igreja para reprimir quem era, assim como muitos LGBTQIA+ já fizeram, na tentativa de se auto-reprimir. Hoje, ele afirma que sempre foi uma criança "viada". O diagnóstico de Daniel veio em 2016, após seu namorado também receber seu exame positivo.

Encontrei o primeiro espelho. Foi um golpe duro demais me encarar depois daquilo. Eu só via Aids. Nos olhos, nos poros, nos pelos. Ficava me imaginando emagrecer até definhar e morrer, e eu que sempre fui magro, bem magro, ficava pensando que depois de saber isso, ficaria cadavérico e isso gritaria a verdade para todos: "OLHA LÁ O VIADO AIDÉTICO DE MERDA"— eu mesmo falava isso frente ao espelho o tempo todo. Durante semanas.¹⁰

Em um primeiro momento, seu maior medo foi que todos lhe virassem as costas. Daniel, que já havia saído de um armário, viu a necessidade de mais uma vez sair de outro armário, mas, desta vez, o da soropositividade. Ele contou à sua família e a pessoas próximas, mas ainda manteve sua condição limitada a poucas pessoas. O apoio do núcleo familiar fez total diferença no seu segundo processo de aceitação. A descoberta de sua sorologia, inclusive, foi tatuada na pele do catarinense:

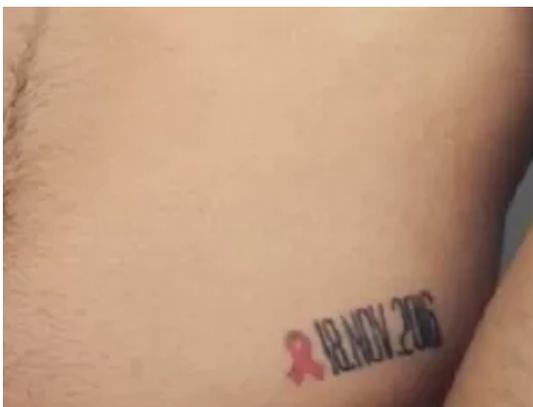


Ilustração 5: Tatuagem: Data do diagnóstico de Daniel

Fonte: Arquivo Pessoal

¹⁰ Trecho da fala de Daniel Lima extraído da série "Positivei", idealizada pelo próprio e publicada nas redes sociais no dia 23 de abril de 2019.

Daniel decidiu abrir sua sorologia após uma senhora, até então simpática, dizer absurdos a respeito da Aids a ele em seu ambiente de trabalho. Daniel viu naquela senhora todo o preconceito e a mesma reprodução das falas de décadas anteriores. Mesmo assim, tentou explicar sobre o assunto e convencê-la de que estava errada, mas não obteve sucesso. A senhora foi irredutível, então, nada melhor seria do que comprovar o ele que falava com um exemplo real: o seu. Ele verbalizou abertamente sobre o assunto pela primeira vez. De lá para cá, segue em suas redes sociais e promovendo debates para romper o tabu em que o HIV ainda é envolto.

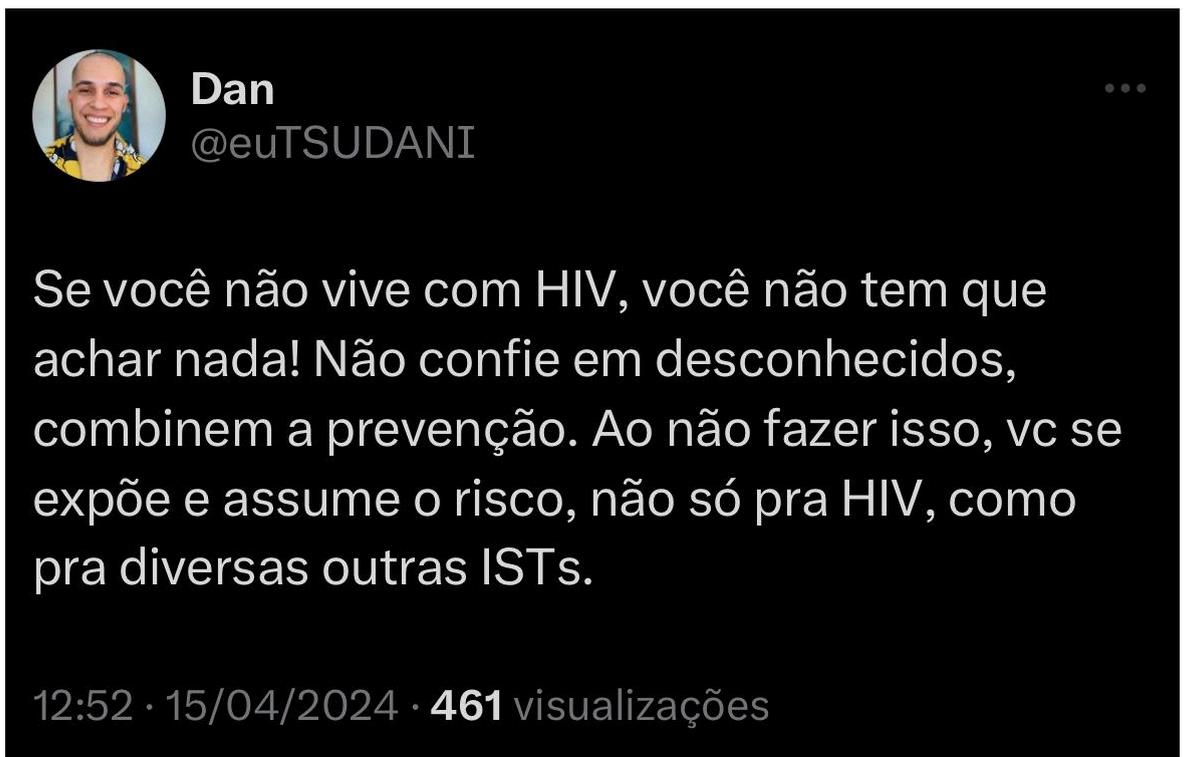


Ilustração 6: Daniel em sua rede social “X”

Fonte: <https://x.com/eutsudani/status/1779900710017987048?s=46>

Durante nossa entrevista, que aconteceu no dia 07 de dezembro de 2021, Daniel relata que mesmo tendo instrução e conhecimento sobre o HIV, devido a estigmatização acerca do diagnóstico, sentiu apreensão, mas o suporte e acolhimento familiar foram fundamentais para lidar com naturalidade com a nova condição. A seguir, trecho da entrevista realizada com Daniel:

Daniel: “Foi uma psicóloga que conversou comigo, não foi nenhum médico, foi uma psicóloga. E aí ela foi conversar, perguntou por que eu tinha feito o teste, eu expliquei pra ela. E aí ela falou, bom, então, não deve ser nenhuma novidade para você, deu positivo.”

Dreikon: “E o que você sabia sobre o HIV e a Aids naquele momento do diagnóstico? Que pensamento você teve quando deu positivo?”

Daniel: “Todo mundo fala para mim, das pessoas que tiveram uma experiência de quase morte, sabe? Você sempre ouve falar que o filme da vida passa na cabeça, né? Quando você está prestes a encontrar a morte ou você acha que vai encontrar. Quando eu recebi o diagnóstico positivo e eu li reagente naquele papel, eu vi o meu futuro queimar. Parecia que tudo tinha acabado ali. Planos, sonhos, desejos, vontades, qualquer outro relacionamento que eu pudesse ter. Porque eu conhecia esse cara, a gente estava junto há pouco tempo, né? E eu sabia que aquilo ia ser uma grande bomba na nossa relação. E eu achei que estava tudo acabado.”

“Só que eu já tinha tido um namorado, um casinho, na verdade, que vivia com HIV há uns três anos. E eu tinha um amigo que vivia com HIV há mais de dez anos. Então, eu não era uma pessoa totalmente desinformada. Nesse momento, esqueci tudo que eu sabia e me bateu o desespero. Só isso. E foi esse grande choque aí. Tudo que eu achei que sabia sobre o HIV desapareceu. Desapareceu completamente. Você perde a noção de espaço, de tempo. A psicóloga estava me explicando o que eu tinha que fazer naquele momento, mas eu não ouvi nada, não prestei atenção em nada. Eu só pensava que tinha tudo acabado.”

Dreikon: “E você contou pra sua família logo de início? Logo depois do teste? Qual foi a reação deles?”

Daniel: “No sábado, eu fui para casa. E aí, já estranharam, porque geralmente eu ia para casa desse namorado. Aí, eu cheguei em casa sábado, a minha irmã não morava comigo e o meu pai também não estava em casa. Estavam os meus dois irmãos, o mais velho e o mais novo, as minhas duas cunhadas. Uma delas era enfermeira, inclusive. E aí, eu bati nas portas de todo mundo e chamei todo mundo para a sala. O meu irmão mais novo até falou assim, nossa, você nunca fez isso. Está chamando todo mundo na sala, que você ganhou na Mega Sena, etc. Aí, eu estava muito nervoso, né? Todo mundo se sentou, eu falei o que tinha acontecido, qual era o problema que o meu ex tinha na pele e tal. E falei que eu tinha que fazer o teste e que tinha dado positivo. A minha mãe, ela ficou num estado assim de choque, sabe? Ela deu aquele tapa na perna, assim, de puta, não acredito. O meu irmão mais velho ficou realmente em estado de choque, ele ficou imóvel, inerte. Ele não falava, não reagia, ficou parado no canto onde ele tava. E aí, vendo aquela falta de reação, aquela surpresa, eu comecei a falar um monte de bobagem, do tipo, não precisa separar minha roupa, não precisa separar meu talher, pode continuar me abraçando e tal. Eu mesmo falei, olha o tamanho do choque, o que o choque faz com você.”

Daniel: “Eu já sabia de tudo isso, né? Só que naquela hora do desespero, eu comecei a falar. A última coisa que eu falei antes de todo mundo vir me abraçar, com exceção do meu irmão mais velho, que realmente ficou em estado de choque, foi assim, que eu estava desesperado. E aí veio, todo mundo me abraçou, e a minha mãe disse que enquanto ela estivesse viva, ela ia lutar do meu lado.”

Dreikon: “E ter esse apoio familiar, que muitas vezes, assim, ele não acontece, você acredita que fez muita diferença para você?”

Daniel: “Fez. Fez. Fez muita diferença! Tive várias etapas na minha vida que eu tive o apoio incondicional da minha família sempre, né? Por mais que eles não entendessem, por mais que eles não concordassem, ou alguma coisa parecida. Quando eu disse que era gay, quando eu falei do HIV, tipo assim, eu saí do armário duas vezes, né? Então, eu imagino que tenha sido uma coisa, um processo muito difícil pra eles. Mas nem dentro de casa, com a minha família, nem com parentes, eu nunca tive nenhum olhar torto, ninguém nunca fez uma questionalização mais grave etc. e tal. Eu tenho uma família muito incrível, e assim, quase ninguém sabia de nada sobre HIV, naquele momento que eu estava conversando com eles sobre isso. A minha cunhada, que é enfermeira, e a minha outra cunhada, que tinha um tio que vivia com HIV, que eu não sabia, tranquilizaram todo mundo, ajudaram a pesquisar, a aprender e tal.”

A entrevista na íntegra com Daniel Lima está disponível nos anexos, a partir da página 65.

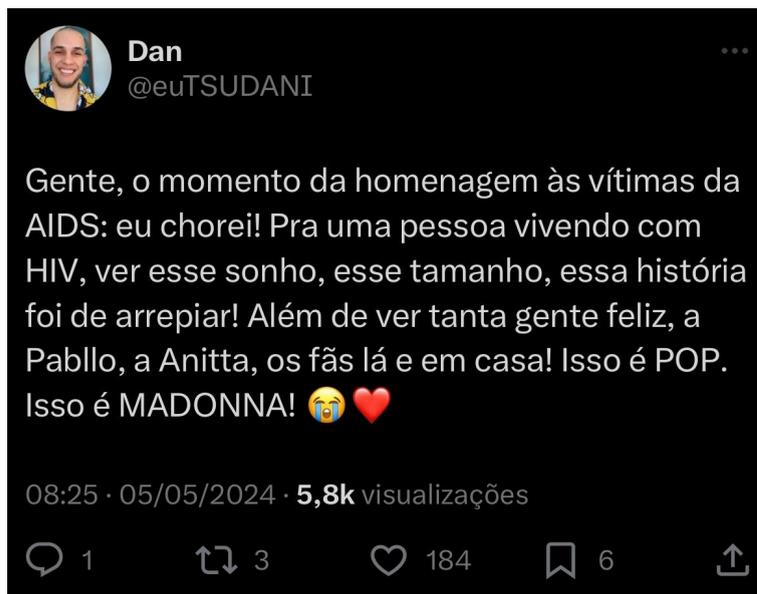


Ilustração 7: Daniel comenta na rede social “X” sobre homenagem da cantora Madonna às vítimas da Aids, durante a “The Celebration Tour”, no Brasil

Fonte: <https://x.com/eutsudani/status/1787081081331781785?s=46>

4.2 Thais Renovato

“Você banaliza o HIV, então vamos ter Aids todo mundo [...] Não é isso que eu falo! Eu quero dizer que é possível viver e viver numa boa”.¹¹ Thais descobriu que vivia com HIV, depois que seu namorado morreu em decorrência da Aids. Mesmo com o baque da notícia, a escritora não se abalou, iniciou o tratamento, foi em busca de informação e, hoje, leva informação às pessoas.

Thais é uma mulher heterossexual e a sua participação é importante para cessar de vez o estereotipo tão falado aqui: de que HIV está ligado apenas a uma comunidade ou um grupo específico. Já não existe mais grupo de risco, existe comportamento de risco. E todos que têm uma vida sexual ativa estão suscetíveis a esse comportamento de risco.

Passados quase 40 anos desde seu aparecimento público, algumas características da Aids mudaram, como por exemplo as transformações das expressões “grupo de risco” para “comportamento de risco” e posteriormente para noções como “vulnerabilidades” e “populações-chave”, que revelam um aparente amadurecimento das perspectivas epidemiológicas (AZEVEDO, 2019, p. 13).

O diagnóstico veio em 2014. Após meses de namoro, seu parceiro adoeceu e foi entubado, por complicações de uma pneumonia. Naquele momento, Thais ainda não fazia ideia do real motivo da piora no quadro do seu parceiro. Foi então que a mãe dele a chamou e disse que ele tinha Aids. Thais já tinha certeza, ali mesmo, durante aquela conversa, que o seu diagnóstico também era certo. Realmente, ela testou positivo para o vírus.

Daquele momento em diante ela viu sua vida mudar e teve que reaprender a viver com sua nova condição. Thais destaca que a hora de contar a alguém com quem ela se relacionava sobre ser PVHIV era sempre difícil. Este, na verdade, é um dos principais receios de quem vive com o vírus, o momento de contar a uma outra pessoa com quem ele ou ela se relaciona e não saber o que esperar. Existe um momento certo, afinal? Talvez não. E mesmo engatando em um novo relacionamento, esse foi um momento que ela já vinha se preparando, mas, por conta de um imprevisto, precisou ser antecipado. Um preservativo rompeu durante o sexo com seu mais novo companheiro, Rodrigo. A situação obrigou Thais a contar toda sua história a ele, que aceitou tranquilamente.

Hoje eles têm dois filhos, ambos pelo método convencional e nenhum é PVHIV. Seu marido também não. Claro que houve algumas mudanças, como, por exemplo, o fato de ela

¹¹ Trecho da fala de Thais Renovato extraído da entrevista ao perfil @históriasdeterapia no Instagram, no dia 04 de julho de 2021.

não poder amamentar seus filhos. Este é um dos pontos que devem ser trazidos à discussão, uma vez que a amamentação é um dos grandes momentos da maternidade, mas isso não impediu que os seus filhos crescessem bem e saudáveis. A construção da família de Thais mostra, primeiramente, os avanços na medicina e como viver com HIV permite ao indivíduo uma vida plena, tal qual outra pessoa. Mas, ao mesmo tempo, retoma o questionamento do porquê a estigmatização sobre o assunto ainda é tão grande? Viver com HIV não impossibilitou Thais de ter uma família, muito menos ser mãe.



Ilustração 8: Thais responde a comentários sorofóbicos em seu perfil do Instagram

Fonte: <https://www.instagram.com/reel/C3TZx3NokLV/?igsh=OWRIZXBtNGZwcDFi>

Durante nossa entrevista, que aconteceu no dia 27 de novembro de 2021, Thais dá detalhes do processo de sair de sua bolha, que parecia ser inatingível pelo HIV e da aceitação do diagnóstico, abertura de sua sorologia na internet à construção de sua família, sendo ela a única PVHIV. A seguir, trecho da entrevista realizada com Thais:

Thais: “Muitas pessoas perguntam como foi pegar o resultado, mas para eu pegar o resultado era só uma comprovação. Eu já sabia que eu tinha, quando a mãe dele me contou que o que ele tinha na época, que a gente já transava sem preservativo, há mais de um ano, né? Então eu tinha certeza que eu tinha. Então eu descobri nessas circunstâncias. Depois de, acho que dois dias que eu descobri, ele morreu. E aí começa a minha saga de aceitação, de

tentar entender o que tinha mudado dos anos 80 para cá. E entendi que muita coisa mudou realmente, né? Antigamente você tomava 20 remédios, tomava mais 20 para os efeitos colaterais que você tinha. Hoje você pode viver o indetectável, que você tem tão pouco vírus circulando no corpo que nessa condição tanto a doença não evolui quanto você não transmite para ninguém. Você tem pouquíssimos efeitos colaterais ou quase nenhum dos remédios. Você pode viver com o mesmo esquema por décadas.”

“Eu posso viver a vida inteira com o vírus, eu nunca desenvolvi a AIDS. Então quando eu descobri todas essas coisas, eu falei peraí gente, muita coisa do que a gente tem aí é muito mais um estigma social, porque a doença em si mudou muita coisa. E aí quando eu fui descobrindo, eu falei eu também nunca fui uma pessoa muito preocupada com os outros. Então, eu comecei a falar, gente, está todo mundo errado. Eu estou certa, meu médico está certo. Então vou falar para todo mundo que as pessoas precisam saber que tudo isso mudou, né? E aí foi quando eu comecei a falar mais sobre o assunto.”

Dreikon: “Você acredita que quando você teve seu diagnóstico lá em 2014 muito do que você sabia estava muito baseado lá em 1980? Você acha que já tinha esse pensamento sobre o que você sabia ainda?”

Thais: “Mais ou menos, assim. Eu sabia que não precisava separar toalhas, talheres, essas coisas que não pegava no beijo, esse tipo de coisa eu sabia. Mas eu não sabia, por exemplo, que você poderia ser mãe ou que você poderia se relacionar sem preservativo. Esse detalhe eu acho que você só sabe quando você está vivendo ou conhece alguém, e aí você começa a se envolver um pouco mais. É igual, sei lá, esclerose múltipla. Eu só vou pesquisar muito se eu tiver alguém muito próximo a mim. Então você sabe, acho, as coisas básicas do câncer, da Aids. Se bem que para a Aids HIV as pessoas não sabem nem o básico, às vezes. Muita gente não sabe nem o básico.”

Dreikon: “E você contou para a sua família, assim, logo de início quando você recebeu o diagnóstico, qual foi a reação deles?”

Thais: “Minha irmã do meio morava comigo na época. Minha irmã mais velha mora fora do país já há alguns anos. Eu contei para as minhas irmãs e como minha irmã viveu tudo comigo, ela viveu junto. Ela conhecia meus namorados, a gente sempre saía juntos. A minha irmã que mora fora ficou muito, muito preocupada. E meus pais, eu fui contar assim, um ano e pouco depois só, quando eu tinha digerido, quando eu comecei o tratamento, quando eu realmente vi que eu não tinha muitos efeitos colaterais, que eu poderia viver super bem, aí eu já contei para eles quando eu estava muito bem, para mostrar mãe, eu já tenho um ano e meio, já faço tratamento há muito tempo, vai ser isso. E aí eu contei bem mais para frente, mas

sempre com esse cuidado, né? Como você conta para uma pessoa mais velha, quando você conta para uma pessoa mais jovem, tem que tomar um pouco de cuidado porque meu pai tem 80 anos, né?”

“Então, para ele, ele achava que era uma doença de prostituta, né? Na cabeça dele ele falava, gente, é uma doença de prostituta. E ele falava assim, mas você não trabalhava na Samsung? Eu falei, não, mas eu trabalhava, Porque a cabeça dele é uma cabeça dos anos 80, ele não tem, não sabe procurar na internet, então ele não entende muito bem. Então, eu tive que ter esse cuidado de contar muito diferente, assim como você conta para uma pessoa jovem, né? Às vezes eu contei para o menino do meu trabalho, que ele tinha 20 anos, ele falou assim, você toma um comprimido e fica super bem. Ele já está numa nova era, que realmente é assim, né? Tem amigos que tem, você toma um comprimido e ok.”

Dreikon: “E quando você recebeu esse diagnóstico lá em 2014, você quis começar a se informar, depois você passou ali do estágio de negação, você sentiu falta de mais pessoas que falavam abertamente sobre isso?”

Thais: “Sim, eu senti muita falta, na realidade, até por isso que eu escrevi um livro depois, porque eu falei assim, gente, eu não vou ser para ninguém, eu quero ser para as pessoas o que eu não tive. Eu tentei buscar algumas pessoas, achei alguns ativistas, mas sempre os meninos gays, assim, os três meninos que eram gays. E eu falei, gente, mas cadê as mulheres? Eu queria ser mãe, eu sou ainda heterossexual, entendeu? Você quer se encaixar em algum lugar ali? Eu estava procurando pessoas que tivessem histórias mais próximas a mim. Eu não achei ninguém para conversar. Impressionante. Eu fui a um grupo de apoio, mas não me ajudou muito, não me senti apoiada.”

“Eu acho que ajuda muitas pessoas, mas pra mim não funcionou. O que me ajudou mesmo foi minha psicóloga, que aí ela foi me direcionando, desde antes do meu ex-namorado morrer, a gente já foi criando cenários se ele morresse, se ele vivesse, se eu estivesse doente, se ele não estivesse, se eu não estivesse, então a gente já foi criando cenários. Então acho que minha psicóloga foi quem me... Mas cada um tem um esquema, tem gente que não conta pra ninguém, tem gente que vai em grupo de apoio, tem gente que vai no psicólogo, tem que ver aonde, qual o seu caminho que você se dá melhor, se adapta melhor.”

Dreikon: “E você tinha esse sonho de ser mãe? Antes de receber o diagnóstico, você tinha um sonho de ser mãe?”

Thais: “Quando eu recebi o diagnóstico, naquele momento, pra mim, ainda mais eu perdendo uma pessoa pra AIDS, acabou, assim, pra mim, eu jamais ia me relacionar novamente, jamais eu ia viver, eu achava que eu ia morrer como ele, porque ele tinha acabado

de morrer, então pra mim foi bem pesado esse início. Eu tinha vontade de ser mãe, acho que eu já tinha assim, quando eu era um pouco mais nova, e aí quando eu conheci o Rodrigo, eu já tinha muita vontade mesmo, eu fui entender como era possível, junto com o meu obstetra, com o meu infectologista, entendi que você tinha que tomar alguns cuidados, mas que você podia ser, eu não passaria pros bebês se eu fizesse tudo bonitinho, mas acho que essa vontade veio mesmo depois que eu conheci o Rodrigo, que é o meu atual marido, aí a gente, bem no início, eu já falava pra ele, você quer ser pai? Porque em algum momento eu quero ser mãe, ele falou, não, eu quero ser pai, e a gente foi entender.”

Dreikon: “E quando você conheceu o Rodrigo, como foi o processo de contar pra ele?”

Thais: “Então, eu conheci o Rodrigo, quando meu ex-namorado trabalhava na Samsung, eu mudei pra Sony, o Rodrigo trabalhava na Sony, a gente trabalhou juntos lá, aí acho que um ano depois, a gente saiu e ficou, e aí eu tinha muito medo, eu não queria me relacionar com ele, porque eu achava, eu tinha um peso assim, como é que eu posso te explicar, quase que uma culpa, eu não merecesse estar com ele, então eu falava, não gente, ele precisa de uma menina saudável, então eu ficava fugindo dele, porque eu achava que eu não merecia ele, sendo que era uma escolha dele, não minha, mas eu tinha muito isso na cabeça, e aí, eu já estava indetectável, nessa condição eu não infectaria o Rodrigo, mas ainda assim eu usava preservativo, porque eu achava, obviamente, que essa escolha de tirar o não era uma escolha dele, e aí numa viagem a camisinha estourou, e aí eu fiquei muito nervosa, e aí ele falou assim, calma Thais, eu não tenho nada, eu falei, mas eu tenho, e aí chorei, contei toda a história do meu ex-namorado e tudo mais, e aí ele falou assim, eu estou com você, que tipo de pessoa seria se eu não estivesse do seu lado quando você mais precisasse, eu vou ficar aqui, estou com você, e aí agora eu casei, depois dessa a gente casou, o cachorro, o filho, tudo.”

A entrevista na íntegra com Thais Renovatto está disponível nos anexos, a partir da página 79.

4.3 Jennifer Besse

“Minha mãe morreu de Aids aos 32 anos quando a ciência descobriu o que era esse vírus que colocava fim na vida das pessoas de uma hora pra outra.”, conta Jennifer Besse em um post no Instagram. Ela já nasceu com HIV e, como diz, não conhece outra realidade que

não seja essa. Para ela não existe o questionamento que muitas pessoas que vivem com HIV fazem ou já fizeram: “o que eu poderia ter feito de diferente?” ou “como eu poderia ter evitado?”. O caso de Jennifer é chamado de transmissão vertical e ocorre quando a criança contrai o vírus durante a gestação, parto ou amamentação.

Diferentemente do Daniel e da Thais, nunca houve o momento do diagnóstico para Jennifer, afinal, ela já nasceu sendo uma PVHIV. Esse passa a ser, então, o ponto chave da personagem dentro do trabalho. Já nascer PVHIV representa uma série de outros desafios durante a sua vida. Se debater o tema com adultos já é complexo, com crianças e adolescentes é ainda mais.

Dentro do trabalho, a contribuição de Jennifer enquanto personagem é de tentar entender de que maneira sua relação com o mundo e com ela própria foi sendo construída ao longo dos anos. Quais os pensamentos ela desenvolveu e como é para uma criança lidar com o estigma e o tabu de um assunto que ela entende tão pouco?

Até que Jennifer chegue ao ponto de abrir sua sorologia, ela passou por processos profundos em sua infância e adolescência, para que sua identidade fosse formada. Adentramos aqui em um outro ponto que difere Jennifer dos demais personagens: sua identidade sempre foi construída enquanto mulher vivendo com HIV, diferentemente dos outros dois, que possuem uma vida antes e depois do diagnóstico. As experiências, histórias e vivências de Jennifer não possuem esse antes e depois, pois o vírus sempre esteve presente em sua vida.



Ilustração 9: Publicação no perfil de Jennifer , 14 de julho de 2021

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CRUDrVjH4fK/?igsh=MWhqNWRtaWV2M29saA==>



Ilustração 10: Publicação no perfil de Jennifer , 19 de janeiro de 2022

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CY7r5tZNaN1/?igsh=MWhuNXlqcmwyamVkOA==>

Durante nossa entrevista, que aconteceu no dia 24 de novembro de 2021, Jennifer Besse contou o processo de resignificação e aceitação constante de sua identidade enquanto PVHIV, uma vez que ela nunca conheceu a realidade de não conviver com o vírus. A seguir, trecho da entrevista realizada com Jennifer:

Jennifer: “Eu perdi minha mãe em 1995, quando ela faleceu de AIDS, então ela ficou muito doente, eu tinha, ela morreu de neurotoxoplasmose, né, e foi quando eu descobri também que eu vivia com HIV. Eu tinha seis anos, e ela faleceu, eu descobri, nessa mesma época, fizeram um teste em mim e no meu pai, né, meu pai não vive com HIV, gente, e até todos os anos meu pai faz teste, e nenhum até hoje deu positivo, ou seja, realmente ele não foi, ele não, não era pra ser, não foi com ele, não sei nem como eu falo isso, na verdade, foi uma frase besta, porque eu não sei como eu falaria isso, mas, ele, existem pessoas, se eu não me engano, é uma coisa de, eu até me corrija se eu tiver a Delta X3, uma coisa assim, eu não sei direito como é que é o código técnico do negócio, porque eu não entendo muito a parte técnica, sabe, eu entendo do HIV como uma pessoa que vive com HIV, e que vive a vida inteira com HIV, então eu passei da infância à adolescência, o primeiro amor, a perder a virgindade, tudo com HIV, então todas as, a primeira menstruação, tudo com HIV, né?”

Dreikon: “E após o falecimento da sua mãe, você foi criada pelo seu pai?”

Jennifer: “Após o falecimento da minha mãe, o meu pai, eu fui criada pelo meu pai, sim, meu pai sempre fez esse papel de mãe e pai. Ele tinha uma mulher, ele sempre teve, na verdade, uma mulher, mas eu nunca fui muito próxima dela, então, não tenho muito o que falar, assim, sobre essa pessoa, nunca fui, ele é casado até hoje com ela, tem um filho com ela, ela não vive com HIV também, o filho deles também não vive com HIV, e é isso.”

Dreikon: “Como que foi esse processo? Você acha que seu pai lidou bem com a sua criação enquanto a pessoa viveu com HIV? Como foi antes, como é hoje?”

Jennifer: “O meu pai, pra vocês terem uma ideia, meu pai, ele é suíço, então já começa pela linha quadrada da vida de uma pessoa europeia suíça, e ele chegou no Brasil com vinte e poucos anos, conheceu uma mulher, depois de dois anos, ele chegou em 97 no Brasil, depois de dois anos ele conheceu a minha mãe, depois de um tempo ele conheceu a minha mãe, depois ele me teve, depois, não, 97, dois anos ele me teve, 89, não sei nem fazer conta, gente. E aqui, quando a gente dá risada, a gente fala que isso daqui chama neuro Aids, né? Quando você começa a esquecer um pouco, está vendo? Olha lá, coitada, já tá com neuro Aids. Mas a verdade é que eu fumo maconha todo dia. Exatamente. Peace and love, meu bem. E aí, isso tem que entrar no filme, porque eu sou a defensora da cannabis medicinal, eu defendo com meus dentes, eu falo que a cannabis salvou a minha vida, juro, eu estou viva hoje por conta da cannabis medicinal, sem dúvida, sem dúvida. Então, meu pai, sabe, eu tenho eu pensando hoje com cabeça de adulto, eu tenho até dó dele, coitado, porque ele caiu na mão, assim como a menina, uma criança de seis anos, onde a mulher morreu, sem ninguém no Brasil, ele não tinha ninguém no Brasil, ele não tem ninguém. Toda a família dele é lá da Suíça, ele sozinho aqui, tendo que trabalhar, cuidar de mim. Então, eu cresci muito dentro desse meio de babá, porque ele trabalhava muito, e ele até teve namoradas, até casou com uma mulher, mas não tenho afeto por essa pessoa, não tenho nada a declarar por essa pessoa, e sua família, enfim, porque eu não tive relação, assim.”

Dreikon: “Desde muito nova, então, você já fazia uso de medicamentos, você tinha consulta, você já sabia o motivo, o porquê, quando que seu pai te contou que você era HIV positivo, como que foi essa conversa, você lembra?”

Jennifer: “Lembro, porque eu tô falando sobre isso, eu acabei de gravar vídeo, e tô falando bastante nesse final de ano sobre isso, tem até mexido um pouco comigo. Assim, eu descobri com seis anos de idade, que foi quando a minha mãe faleceu, então isso foi um paque muito grande pra mim, porque a última lembrança que eu tenho da minha mãe, é num hospital todo entubada, e isso é muito triste, porque seis anos de idade, eu nunca imaginei que eu tivesse uma memória dos meus seis anos, e a única memória que eu tenho é ela. Não tenho

outras memórias, eu vejo fotos, vejo coisas, eu não lembro daqueles momentos, mas eu lembro do momento dela no hospital, sabe, porque eu acho que foi os últimos momentos, aquela coisa de levar a criança pra ver, porque eu acho horrível, assim, hoje, como adulto, se eu pudesse escolher, eu falaria que eu não queria aquilo, entendeu, porque eu preferiria ter a memória de uma fotografia, sabe, porque mexe bastante com a gente, essa memória.”

“Mexeu comigo a minha vida inteira, por exemplo, eu, a minha vida inteira, tive a síndrome do eu vou morrer amanhã, por exemplo, a vida inteira, então eu nunca, diferente das pessoas que estudam, que vão, que fazem, que terminam a faculdade, que entram num trabalho, que lutam por um grande cargo e não sei o que, eu nunca tive essa parada, sabe, porque na minha cabeça, eu sempre vou morrer amanhã, então assim, eu também não juntei dinheiro, eu fiz dívida até umas horas, já entrei e saí do Serasa N vezes, entendeu, já caguei minha vida, já voltei, já tal, por isso, porque eu falava, foda-se, eu vou gastar tudo, eu não vou guardar dinheiro, eu vou morrer, então isso me acompanhou durante muito tempo, e eu posso te dizer que me acompanhou durante, eu coloco 25 anos, desde o dia que eu nasci, mas eu descobri com 6, mas estou colocando meu, me acompanhou desde os 6 até os 25 anos.”

Jennifer: “Então, aos 19 anos, vendo que já estava mais corriqueira essa questão da galera falar na internet abertamente, eu assumi essa coragem e falei, vou lá, vou falar e vou me expor e espero que as pessoas venham falar comigo. E eu tive uma grande surpresa, porque todas as pessoas que eu já tinha ficado, que viram ou qualquer coisa, elas não tiveram nenhuma reação agressiva e nem nada. Não tive problema com ninguém, que eu de fato fiquei. Eu tive problemas com outras pessoas, sabe?! Que não tinha nada a ver. Então, foi isso.”

Dreikon: “E no ambiente de trabalho, como que era?”

Jennifer: “No ambiente de trabalho, eu nunca falei. Assim, que eu vivia, porque até 2019 eu não falava de HIV. Então, eu comecei a falar depois e depois, já foi quando começou a pandemia. No final de 2019, eu falei no dia 1º de dezembro de 2019. Foi quando começou a pandemia e eu saí, eu trabalhava no hotel e eu saí desse hotel. Então, eu trabalhava com meu pai até. Só que eu cheguei a conversar com meu pai, eu falei, pai, eu estou pensando em fazer isso. Eu estou querendo por isso, isso é aquilo que eu quero me sentir bem. Eu quero passar uma peneira nas pessoas que estão na minha vida. Você está numa fase que você já está de saco cheio das pessoas, na real. E você quer fazer uma limpa? E a minha limpa foi essa, foi falar que eu ia abrir e vai ficar quem de fato me aceitar.”

Dreikon: “Então, o que que te motivou a isso? A abrir sua sorologia em 2019?”

Jennifer: “Por isso, pra dividir, pra ficar, permanecer na minha vida, só quem me aceita do jeito que eu sou, do jeito que eu sempre fui e por que eu já queria falar.”

A entrevista na íntegra com Jennifer Besse está disponível nos anexos, a partir da página 90.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada nesta monografia, "Narrativas positivas: Inventário/coleção de outras representações (Des)estigmatizando o HIV", revela a complexidade e a importância de abordar o HIV sob uma nova perspectiva, livre dos estigmas que historicamente têm cercado o vírus. Em um primeiro momento, a ideia foi realizar este trabalho em um formato de produto, sendo apresentado como um minidocumentário. No entanto, a ideia precisou ser readaptada, agora no formato de monografia.

Ao longo deste trabalho, foi possível observar como a construção social e midiática do HIV contribuiu para uma percepção distorcida e prejudicial, que ainda persiste em muitos aspectos da sociedade contemporânea.

O estigma em torno do HIV não é apenas um reflexo de preconceitos passados, mas um problema contínuo que afeta a vida de milhões de pessoas. A mídia, desde o início da epidemia, desempenhou um papel significativo na formação dessas percepções, muitas vezes retratando o HIV como uma "doença de minorias", "peste gay" ou como uma consequência de comportamentos imorais. Essa narrativa não apenas marginalizou indivíduos e grupos, mas também dificultou o acesso a informações precisas e ao tratamento adequado.

Os avanços na medicina, que permitem que pessoas vivendo com HIV tenham vidas longas e saudáveis, são muitas vezes ofuscados por desinformações e preconceitos. A distinção crucial entre HIV e AIDS ainda não é amplamente compreendida, e muitos desconhecem o conceito de indetectável = intransmissível (I=I), que demonstra que pessoas em tratamento eficaz não transmitem o vírus.

A representação de pessoas vivendo com HIV em mídias e plataformas sociais é fundamental para a desestigmatização. Influenciadores digitais, como Lucas Raniel e Taís Renovato, Daniel Lima, Jennifer Besse e tantos outros desempenham um papel crucial ao compartilhar suas experiências pessoais, educando o público e promovendo uma narrativa de empoderamento em vez de medo. Essas vozes são essenciais para desafiar os estereótipos e reconfigurar a percepção pública do HIV como uma questão de saúde e não um marcador de identidades desviantes.

A pesquisa proposta neste trabalho busca exatamente isso: oferecer uma plataforma para histórias diversas e autênticas que representam a complexidade de viver com HIV. Ao focar em personagens de diferentes origens e experiências, a monografia visa desconstruir a ideia de que o HIV tem uma "cara" específica, destacando as diversas formas de se viver plena e dignamente com o vírus.

A desestigmatização do HIV tem implicações profundas não apenas para os indivíduos diretamente afetados, mas para a sociedade como um todo. Reduzir o estigma pode melhorar o acesso ao tratamento, aumentar a adesão à terapia antirretroviral e, conseqüentemente, diminuir a transmissão do vírus. Além disso, uma sociedade mais informada e inclusiva está mais bem equipada para lidar com questões de saúde pública de maneira eficaz e compassiva.

No entanto, a luta contra o estigma do HIV é contínua e multifacetada. Ela requer esforços coordenados entre governos, organizações de saúde, educadores e a mídia. Campanhas educativas devem ser ampliadas para alcançar audiências mais amplas, enfatizando a importância do diagnóstico precoce e do tratamento contínuo. A educação deve também focar em desmistificar mitos persistentes sobre o HIV, promovendo uma compreensão mais clara e baseada em fatos.

As políticas públicas também devem refletir um compromisso com a inclusão e o apoio às pessoas vivendo com HIV. Isso inclui garantir o acesso universal ao tratamento, eliminar discriminações no local de trabalho e em outros ambientes sociais, e promover programas que incentivem o teste e o tratamento voluntários.

Em conclusão, a desestigmatização do HIV é um passo essencial para garantir que todas as pessoas, independente de sorologia, possam viver vidas plenas, dignas e livres de discriminação. O trabalho realizado nesta monografia contribui para essa missão ao destacar a importância de narrativas positivas e representações autênticas. Ao continuar a promover a educação e a conscientização, podemos criar um futuro em que o HIV seja visto não como um estigma, mas como uma condição de saúde gerenciável e compreendida.

Este trabalho é apenas um ponto de partida. Há muito mais a ser feito para mudar percepções e melhorar vidas. Através de esforços contínuos e colaborativos, podemos transformar a maneira como o HIV é visto e tratado na sociedade, promovendo um mundo mais justo e igualitário para todos.

Referências:

AZEVÊDO, José Henrique Pires. **Textualizando experiências com o HIV: a resiliência em canais do YouTube criados por pessoas soropositivas**. Orientador: Carlos Alberto de Carvalho. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade De Filosofia e Ciências Humanas Programa De Pós-Graduação em Comunicação, Belo Horizonte, 2019. Acesso em: 19 ago. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Acesso em: 19 out. 2021.

BLANCO, Maria Isabel. **Um documentário de afeto: espanhóis na cidade de São Paulo**. São Paulo. 2009. Acesso em: 11 nov. 2021.

BRAGA, A.; GASTALDO, Édison. **Pertencimento como categoria analítica: etnometodologia para os estudos de comunicação**. E-Compós, [S. l.], v. 22, n. 1, 2018. DOI: 10.30962/ec.1563. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1563>. Acesso em: 19 ago. 2021.

DA-RIN, Silvio. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006. Acesso em: 11 nov. 2021.

FARMACIA.UFMG.BR. Casais sorodiscordantes: o que são?. Disponível em: <https://www.farmacia.ufmg.br/pensandonisso/casais-sorodiscordantes-o-que-sao/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

G1.GLOBO.COM. **Negros ocupam só 0,4% dos cargos de diretoria, mostra levantamento**. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/09/16/negros-ocupam-so-04percent-dos-cargos-de-diretoria-mostra-levantamento.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2022.

G1.GLOBO.COM. **Presença de mulheres nas câmaras cresce e vai a 18% dos eleitos**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2024/noticia/2024/10/07/presenca-de-mulheres-nas-camaras-cresce-e-vai-a-18percent-dos-eleitos.ghtml> . Acesso em: 10 out. 2024.

GALVÃO, Jane. **Aids no Brasil: agenda de construção de uma epidemia**. Rio de Janeiro/São Paulo: ABIA/Editora 34, 2000. Acesso em: 11 nov. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Acesso em: 19 ago. 2024.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Acesso em: 11 nov. 2024.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. New York: Henry Holt and Company, 1997. Acesso em: 29 set. 2021.

MARCONDES, Guilherme. **Anticorpos para o combate ao vírus colonial: algumas ideias através da arte**. Rio de Janeiro: Editora ABC, 2020. Acesso em: 10 out. 2024.

MARTINS, João. **Quando a Veja matou Cazuzu**. Observatório de Mídia, 15 set. 2021. Disponível em: <https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/quando-a-veja-matou-cazuza-15933a4f909a>. Acesso em: 20 set. 2024.

MEDIUM.COM. **Quando a Veja matou Cazuzu?**. Disponível em: <https://medium.com/observat%C3%B3rio-de-m%C3%ADdia/quando-a-veja-matou-cazuza-15933a4f909a>. Acesso em: 22 jan. 2024.

METROPOLES.COM. **Regina Volpato se desculpa após ser acusada de sorofobia: “Vergonha”**. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/regina-volpato-se-pronuncia-apos-ser-acusada-de-sorofobia-envergonhada>. Acesso em: 9 ago. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE.COM. **Doenças Sexualmente Transmissíveis**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/dst#:~:text=Importante%3A%20A%20terminologia%20Infec%C3%A7%C3%B5es%20Sexualmente,mesmo%20sem%20sinais%20e%20sintomas..> Acesso em: 11 out. 2024.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005. Acesso em: 29 set. 2021.

PERES, Wiliam Siqueira. **Violência estrutural e AIDS na comunidade travesti brasileira**. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, 2024. Disponível em: <https://mail.revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/23>. Acesso em: 12 mai. 2024

QUEER NATION. **Queer Nation Manifesto**. Nova York: Queer Nation, 1990. Acesso em: 10 out. 2024.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008. Acesso em: 01 out. 2021.

ROCHA, Marcella Diana Helfenstein Albeirice da. **História social da AIDS no mundo: a vulnerabilidade dos sujeitos**. São Paulo: Editora XYZ, 2017 Acesso em: 10 out. 2024.

SANTOS, Lidiane Soares dos. **Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in)tolerância**: uma relação linguístico-discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. *Revista Internacional de Educação Brasileira*, v. 15, n. 1, p. 193-212, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/gjKScQCrZpKtyM6mHz7S38g/?lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2024.

SANTOS, Regina Maria dos. **A problemática da exclusão/inclusão social dos portadores de HIV/AIDS no Brasil**. Natal: Revista Interface, 2007. Acesso em: 20 set. 2024.

SARMIENTO, Guilherme. **A dramaturgia do documentário: a questão da personagem**. 2013. Acesso em: 26 set. 2021.

SOARES, Rosana de Lima. **Mídias e estigmas sociais: sutileza e grosseria da exclusão**, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/27/tde-24062016-141728/en.php>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SOUSA, A. S. DE; KANTORSKI, L. P.; BIELEMANN, V. DE L. M. **A Aids no interior da família: percepção, silêncio e segredo na convivência social**. Disponível em: 10.4025/actascihealthsci.v26i1.1603. Acta Scientiarum. Health Sciences, v. 26, n. 1, p. 1-9, 4 abr. 2008. Acesso em: 26 set. 2021.

UNAIDS.ORG.BR. **Entrevista: A Comunidade ballroom e o Movimento Social da Aids**. Disponível em: <https://unaid.org.br/2024/03/entrevista-a-comunidade-ballroom-e-o-movimento-social-da-aids/>. Acesso em: 3 set. 2024.

VALKIRIAS.COM.BR. **A luta pela sobrevivência e a vida real nas histórias de Pose**. Disponível em: <https://valkirias.com.br/pose/>. Acesso em: 3 set. 2024.

VALLE, Carlos Guilherme do. **Identidades, doença e organização social: um estudo das “Pessoas vivendo com HIV e Aids”**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. Acesso em: 15 out. 2021.

ZUCCHI, E. M.; BARROS, C. R. dos S.; PAIVA, V. S. F.; FRANÇA JUNIOR, I. **Estigma e discriminação vividos na escola por crianças e jovens órfãos por Aids**. Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 36, n. 3, p. 719-734, 2010. DOI: 10.1590/S1517-97022010000300005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28258> Acesso em: 19 ago. 2021.

ANEXOS - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

1.1 Entrevista Daniel Lima 07/12/2021

Dreikon: “Começou! Daniel, primeiramente, eu queria que você se apresentasse. Qual o seu nome, sua idade, onde você mora, sua orientação e há quanto tempo que você vive com HIV?”

Daniel: “Eu sou Daniel, tenho 32 anos, eu sou paulistano, mas moro em Blumenau, em Santa Catarina. Eu vim pra cá transferido pelo trabalho um pouquinho antes da pandemia. E eu vivo com HIV. Acabou de fazer 5 anos e eu também entrei na empresa, acabou de fazer 5 anos. É uma coisa muito próxima uma da outra. E foram duas datas muito importantes, porque eu fiquei totalmente perdido naquela época, né? Porque eu não tinha nem passado na experiência, ainda no trabalho, fiquei preocupadíssimo. E eu sou gay, caso alguém não tenha percebido ainda.”

Dreikon: “E como você descobriu sua sorologia? Em que ano que foi?”

Daniel: “Foi em 2016. Eu estava namorando na época e esse namorado teve sintomas de soroconversão. Ele estava numa fase ruim, né? Estava com um familiar hospitalizado, com câncer no trato intestinal, essa pessoa faleceu. E aí, na semana que essa pessoa faleceu, ele tinha uma dermatite nas regiões mais acessadas do corpo. E aí, essa dermatite se espalhou pelo corpo inteiro, praticamente de um dia pro outro. E aí, ele foi no médico, né? Os dermatologistas não conseguiram identificar o que era. Acharam que era só uma alergia, uma dermatite de contato, um ressecamento ou estresse, né? Que ele passou por causa da perda desse parente. E quando ele foi para o trabalho, que ele trabalha num CTA, ainda trabalha lá, né? Que é o Centro de Testagem e Acolhimento, onde faz tratamento e tal. E aí, um médico do Emílio Ribas, que é um hospital de referência de São Paulo, chegou nesse lugar, né? Começou há pouco tempo depois de trabalhar lá, olhou para ele e falou para ele fazer mais um teste. E ele tinha feito um teste menos de um mês antes e tinha dado negativo, porque ele fazia testes assim muitas vezes. Ele era meio neurótico com isso, porque ele já teve alguém que morreu por complicações de AIDS. Alguém na vida dele já passou e ele já teve essa perda, então ele era muito complexado com isso. E aí, o médico olhou para ele, falou para ele fazer um reteste, ele fez o reteste e deu positivo.”

“E aí, ele conversou comigo via mensagem, dizendo que eu tinha que ir ao hospital com ele para fazer um exame. E alguma coisa assim, ele não podia ir sozinho. Aí, eu o

questionei de que exame era esse, ele desconversou, não soube me explicar. Aí, eu continuei pressionando, aí eu liguei pra ele. Eu estava no intervalo do meu trabalho nesse momento, era uma quarta-feira. E aí, sexta-feira eu ia folgar, ele já sabia que eu ia folgar, porque ele se programava para eu ir ao final de semana lá para casa dele. Eu ia do final de semana e ficava lá sexta, sábado, domingo e voltava para casa segunda-feira depois do trabalho. Eu passava esse período lá com ele. E aí, liguei para ele. E aí, ele demorou pra me atender ainda, ficou relutante, mas me atendeu e me explicou o que aconteceu. E, na verdade, quem teria que passar no médico seria eu, porque eu ia fazer a testagem. Lá na Santa Cruz, que é um CTA bem conhecido de São Paulo, bem grande, lá perto do metrô. E aí, eu fiquei meio anestesiado com aquela ligação, né? Ele ficou um tempo em silêncio também. E eu fui para lá na quinta-feira. Quinta-feira, à noite, depois do trabalho. Esse espaço de tempo, eu não sei como que eu vivi. Eu não tenho lembrança de nada. Porque eu tomei um choque, sabe? Depois eu voltei para o intervalo do trabalho, não lembro mais daquele dia.”

“No dia seguinte, eu não lembro do dia seguinte também. Eu só lembro que na quinta-feira, dia seguinte, à noite, eu fui para casa dele. E eu fui passar a noite lá, porque é mais perto da casa dele do que da minha. E aí, a gente acordou cedinho no dia seguinte e foi lá fazer o teste. Estava muito cedo, né? A gente teve que esperar ficar pronto, umas horas, o teste. Fomos ali ao shopping, ficamos ali sentados na praça de alimentação do shopping, que fica aberta, porque tem acesso ao metrô. E aí, foi uma coisa muito tensa, sabe? A gente mal conversava, assim. Ficou um clima meio chato, meio pesado.”

“E a gente pensando, né? E tal. E aí, a gente voltou para o CTA para ver o resultado. E durante a espera, a gente notou que algumas pessoas saíram pela saída normal, né? E tranquilos. E outras pessoas iam para uma outra sala. Essa outra sala, muito provavelmente, ia quem tinha dado positivo, né? Porque quem saía pela porta normal saía bem rapidinho. As pessoas de dentro daquela sala demoravam para sair. E elas não saíam bem de lá de dentro. Então, a gente imaginou, né? Que fosse isso e tal. Aí, me chamaram. Quando me chamaram, eu fui para aquela sala. Aquela tal sala. Foi uma psicóloga que conversou comigo. Não foi nenhum médico, foi uma psicóloga. E aí, ela foi conversar, perguntou por que eu tinha feito o teste. Eu expliquei para ela. E aí, ela falou, bom, então, não deve ser nenhuma novidade pra você. Deu positivo.”

Dreikon: “E o que você sabia sobre o HIV e Aids naquele momento do diagnóstico? Que pensamento que você teve quando ela te falou que deu positivo?”

Daniel: “Todo mundo fala para mim, das pessoas que tiveram uma experiência de quase morte, sabe? Você sempre ouve falar que o filme da vida passa na cabeça. Quando você

tá prestes a encontrar a morte. Ou você acha que vai encontrar. Quando eu recebi o diagnóstico positivo e eu li reagente naquele papel, eu vi o meu futuro queimar. Parecia que tudo tinha acabado ali. Planos, sonhos, desejos, vontades. Qualquer outro relacionamento que eu pudesse ter. Porque eu conhecia esse cara, a gente estava junto há pouco tempo, né? E eu sabia que ele ia ser uma grande bomba na nossa relação. E eu achei que estava tudo acabado. Só que eu já tinha tido um namorado, um casinho, na verdade, que vivia com HIV há uns três anos. E eu tinha um amigo que vivia com HIV há mais de dez anos. Então, eu não era uma pessoa totalmente desinformada. Nesse momento, esqueci tudo que eu sabia. E me bateu o desespero. Só isso. O meu ex invadiu a sala quando eu estava lá dentro. Porque ele tinha esperança ainda, mesmo de eu ter feito três vezes o teste dele, de ter dado positivo. Ele não tinha esperança do meu dar negativo para ele validar um erro dele. E aí, deu... Ele entrou lá dentro, a enfermeira tentou impedi-lo de entrar. Eu falei, não deixe, ele é meu namorado e tal. E aí, eu nem respondi para ele. Comecei a chorar, ele começou a chorar, em seguida. E foi esse grande choque aí. Tudo que eu achei que sabia sobre o HIV desapareceu. Desapareceu completamente. Você perde a noção de espaço, de tempo. A psicóloga estava me explicando o que eu tinha que fazer naquele momento, mas eu não ouvi nada. Prestei atenção em nada. Eu só pensava que tinha tudo acabado.”

Dreikon: “E você contou para sua família logo de início? Logo depois do teste? Qual foi a reação deles?”

Daniel: “No sábado, eu fui para casa. E aí, já estranharam, porque geralmente eu ia para a casa desse namorado. Aí, eu cheguei em casa sábado. A minha irmã não morava comigo. E o meu pai também não estava em casa. Estavam os meus dois irmãos. O mais velho e o mais novo. As minhas duas cunhadas. Uma delas era enfermeira, inclusive. E aí, eu bati nas portas de todo mundo. Chamei todo mundo para a sala. O meu irmão mais novo até falou assim: nossa, você nunca fez isso. Está chamando todo mundo na sala. Que você ganhou na Mega-Sena etc. e tal. Aí, eu estava muito nervoso. Todo mundo se sentou. Eu falei, expliquei o que tinha acontecido. Qual era o problema que o meu ex tinha na pele. E falei que eu tinha que fazer o teste. E que tinha dado positivo. A minha mãe, ela ficou num estado de choque, sabe? Ela deu aquele tapa na perna, assim. Tipo, puta, não acredito. O meu irmão mais velho ficou realmente em estado de choque. Ele ficou imóvel, inerte. Ele não falava. Não reagiu. Ficou parado no canto onde ele estava. E aí, vendo aquela falta de reação. Aquela surpresa. Eu comecei a falar um monte de bobagem. Tipo, não precisa separar minha roupa. Não precisa separar meu talher. Pode continuar me abraçando e tal. Eu mesmo falei. Olha o tamanho do choque. O que o choque faz com você. Eu já sabia de tudo isso. Só que naquela

hora do desespero, eu comecei a falar. A última coisa que eu falei, antes de todo mundo vir me abraçar, com exceção do meu irmão mais velho, que realmente ficou em estado de choque, foi assim, que eu estava desesperado. E aí veio, todo mundo me abraçou. E a minha mãe disse que, enquanto ela estivesse viva, ela ia lutar do meu lado.”

Dreikon: “E ter esse apoio familiar, que muitas vezes, assim, não acontece. Você acha que fez muita diferença para você, principalmente sobre a internet?”

Daniel: “Fez. Fez muita diferença. Teve várias etapas na minha vida que eu tive o apoio incondicional da minha família sempre. Por mais que eles não entendessem, por mais que eles não concordassem, ou alguma coisa parecida. Quando eu disse que era gay, quando eu falei do HIV, saí do armário duas vezes. Então, eu imagino que tenha sido uma coisa, um processo muito difícil para eles. Mas nem dentro de casa, com a minha família, nem com parentes. Eu nunca tive nenhum olhar torto. Ninguém nunca fez uma questionalização mais grave. Eu tenho uma família muito incrível. E assim, quase ninguém sabia de nada sobre HIV. Naquele momento eu estava conversando sobre isso. A minha cunhada, que é enfermeira, e a minha outra cunhada, que tinha um tio que vivia com HIV, que eu não sabia, tranquilizaram todo mundo. Ajudaram-me a pesquisar, aprender e tal. O meu irmão mais velho, eu me levantei do sofá para falar com ele, e abracei ele. Quando ele me abraçou, ele chorava muito. Eu nunca vi o meu irmão mais velho daquele jeito. No dia seguinte, quando eu acordei, o meu pai estava na cozinha com a minha mãe. Ele nem morava em casa nessa época. A minha mãe devia ter acabado de falar para ele.”

“Quando eu cheguei na cozinha, eu falei: oi, pai, ele se levantou e me abraçou chorando muito, sabe? Ele falou assim, o que você fez com a sua vida? Como se eu tivesse recebido a notícia de que eu ia morrer. O meu pai viveu um luto ali, comigo. Não foi eu que contei para minha irmã, foi a minha mãe, mas a minha irmã disse que a sensação que ela tinha é que a alma dela saiu de dentro do corpo e voltou. O tamanho do susto que ela levou, esse primeiro impacto daquela notícia. Durante algumas semanas seguintes, o meu pai ficou muito mal. Ele teve um tipo de depressão mesmo. Ele ligava para minha mãe de madrugada pra saber se eu estava vivo, se eu estava bem. Eu acordei algumas vezes com um ou com o outro, olhando no quarto para ver se eu estava respirando. Se eu tivesse uma tosse, um espirro, alguma coisa assim, já era um ponto de atenção. Já ficaram apreensivos e tal. Mas aí, com o tempo, a gente foi aprendendo, todo mundo junto, foi vendo que estava tudo bem. Eu fiz o possível para segurar essa onda e ajudar eles com isso.”

“Com o tempo, aprenderam. Com o tempo, essa sensação passou. Eu sabia que uma hora ia passar e tal. E aí, isso mudou a minha visão de muitas coisas. Eu comecei a dar muito

mais valor para pequenas vitórias. Muito mais valor para as pessoas que realmente gostam de mim. Isso me abriu os olhos para a vida de outra maneira. Eu sabia o que eu ia enfrentar dali em diante. Nos relacionamentos, como eu ia passar por aquilo. Eu sabia que eu ia ter essa dificuldade. A minha família, aparentemente, também sabia. E me apoiou para essa dificuldade não estar dentro de casa. E fora dela, aprender a lutar.”

Dreikon: “Ali no fim da década de 80, começo de 90, HIV ficou conhecido muito como a peste gay. Você acha que hoje, viver com HIV, sendo gay, acaba sendo mais estigmatizante ainda, por conta disso?”

Daniel: “Sim. É, sim. Eu lembro que antes de eu começar a falar abertamente, de eu criar o Positive Free, o meu ebook, eu pensei muito nisso, sabe? De ser aquele clichê de gay com HIV. Porque ainda hoje isso é bem comum. Ainda hoje, na internet, às vezes acontece de eu sofrer um ataque. Quando eu falo de HIV na internet, sempre eu sofro algum ataque. Sempre, todas as vezes que eu falo ou das profilaxias, ou de transar com preservativo ou não. Toda vez que é uma coisa relacionada a HIV, que eu estou falando, não que eu estou compartilhando. Se eu pegar uma matéria e compartilhar, isso não acontece. Agora, se eu falar, se essa opinião vir de mim, sofro algum tipo de ataque. E, inevitavelmente, esse ataque é de alguma coisa com sexualidade e HIV. Já mandaram para mim que a minha mãe deve ter vergonha de mim, que o meu pai deve querer se matar. Já li barbaridades na internet. Só que eu aprendi a ignorar isso. A não responder e a ignorar. E ignorar, eu digo assim, nem bloquear, nem interagir, nada. Porque se eles perceberem que me atingem, o que não acontece mais é pior. Então, eu deixo as pessoas falarem. E aí, como eu tenho muitos seguidores no Twitter por causa disso, desde que eu comecei a falar sobre HIV, as pessoas compram essa briga. As pessoas acabam comprando essa briga. E eu deixo as pessoas comprarem essa briga. Eu vou lá e dou o meu apoio, concordo, respondo, agradeço. Mas eu deixo as pessoas comprarem essa briga, que é uma briga muito válida. Como que a gente está em 2021? Eu comecei a falar abertamente sobre isso na internet, acho que foi em 2018. Em 2018, 19, 20, 21. E as pessoas ainda têm essa ideia de que HIV é uma sentença de morte e que HIV é uma doença gay. E tem muito disso.”

“E na empresa, que eu tô na mesma empresa até hoje, a empresa também sabe, tá? Durante a pandemia, a gente foi afastado porque não tinha certeza se a gente era grupo de risco ou não. E a empresa decidiu afastar todo mundo, né? E eu falei disso no Workplace. O Workplace é uma comunidade do Facebook pra empresas, né? É tipo um Facebook pra empresas, está todo mundo lá. E eu compartilhei isso no Workplace. E aí, com isso, funcionários do país todo me procuraram.”

Dreikon: “Por quê?”

Daniel: “Eles também viviam com HIV e não falavam para ninguém. Ninguém sabia. E aí, eles estavam querendo uma dica de como falar sobre isso para o chefe, porque estava todo mundo muito preocupado em trabalhar na pandemia. Eu estava começando a ficar preocupado quando a empresa decidiu me afastar. E aí, um monte de gente conseguiu se afastar e conversar e vencer esse medo e conseguiu ficar mais tranquilo em casa. E é isso que vale muito a pena, sabe? Apesar do ódio, apesar desse preconceito besta, apesar de ter um preço social muito alto falar sobre HIV abertamente. Mas eu acho que cada pessoa que eu ajudei faz valer a pena, né? Tem uma coisa que eu sempre vou dizer quando eu falar sobre isso. Um cara que me ligou da Bahia. Por acaso, eu tava de folga nesse dia. E ele me ligou chorando, assim, muito nervoso, porque ele tava com o resultado reagente na mão dele, né? E ele me ligou chorando e tal. E eu chorando também, porque eu sou uma manteiga derretida. E ele falando que queria desistir, que ele não ia aguentar e tal. E a gente conversou e caramba! Foi uma conversa bem pesada, assim. A gente ficou umas duas horas no telefone. E aí, eu consegui fazer declinar dessa ideia, né? De desistir de tudo. Uns meses depois, ele me mandou uma mensagem dizendo que estava indetectável.”

“No dia que ele me mandou essa mensagem, eu chorei horrores, assim. E aí, ele me falou, nesse dia, que quando ele me ligou, ele me ligou para dizer que ele ia mesmo se matar. E ele estava com o veneno na mão. Ele estava. Ele me ligou com o veneno na mão. E ele falou pra mim que eu salvei a vida dele. Quantas pessoas você conhece podem dizer que salvaram uma vida? Eu posso. E isso é o que faz valer a pena.”

Dreikon: “Você foi criado em um ambiente religioso?”

Daniel: “Testemunha de Jeová.”

Dreikon: “E você acredita que isso dificultou seu processo de sua aceitação como gay? Como foi esse processo, assim, dentro de casa, até chegar na aceitação do diagnóstico muitos anos depois? Você acha que isso dificultou tanto os dois?”

Daniel: “O meu pai era um cara extremamente violento. Mas ele estava extremamente violento comigo. O que eu acredito que era uma homofobia internalizada, meio disfarçada. Meu pai, ele me espancava quando eu era criança e tal. A nossa relação hoje é ótima, tá? Meu pai mudou muito. E aí a gente acha que... Quando eu era criança, eu era uma criança extremamente afeminada. Sabe aquele termo de criança viada? Eu era assim. E aí eu fui crescendo e fui sendo agredido fora de casa por causa disso. Pra tomar “jeito de homem”, pra não ficar chorando igual a mulherzinha, andar direito. Essas coisas que a gente está acostumado a ouvir. E isso estava dentro de casa, né? Por causa do meu pai etc. E eu era

Testemunha de Jeová. Eu usava isso para não ficar com as meninas na escola, porque eu dizia na escola, imagina só, uma criança... Sei lá, 12, 13 anos, tá todo mundo querendo beijar na boca. E eu falando que eu não ia fazer isso porque eu estava esperando a mulher certa chegar pra eu casar. Era nesse nível, assim. E, tipo assim, eu não tinha amigos na escola. Eu não conseguia socializar na escola por causa disso. Eu era sempre muito destacado, sabe? Eu andava com a minha irmã, que estudava na mesma escola que eu. Não na mesma classe. Mas... A gente tinha... Eu me dividia meio que com os amigos, assim, né? Eu demorei muito para conseguir fazer amizade. Eu ainda hoje tenho dificuldade para manter laços de amizade. Porque eu tenho dificuldade de socialização. Eu tenho dificuldade em ser amado. Na verdade, a questão é essa que ficou misturada, né? Essa violência aí. Na infância, é com amor. Eu confundia essas coisas, né? Isso ficou bem ruim... a vida toda, assim. O meu pai, hoje em dia, tem noção exata do estrago que fez, né? O meu pai falou uma vez. E eu fiquei muito surpreso dele ter entendido isso. Que ele entende que a criação que ele me deu não foi a que ele queria, que ele gostaria. Hoje, né? Se fosse hoje. E ele sabe que isso teve um custo muito alto na minha vida. Sentimental e na minha socialização. Ele tem evidência disso hoje. Ele sabe me pedir o perdão inúmeras vezes e tal.”

“E aí, com 16 anos, escrevi uma carta... Eu já tinha saído das Testemunhas de Jeová, né? Já tinha desistido. Porque eu tinha que fazer uma escolha, né? Eu nunca pensei em ter uma vida dupla. Em casar-me com uma mulher e viver uma mentira. Isso foi uma coisa que eu nunca quis. Eu sempre tive isso na minha cabeça. Quando eu comecei a entender o que eu era, né? O que eu queria. Fazer oração fervorosa pra Deus me mudar ou para me levar embora. Porque eu não queria ser assim. Essa coisa do demônio. Essa vergonha para os meus pais, né? E etc. Eu não queria isso. Eu me machuquei muito durante a adolescência. Durante essa pré-adolescência e início de adolescência. Eu me machuquei muito por causa disso.

E aí, com 16 anos, eu escrevi uma carta. Os meus pais tinham ido na feira. E só minha mãe voltou. E eu, muito nervoso, tremo, assim etc. Entreguei a carta para minha mãe. A minha mãe não me deixou entregar pra meu pai. Disse que não era o momento. Que eu tinha que crescer um pouco mais. E esperar etc. E só foi a partir daí que eu comecei a me envolver com homens. Só a partir desse momento aí. O que eu contei para minha mãe foi que eu consegui tirar um peso das costas e aí começar a beijar na boca e viver outras coisas. Foi só depois desse momento. Mas foi muito difícil. Muito difícil. Tinha o fato do meu pai ser machista. Tinha a religião. Teve um momento ali, nas últimas vezes que eu participei dessas reuniões das descendentes de Jeová, que parece que toda semana eles falavam sobre a sexualidade. Parece que toda semana tinha uma indireta pra mim em algum lugar. Era

horrível. Isso causa um mal tremendo.”

“Eu acho que as pessoas devem pensar muito se criança ou adolescente, no comecinho, devia ser obrigada a ir pra qualquer religião que fosse. Que não seja uma religião libertária. Religião cristã pode custar muito caro. E foi muito, muito complicado. Me expus a diversas violências. E as violências de mim, comigo mesmo, foram bem horríveis. E dentro do próprio meio gay, você vê muito moralismo com relação ao HIV ainda? Vejo. Não na internet. Porque na internet é feio você ser atrasado. Mas na realidade aqui, fora daquela bolha, ainda vejo. Ainda vejo sim. Aqui em Santa Catarina, ainda acontece muito mais. As pessoas aqui ainda têm uma mente bem atrasada. Mesmo sendo gays, mesmo tendo acesso à informação. E aqui ainda tem uma cabeça bem atrasada sobre isso. E aqui acontece com muita frequência eu receber algum ataque de um perfil incógnito no Grindr ou no Hornet. Um dos dois. É um perfil que não tem nada. Nenhuma informação, nenhuma foto, nem nada. Aí, tipo assim, outro dia me mandaram assim... Você não é aquele aidético que deu uma entrevista no UOL? Desse jeito? Eu recebi algumas mensagens aqui na região por causa dessa entrevista do UOL, porque ela foi muito acessada e ela ficou o dia todo na Home do UOL, na primeira página.”

“Naquele dia que eu dei a entrevista, ela foi publicada, né? E eu recebi muitas mensagens de vários lugares. Eu participei de um programa de rádio, na TVFA, por causa dessa entrevista de São Paulo. E aí eu fiquei em uma exposição muito forte nos dois, três dias. E aí eu recebi mensagem desse tipo também. Aí eu não faço nada mais, porque eu vi que se eu bloqueio, é pior, porque eles me atingiram. Se eu respondo, é pior, porque eles me atingiram. E é isso que eles querem. Então eu não respondo, não interajo e sigo a vida. Às vezes isso me machuca, porque eu penso... Às vezes eu penso que eu não precisava falar disso abertamente. Mas, assim, custo pessoal, é uma coisa que eu nunca falei. Às vezes eu falo assim, cara, eu precisava mesmo, porque é uma coisa... Eu tenho que passar por isso. Precisava me expor, assim.”

“Mas aí eu lembro das coisas boas, né? As pessoas vêm pra conversar comigo, vêm tirar dúvidas, vêm esclarecer as coisas, perguntam sobre as coisas. Salvei aquela vida. Então, sim, vale a pena. E hoje em dia eu penso que sim. Se a pessoa escolhe ser ignorante a respeito de qualquer assunto, a gente tem informação em vários lugares, ao alcance de alguns cliques. A gente tem um computador na mão, né? Que é um celular. E ainda assim, a pessoa escolhe ser ignorante a respeito de qualquer assunto, eu não vou ensinar. Eu não tenho essa... Eu acho que eu não sou... Eu não sou professor, eu não sou pai, não sou mãe. Eu não tenho mais... Eu não me sinto nessa obrigação de esclarecer essas coisas. Hoje em dia, sim. Quando eu

conheço alguém em aplicativo, em rede social, a primeira coisa que eu falo é essa. Eu fico com HIV. Está tudo bem pra você? Se não, a gente já para ali. Eu nem troco telefone antes de dar essa informação. Porque ainda tem um custo.”

“Teve uma vez, foi recentemente, que eu troquei telefone com um cara e a gente começou a se falar e estava naquela coisa, naquela vontade, etc. E eu não tinha me atentado, porque eu não tinha falado. Aí eu falei pelo WhatsApp e tal. Aí, de repente, ele ficou cansado, ficou com preguiça de sair de casa, porque estava muito calor. Eu falei, está bom. Aí eu falei assim para ele, eu sabia que você não vinha. Aí ele falou, não, por quê? Porque deu uma preguiça de repente, óbvio que você não ia ver, né? Aí ele falou assim, ah, não, entendi o que você quer dizer, mas não é isso. Eu falei, tranquilo. Eu não falei nada, quem está falando é você. A gente sabe bem o que aconteceu. E aí, hoje em dia, eu não deixo me atingir por isso, não. Na maioria das vezes. 99% das vezes esse tipo de coisa não me atinge. Mas tem aquele dia que você está carente, aquele dia que você quer, é nesse dia que isso mexe comigo. Mas, felizmente, fiquei, aprendi a ficar bem sozinho, com o custo de muita choradeira, muita terapia.”

“E aí eu aprendi a lidar com essas coisas também. Aí eu entendi que ser adulto, na verdade, não é você deixar de sentir as coisas ou você fingir que não sente, é você lidar com aquilo. Deixa o sentimento vir, viva esse sentimento, e aí a vida segue, sem esse peso. Porque se tem uma coisa que eu aprendi depois de descobrir que eu vivo com HIV, é que eu não preciso carregar nem peso. Eu já carrego peso demais, eu ocupo um cargo de liderança na empresa, e só pelo fato de eu ser gay, eu já tenho que fazer o dobro, entendeu? Pelo fato de eu falar que eu vivo com HIV, eu tenho que fazer o triplo, eu tenho que lutar o triplo, eu tenho que mostrar o triplo em todos os lugares. O tempo inteiro, eu me sinto como se eu tivesse que ser perfeito, sabe? Isso é a única coisa que eu ainda não consegui tirar de mim.”

“Eu preciso ser perfeito, quando eu encontro com alguém, eu preparo toda uma coisa, eu quero ser um cara legal, eu quero ser bonito, eu quero fazer direito, porque parece que eu tô pedindo, olha, desculpa, eu vivo com HIV, mas olha como eu sou bom, olha como eu sou legal, olha como eu sou incrível, isso é uma coisa muito ruim, que eu preciso mudar, mas é a coisa mais difícil de tirar de mim. Eu me tirei esse direito de sofrer na frente dos outros, eu me tirei o direito de ser humano, e isso é um absurdo, porque as pessoas vão me julgar, as pessoas vão falar, parece que eu tô vivendo naquela época que eu acabei de falar que eu era gay, que as pessoas começaram a me olhar torto, e eu preciso mostrar que não tem porquê, tipo assim, eu sou gay, mas olha como eu sou legal, eu sou gay, mas olha como eu sou bom, isso acontece com HIV, é quase como pedir desculpas, o comum é um da licença, entende? Isso é muito

horrível, mas é uma consciência que eu tive recentemente, eu faço isso, e aí é uma coisa, desde que eu adquiri consciência de que eu faço isso, eu tô lutando contra isso, porque eu não preciso proclamar pra ninguém, e também é um peso que eu acabo carregando, que é um peso que eu quero me livrar.”

Dreikon: “No seu ambiente de trabalho, você já chegou a sofrer algum tipo de preconceito por viver com HIV?”

Daniel: “Não diretamente, teve uma vez que eu não falava, ninguém sabia ainda no trabalho, tinha acabado de descobrir, tinha alguns meses, tinha acabado de começar o tratamento, e aí a gente tava conversando sobre controle de praga, sabe, rato, barata, essas coisas, e aí uma pessoa formada, uma farmacêutica, falou que se tivesse que acabar com todas as coisas que transmitem doenças no mundo, ia ter que matar todos os aidéticos. Meu Deus! Nossa, eu fiquei muito bravo! A gente teve uma briga muito feia, na frente de todo mundo, de colega, de cliente, muito feia, eu falei pra ela assim: você comprou seu diploma, você nem tem um semestre de epidemiologia. Nossa, eu falei um monte de coisa. Além disso, ela era religiosa também, né? Então, várias merdas. E aí, ela resmungou, tá? Ela não falou pra mim diretamente, porque se ela tivesse falado na hora, a gente tinha brigado ainda pior. Ela falou assim, ah, eu sei por que você tá tão incomodadinho. Tipo, a dica, né? Ah, você também deve ter essa ideia de ser viado. Foi tipo isso, assim, foi nesse nível.”

“E o que me fez falar abertamente foi uma pessoa que eu atendi, que era enfermeira. Ela foi enfermeira, né? Tava aposentada já. E aí, ela, a gente vendia, todo final de ano, vende um calendário lá no trabalho. Que é pra ajudar o GRAAC, né? Que é o Grupo de Apoio a Criança e Adolescente com Câncer aí de São Paulo. E aí, ela falou assim, ela perguntou se tinha calendário, eu falei pra ela, não sei se tem. A gente tem pra vender, e é pra ajudar o GRAAC. Ela, o que é o GRAAC, né? Eu falei, ah, o Grupo de Apoio a Criança e Adolescente com Câncer e tal. É aquele que o McDonald's ajuda no Mac Dia Feliz. É essa instituição que o calendário ajuda. Aí ela falou, ah, tá bom. E aí, ela do nada falou, ah, se fosse aquelas travestis aidéticas, eu não ia ajudar, não. Todo mundo ouviu aquilo, assim, e todo mundo parou. A loja tava lotada, era de um lado de um metrô. Todo mundo parou, assim. Eu também parei, e eu dei aquele sorriso congelado, assim: Desculpa? É, porque essas travestis aidéticas ficam passando doença pra país de família. Olha a cabeça. Isso foi em 2018, tá? Isso foi já em 2018. Não foi em 90. Não foi em 89. Não foi quando a Veja fez aquela capa horrenda com o Cazuzá. Foi em 2018. A gente já sabia há dois anos que quem faz tratamento não transmite mais. A gente já sabia isso e tinha dois anos. Que, inclusive, não foi o médico que me falou, tá? Foi porque eu pesquisei. Eu fui atrás de pesquisar. O médico não me falou sobre isso. Eu

pesquisei. E aí, ela falou isso e tal, e ela... Eu falei, a senhora sabe que, hoje em dia, não tem mais isso, né?”

“As pessoas fazem tratamento, conseguem ter uma vida legal, vivem normalmente e tal. É nada! Essas travestis pegam essas doenças de propósito pra ficar mamando na teta do governo. Pegar remédio de graça, ficar lá internada de graça. Olha a cabeça de uma pessoa que é um profissional de saúde. Ela esteve na frente de batalha quando o HIV começou, sabe? Aquela explosão. Ela estava lá. Ela viu as pessoas definharem, morrerem. Ela perdeu pessoas. E, ainda assim, ela tem essa cabeça. Aí, ela saiu do balcão e foi para o Caixa. E aí, a fila do Caixa tava imensa. Aí, eu fui ajudar no Caixa. A primeira pessoa que eu chamei foi ela. Eu não tinha visto, né? Que era ela. Aí, ela perguntou do calendário de novo. E aí, o calendário? Eu falei, olha, eu tô olhando aqui, mas... Parece que não tem, não. Mesmo, e tal. Não vai ter, mas talvez chegue. Não sei se já vai chegar, porque é meio em cima da hora, né? Mas, talvez chegue. Vai perguntando e tal.”

“Aí, ela entrou no assunto de novo. Não, que essas travesti vagabunda. Ficar passando mês sem papai e família, depois está de ajuda. Se fosse essas travestis, eu não ia ajudar ninguém, não. Não tô pra ficar sustentando... Sustentando essas travestis de rua. Caçada, sei lá. Coisa assim. Aí, eu falei para ela, mas olha, as pessoas estudam, trabalham, podem atender a senhora. E a senhora nem sabe, porque não tem mais cara. Não dá para você olhar pra uma pessoa e falar que ela vive com HIV. Hoje em dia, não é mais assim. Isso mudou.”

“Não é mais quando a senhora estava trabalhando, né? Ela falou, não! Claro que é! E isso que ela falou, eu falei, senhora, eu vivo com HIV. E tô trabalhando. Estou estudando. Estou aqui te atendendo com saúde. Ela não olhou mais pra minha cara. Tirou o cartãozinho dela da maquineta. E foi embora. E aí, aquela adrenalina passou. E o choque veio. Foi a primeira vez que eu sofri sorofobia direta. E pessoalmente, né? Cara a cara. Aí, eu subi pra copa na loja. Loja lotada, assim. Ninguém entendendo nada. Aí, eu subi, peguei meu celular. Eu queria falar com alguém e tal. Mas eu achei melhor fazer uma outra coisa. Falei o que tinha acontecido no Facebook. Postei. E ninguém sabia. Só a minha família sabia. Minha mãe e os meus irmãos. E meu pai. E aí, quando eu postei aquilo, foi ali que nasceu o Positivei. Eu considero aquele o capítulo zero do Positivei. E eu lembro que eu terminei o texto falando que eu posso viver com qualquer coisa, de qualquer jeito. Mas eu não vou mais aceitar viver com gente preconceituosa do meu lado. E é por isso que eu tô falando sobre isso. Eu vou viver de todas as maneiras, menos dessa. Essa eu não aceito mais. E foi ali que eu comecei a falar sobre o Positivei também.”

Dreikon: “O Positivei foi seu primeiro trabalho aberto sobre HIV na internet, né? Fala

um pouquinho sobre o que foi o Positivei. O que é o Positivei?”

Daniel: “O Positivei é um ebook. Ele tá totalmente publicado já. Tá num site de compartilhamento de textos chamado Medium, medium.com, e ele tem 20 capítulos, né? Nesses capítulos, ele vai contando a minha história. Os dois primeiros contam como tudo aconteceu, né? E aí, os capítulos seguintes vão conversando sobre o que eu tô sentindo nesse contexto. Eu não queria falar sobre as coisas técnicas, explicar... O que é HIV, o que é AIDS... Não tem isso, não tem essa informação lá. Eu não queria ser informativo. Eu queria ser emocional. Eu queria trazer as pessoas pro emocional. Considerar a pessoa vivendo com HIV como um ser humano que tá passando por aquilo e tá sobrevivendo. E como que a pessoa se sente falando sobre os sentimentos, sobre os relacionamentos, sobre essa impressão de que você tem que ser perfeito, sobre a dúvida se você vai ter um relacionamento de novo depois do diagnóstico. Eu namorei, tive um relacionamento sério, agora no primeiro semestre. Que acabou, enfim. Foi tóxico pra cacete. Porque quando a gente vive com HIV, a primeira pessoa que é um pouco mais afetuosa com a gente, devolve um pouquinho mais de afeto e te aceita, você acha que ela é o amor da sua vida, né? Você já quer confiar, já quer namorar. Eu já passei por isso. E claro que eu tive um problema com isso inicialmente. Mas relacionamento sério eu só tive agora, quase cinco anos depois. Isso tem um custo.”

“E o Positivei é sobre esse custo. É sobre esse outro lado. Não do lado de ensinar, do lado de informações que você já tem aos outros. É o lado emocional. O Positivei fala sobre como essa é um cara que vive com HIV, mas de dentro pra fora. Não de fora pra dentro.”

Dreikon: “E como é esse dia a dia seu nas redes sociais? Depois que você decidiu abrir a sorologia e falar sobre isso nas redes sociais, você recebe muitas mensagens? Você já falou um pouquinho sobre pessoas te procurando, te dando apoio, te dando orientação? Como é isso?”

Daniel: “Quando eu comecei a falar, quando o Positivei saiu nos três primeiros capítulos, eu tinha uma plataforma de perguntas e respostas, que é aquela Curious Cat, que as pessoas conseguem te mandar perguntas de forma anônima ou não. E aí a gente compartilha as respostas na rede social. E eu recebi muitas perguntas. Muitas mesmo! Algumas eu compartilhei, até porque eram perguntas muito boas. Uma das mais que eu recebi era se podia beijar na boca, você acredita? Se era tranquilo beijar na boca e tal. A outra era sobre sexo oral, mas eu acho que é uma dúvida um pouco mais comum. Mas essa do beijo na boca sempre me surpreendeu. E eu recebi muitas vezes esse questionamento. Se podia beijar na boca, se não tinha problema etc. E aí as redes sociais me deram muito afeto de volta.”

“Eu sempre recebi muitas mensagens de apoio e admiração. Eu descobri que um

monte de gente à minha volta também vive com HIV, mas ninguém fala sobre isso, por causa do medo. E as pessoas me acham geralmente muito corajosas. No início, as pessoas meio que “heroizam” isso. Nem sei se essa palavra existe, mas acho que deu para entender. Muita gente me via como um herói e tal, e eu sempre fiz questão de não ficar nesse lugar. Porque eu não acho que é um ato de heroísmo. Eu acho que se todo mundo fizesse isso, se todo mundo fosse por esse caminho, a gente teria um estigma muito menor. E principalmente as pessoas se protegem mais.”

“Hoje em dia tem PEP, tem PrEP, tem preservativo, tem tratamento. A pessoa intransmissível não transmite mais. Tem um monte de ferramenta para a gente conseguir lutar contra isso. Mas não luta por causa do preconceito. Não luta porque as pessoas não vão atrás de informação, a menos que a bomba caia no colo. Quando a bomba cai no colo, as pessoas se mexem. Agora, se é um problema do vizinho, não é um problema seu, você que fique com seus preconceitos. As pessoas preferem continuar com a ignorância a aprender a respeito, do que falar a respeito.”

Dreikon: “Daniel, agora já caminhando para o final de nossa conversa, qual mensagem você deixa hoje para alguém que acabou de receber um diagnóstico positivo?”

Daniel: “Não acabou, está? A sua vida não acabou. Eu sei que agora é muito complicado. Agora você não vê mais nada além disso. Mas vai chegar um momento em que você vai perceber que viver com HIV é mais um detalhe sobre você. Por mais que isso pareça distante, por mais que você se sinta sujo, se sinta culpado, porque você se sente punido quando você descobre, por ser quem você é, você está sendo punido, tá sendo castigado, e você se olha no espelho e só vê, você se sente sujo, você vê AIDS, você vê vírus. Isso vai passar. Precisa ter calma, precisa respirar, conversar com o médico, né? Conversar com quem pode esclarecer você e procurar ajuda sempre.”

“Eu sempre falo para todo mundo ter pelo menos uma pessoa com quem conversar. Que não seja um médico, alguma ajuda profissional. Pelo menos uma pessoa. Porque isso é muito importante. Ter essa conexão com alguém. Alguém que você confia e que você vai poder dividir esse peso. E é um peso que você não precisa carregar sozinho. Que você pode amenizar. Que você pode lidar com ele. Não vai ser fácil. Não vai. Se eu disser a você que é fácil no anonimato ou não, eu vou mentir. Não vai ser fácil, mas não é impossível. E você ter uma força dentro de você, você vai conhecer uma pessoa dentro de você que você nem sabia que existia. Porque... Ai, desculpa. Porque você nem sabia que ela tava aí. Então você é muito mais forte do que isso. Você é muito mais do que esse detalhe. E vai ficar tudo bem. Prometo que vai ficar tudo bem.”

Dreikon: “Daniel, é isso! Acredito que consegui abordar tudo o que eu queria. Obrigado mais uma vez por ter aceitado meu convite em uma DM no Instagram do nada.”

Daniel: “Imagina... Eu gosto. Sabor da fama. Amo!”

1.2 Entrevista Thais Renovatto 27/11/2021

Dreikon: “Tais, primeiramente, eu queria que você se apresentasse, falasse qual que é o seu nome, sua idade, onde é que você mora e há quanto tempo que você vive com HIV?”

Thais: “Sim, bom, meu nome é Taís Renovatto, tenho 38 anos, apesar de ter essa cara de criança, tenho quase 40 aí. Sou mãe de dois bebês, o João e a Olívia, sou casada, moro em São Paulo, sou paulista, nasci aqui também. Trabalho com marketing há muitos anos, sou formada em publicidade, tenho uma formação de marketing, sou quase graduada também em gestão de negócios e trabalho com marketing e tecnologia já faz mais de 15 anos aí, passei por Samsung, por Sony, por Itautec, Belink, hoje eu estou numa empresa de alimentos e sou escritora também.”

Dreikon: “E há quanto tempo você vive com HIV, Thais?”

Thais: “Eu vivo há sete anos com HIV, desde a morte do meu ex-namorado, ele morreu em 2014, e foi quando eu descobri que eu era HIV positivo, já faz sete anos aí.”

Dreikon: “E como você chegou ao seu diagnóstico?”

Thais: “Eu namorei com essa pessoa há um pouco mais de um ano, um ano e pouco, e ele ficou muito doente, ele teve uma primeira pneumonia, depois teve uma segunda, nesta segunda pneumonia ele ficou muito mal, e aí ele foi internado, ficou um mês internado, depois ele foi entubado, quando ele foi entubado, ele foi só numa piora, numa piora, e a família viu que ele não ia mais acordar, e um dia me chamaram no hospital e falaram: Thais, na realidade o que ele tem é AIDS, em estágio terminal já. Falei, nossa gente, porque como eu era uma menina muito da bolha, eu achava que era uma doença muito marginalizada, achava que era algo muito distante de mim, então foi um super choque, muitas pessoas perguntam como foi pegar o resultado, mas para mim pegar o resultado era só uma comprovação, eu já sabia que eu tinha, quando a mãe dele me contou que ele tinha AIDS, porque a gente já transava sem preservativo há mais de um ano, então eu tinha certeza que eu tive, então eu descobri nessas circunstâncias, depois de, acho que dois dias que eu descobri que ele morreu.”

“Aí começa a minha saga de aceitação, de tentar entender o que tinha mudado dos anos 80 para cá, e entendi que muita coisa mudou realmente, antigamente você tomava 20 remédios, tomava mais 20 para os efeitos colaterais que você tinha, hoje você pode viver um indetectável, você tem tão pouco vírus circulando no corpo que nessa condição, tanto a doença não evolui quanto você não transmite para ninguém, você tem pouquíssimos efeitos colaterais ou quase nenhum dos remédios, você pode viver com o mesmo esquema por

décadas, eu posso viver a vida inteira com vírus, eu nunca desenvolvi a AIDS, então quando eu descobri todas essas coisas eu falei, per aí gente, muita coisa do que a gente tem aí é muito mais um estigma social, porque a doença em si mudou muita coisa, e aí quando eu fui descobrindo eu falei, eu também nunca fui uma pessoa muito preocupada com os outros, então eu comecei a falar, gente, está todo mundo errado, eu que estou certa e meu médico está certo, então vou falar para todo mundo, que as pessoas precisam saber que tudo isso mudou, e aí foi quando eu comecei a falar mais sobre o assunto.”

Dreikon: “Você acredita que quando você teve seu diagnóstico lá em 2014 muito do que você sabia estava muito baseado lá em 1980? Você acha que já tinha esse pensamento sobre o que você sabia ainda?”

Thais: “Mais ou menos, assim. Eu sabia que não precisava separar toalha, talheres, essas coisas que não pegava no beijo, esse tipo de coisa eu sabia. Mas eu não sabia, por exemplo, que você poderia ser mãe ou que você poderia se relacionar sem preservativo. Esse detalhe eu acho que você só sabe quando você ou está vivendo ou conhece alguém, e aí você começa a se envolver um pouco mais. É igual, sei lá, esclerose múltipla. Eu só vou pesquisar muito se eu tiver alguém muito próximo a mim. Então você sabe, acho, as coisas básicas do câncer, da Aids. Se bem que para a Aids HIV as pessoas não sabem nem o básico, às vezes. Muita gente não sabe nem o básico.”

Dreikon: “E você contou para a sua família, assim, logo de início quando você recebeu o diagnóstico, qual foi a reação deles?”

Thais: “Minha irmã do meio morava comigo na época. Minha irmã mais velha mora fora do país já há alguns anos. Eu contei para as minhas irmãs e como minha irmã viveu tudo comigo, ela viveu junto. Ela conhecia meus namorados, a gente sempre saía juntos. A minha irmã que mora fora ficou muito, muito preocupada. E meus pais, eu fui contar assim, um ano e pouco depois só, quando eu tinha digerido, quando eu comecei o tratamento, quando eu realmente vi que eu não tinha muitos efeitos colaterais, que eu poderia viver super bem, aí eu já contei para eles quando eu estava muito bem, para mostrar mãe, eu já tenho um ano e meio, já faço tratamento há muito tempo, vai ser isso. E aí eu contei bem mais para frente, mas sempre com esse cuidado, né? Como você conta para uma pessoa mais velha, quando você conta para uma pessoa mais jovem, tem que tomar um pouco de cuidado porque meu pai tem 80 anos, né?”

“Então, para ele, ele achava que era uma doença de prostituta, né? Na cabeça dele ele falava, gente, é uma doença de prostituta. E ele falava assim, mas você não trabalhava na Samsung? Eu falei, não, mas eu trabalhava, porque a cabeça dele é uma cabeça dos anos 80,

ele não tem, não sabe procurar na internet, então ele não entende muito bem. Então, eu tive que ter esse cuidado de contar muito diferente, assim como você conta para uma pessoa jovem, né? Às vezes eu contei para o menino do meu trabalho, que ele tinha 20 anos, ele falou assim, você toma um comprimido e fica super bem. Ele já está numa nova era, que realmente é assim, né? Tem amigos que tem, você toma um comprimido e ok.”

Dreikon: “E quando você recebeu esse diagnóstico lá em 2014, você quis começar a se informar, depois você passou ali do estágio de negação, você sentiu falta de mais pessoas que falavam abertamente sobre isso?”

Thais: “Sim, eu senti muita falta, na realidade, até por isso que eu escrevi um livro depois, porque eu falei assim, gente, eu não vou ser para ninguém, eu quero ser para as pessoas o que eu não tive. Eu tentei buscar algumas pessoas, achei alguns ativistas, mas sempre os meninos gays, assim, os três meninos que eram gays. E eu falei, gente, mas cadê as mulheres? Eu queria ser mãe, eu sou ainda heterossexual, entendeu? Você quer se encaixar em algum lugar ali? Eu estava procurando pessoas que tivessem histórias mais próximas a mim. Eu não achei ninguém para conversar. Impressionante. Eu fui a um grupo de apoio, mas não me ajudou muito, não me senti apoiada.”

“Eu acho que ajuda muitas pessoas, mas pra mim não funcionou. O que me ajudou mesmo foi minha psicóloga, que aí ela foi me direcionando, desde antes do meu ex-namorado morrer, a gente já foi criando cenários se ele morresse, se ele vivesse, se eu estivesse doente, se ele não estivesse, se eu não estivesse, então a gente já foi criando cenários. Então acho que minha psicóloga foi quem me... Mas cada um tem um esquema, tem gente que não conta pra ninguém, tem gente que vai em grupo de apoio, tem gente que vai no psicólogo, tem que ver onde, qual o seu caminho que você se dá melhor, se adapta melhor.”

Dreikon: “E você tinha esse sonho de ser mãe? Antes de receber o diagnóstico, você tinha um sonho de ser mãe?”

Thais: “Quando eu recebi o diagnóstico, naquele momento, pra mim, ainda mais eu perdendo uma pessoa pra AIDS, acabou, assim, pra mim, eu jamais ia me relacionar novamente, jamais eu ia viver, eu achava que eu ia morrer como ele, porque ele tinha acabado de morrer, então pra mim foi bem pesado esse início. Eu tinha vontade de ser mãe, acho que eu já tinha assim, quando eu era um pouco mais nova, e aí quando eu conheci o Rodrigo, eu já tinha muita vontade mesmo, eu fui entender como era possível, junto com o meu obstetra, com o meu infectologista, entendi que você tinha que tomar alguns cuidados, mas que você podia ser, eu não passaria pros bebês se eu fizesse tudo bonitinho, mas acho que essa vontade veio mesmo depois que eu conheci o Rodrigo, que é o meu atual marido, aí a gente, bem no

início, eu já falava pra ele, você quer ser pai? Porque em algum momento eu quero ser mãe, ele falou, não, eu quero ser pai, e a gente foi entender.”

Dreikon: “E quando você conheceu o Rodrigo, como foi o processo de contar pra ele?”

Thais: “Então, eu conheci o Rodrigo, quando meu ex-namorado trabalhava na Samsung, eu mudei pra Sony, o Rodrigo trabalhava na Sony, a gente trabalhou juntos lá, aí acho que um ano depois, a gente saiu e ficou, e aí eu tinha muito medo, eu não queria me relacionar com ele, porque eu achava, eu tinha um peso assim, como é que eu posso te explicar, quase que uma culpa, eu não merecesse estar com ele, então eu falava, não gente, ele precisa de uma menina saudável, então eu ficava fugindo dele, porque eu achava que eu não merecia ele, sendo que era uma escolha dele, não minha, mas eu tinha muito isso na cabeça, e aí, eu já estava indetectável, nessa condição eu não infectaria o Rodrigo, mas ainda assim eu usava preservativo, porque eu achava, obviamente, que essa escolha de tirar o não era uma escolha dele, e aí numa viagem a camisinha estourou, e aí eu fiquei muito nervosa, e aí ele falou assim, calma Thais, eu não tenho nada, eu falei, mas eu tenho, e aí chorei, contei toda a história do meu ex-namorado e tudo mais, e aí ele falou assim, eu estou com você, que tipo de pessoa seria se eu não estivesse do seu lado quando você mais precisasse, eu vou ficar aqui, estou com você, e aí agora eu casei, depois dessa a gente casou, o cachorro, o filho, tudo.”

Dreikon: “Você chegou a sofrer algum tipo de preconceito, em algum momento assim, por ser PVHIV positiva?”

Thais: “Tem alguma situação que te marcou, alguma fala, algum comentário? Eu já sofri algumas coisas assim, mas é que eu não sofro com isso, depois que eu me aceitei mesmo, eu entendo que é muito mais, eu fico triste pela pessoa e não com a pessoa, então esses dias quando eu ainda trabalhava na Sony, faz dois anos, já tinha lançado meu livro, já tinha os dois bebês negativos, eu estava saindo do banheiro da Sony, e tinha uma fila de meninas, mas a menina não entrou no banheiro que eu estava, e aí não fui reclamar no RH, porque de verdade, eu fico mais triste por ela do que com ela, porque é impressionante, todo mundo sabe que eu tenho filhos, se eu gerei duas crianças que são negativas, você não quer sentar no mesmo vaso que eu sentei? É muito, quase doente isso, muita falta de informação, o que mais, quando eu participei de um programa chamado Encontros da Fátima Bernardes, e a produtora me ligou, e aí quando eu estava contando a história, ela disse, pode contar a história, e eu contei a história inteira, e eu escrevi o livro, e quando eu terminei de contar isso, tinha falado dos bebês, e ela falou assim, como você separa as toalhas, os talheres na sua casa?”

“Eu falei, gente, uma produtora da Rede Globo em 2021 me perguntando isso, não é possível, foi em 2018, quando eu lancei o livro, eu fiquei assustada com a pergunta, eu falei, não, eu acabei de falar que eu tive um bebê, você separa a toalha, ela, não, desculpa, a gente ouviu muitas coisas, eu falei, não, mas não me deixa triste, me deixa assustada, de como a gente não sabe nada.”

Dreikon: “Depois que você perdeu seu namorado, o Rodrigo foi o primeiro relacionamento sério ou você teve outros?”

Thais: “Tive outros, porque eu sou namorada, eu tive, e...”

Dreikon: “Mas você tinha contado a eles, como que eles te lidaram?”

Thais: “Sim, teve gente que nunca mais... sumiu do mapa, teve gente que ficou e topou ficar, e teve gente que eu me separei por outros motivos, não foi nem por causa do HIV, então teve os três perfis aí, mas gente que sumiu do mapa, ou gente que falou, Thais, para mim não rola. Não, entendo, as pessoas não são obrigadas a ficar, ainda mais os meninos, sei lá, tem medo da família, dos amigos, eu falava, não, tudo bem, super entendo, não ficava assim, acabada, acho que é um direito da pessoa, não queria ficar com você. Você acha que no fim das contas era mais um medo do que os terceiros iam pensar do que a própria pessoa, principalmente amigos, família dele, no caso ele? Eu acho, eu acho que tem muito isso, mais julgamento externo, com certeza, com certeza, e até para quem vive com HIV, muita gente me procura, eu acolho mais ou menos umas duas pessoas por dia, as pessoas sempre falam, mas o que o pessoal do meu trabalho vai pensar, o que meus amigos vão dizer, como que eu vou fazer quando eu me relacionar, a pessoa não tem nem namorado ainda, como eu vou fazer, não sei o que lá, e a pessoa nunca fala dela, porque por ela ela sabe que está tudo ok, não, a doença está tudo controlada, eu não vou morrer, posso viver bem, a preocupação é sempre o de fora, eu acho que o HIV ele traz muito isso, sabe, porque as pessoas que pegam o exame de HIV, elas pegam já com esse luto, com esse pesar, porque é um, é como se fosse uma morte em vida. É uma sentença, né?”

“É como se fosse uma morte em vida, acho que por isso que as pessoas, é uma morte social, então é essa a preocupação das pessoas, dos outros, mas não é da doença, é essa morte social, as pessoas falam, meu Deus, mas, não sei se é porque eu estou inserida tanto nisso, mas eu acho que aos poucos a gente está mudando, assim, viu? Vejo as pessoas falando muito mais, vejo muitas caras novas abrindo o diagnóstico, assim, muita gente, todo dia eu vejo uma carinha nova de gente que abriu, tem gente, sabe, acho muito incrível isso, assim.”

Dreikon: “E falando sobre a gestação dos seus filhos, você não pôde amamentar, né?”

Thais: “Não, não pude.”

Dreikon: “E como foi isso pra você? Você sentiu falta da amamentação?”

Thais: “A amamentação faz muito parte do cuidado que a mãe tem pro filho. Sim, sim. Eu não pude, na verdade os bebezinhos tomaram xaropinho nas primeiras semanas de vida, na minha época era preferencialmente cesáreo, hoje em dia você pode fazer parto normal, e o que mais que tinha? Ah tá, você tomou AZT no intraparto, né? Durante três horas, uma hora antes do parto, durante uma hora depois, você toma o AZT, mas também não precisava porque eu já estava indetectável, isso aí é pra quem, por exemplo, descobre muito próximo do nascimento do bebê, aí você toma pra na hora do parto você não ter risco de passar pro bebê. E o amamentar, que é um protocolo do Brasil, né? Porque alguns pais da África você pode amamentar, porque lá os bebês morrem de desnutrição, então lá pode, né, em alguns lugares.”

“Acho que sim, acho que de toda a minha história o que mais me doeu foi não amamentar, porque quando eu fiquei grávida eu queria ter o pacotinho completo, né, eu tinha muito leite, as crianças, né, já vêm naturalmente querendo mamar, assim, e eu não poder amamentar, eu me sentia assim meio uma mistura de culpa, né, de fazer, poxa, não posso amamentar meu filho, mas depois de um tempo eu entendi que o não amamentar era a minha maior prova de amor, né, não era, mas foi um processo, eu sofri muito, assim, com isso, queria muito ter amamentado, quase que eu amamentei mesmo, porque eu falei gente, o risco é pequeno pro amamentar, mas aí eu falei não, e aí depois eu entendi que tinha que ser isso mesmo, ninguém não tem problema, né, tem um monte de mulher que não amamenta, isso pra quem? Sim, por outras circunstâncias, inclusive.”

Dreikon: “Em que ano você decidiu falar abertamente sobre sua serologia?”

Thais: Foi... Quando ele morreu foi em 2014, eu tirei 2015 pra eu digerir, em 2016 comecei a falar pra algumas pessoas, em 2017 já bastante gente já sabia, bastante, sim, do meu círculo, mas quando ficou público foi quando eu lancei o livro na Fátima Bernardes, que foi em 2018, no final de 2018.”

Dreikon: “E o que te moveu, assim, a abrir?”

Thais: “Eu acho que foi a falta de informação mesmo, quando eu ouvia muitos comentários, ah, você acha que alguém que tem HIV um dia vai falar na manicure? Ou, ah, e aí, você tá magro, tá com AIDS? Umas brincadeiras assim, então quando eu comecei a ouvir essas brincadeiras, putz, aí eu vivendo aquilo eu não consegui ficar quieta mais, eu falei, gente, eu não posso ficar rindo dessas piadas aqui com essa galera, aí eu comecei a fazer o contrário, falei, gente, eu tenho e não é assim, deixa eu te explicar, todo mundo, ó, meu Deus, não acredito, tá aí, e eu falei, não, não é pra constranger vocês, porque como eu detenho a

informação certa, eu preciso falar pra vocês, esse negócio tá magro, tá com AIDS, tem nada a ver, né, eu tenho, não sou magra, isso aí é um estágio terminal da AIDS, não é, e bem isso, as pessoas, nossa, me conta mais, me conta mais, e de tanto que eu contava, eu me senti muito, sabe, cada pessoa que eu contava, eu me sentia mais confortável em falar, então foi ficando muito natural, assim, pra mim.”

“E hoje, em 2021, você acha que as pessoas ainda encaram o HIV, assim, com muito tabu, mesmo olhando assim, desde 1980, você acha que é um assunto que as pessoas ainda evitam? Acho, infelizmente eu acho, acho que tem, a gente consegue falar pras nossas microbolhas, né, eu falo aqui pros meus amigos, na minha rede social, que tem alguns seguidores, você fala pros seus amigos, você fala no seu trabalho da faculdade, alguém fala ali, mas a gente fala muito nas nossas microbolhas, né, em massa mesmo, ainda é muito tabu ainda.”

“Tanto é, que, por exemplo, eu fiz várias entrevistas, assim, como se fosse uma coisa diferente, uma família com HIV, entendeu? Não é, sai na reportagem como se fosse uma coisa meio fora do comum, olha que incrível. Não, a gente é uma família que é uma pessoa que vive com HIV, como uma família tem uma menina que vive com diabetes, entendeu? Mas a, é passado assim, você vê que não tem, porque ninguém fala sobre, entendeu? Quando você pega um exame, ninguém fala sobre, por isso me perguntaram o que eu desejava pra eles, primeiro de dezembro, eu desejo que a gente naturalize, que a gente fale, possa falar no café do trabalho que tem diabetes, eu posso falar que eu tenho HIV, né, que a gente, e todo, se eu converso mais sobre isso, você conversa um pouco mais, a gente naturaliza isso, talvez uma pessoa vai receber e vai falar, poxa, isso aqui é um papo natural, posso falar sobre isso, aí o outro que tem vai abrir isso e não vai ficar mais uma coisa, um absurdo, assim, vai ser uma coisa meio natural pra todo mundo.”

Dreikon: “Você chegou a sofrer algum preconceito, assim, no seu trabalho, algum julgamento, chegou a ter problemas no ambiente de trabalho por ser PVHIV?”

Thais: “Então, eu sei, assim, que muitas pessoas são demitidas por causa do HIV, ou não são contratadas por causa do HIV, na Samsung, eu já tinha o vírus, mas eu não sabia ainda, quando eu entrei na Sony, eu também não sabia, então, na hora de entrar, eu não falei. Quando aconteceu lá dentro, eu fui muito, muito bem aceita, assim, na idade do meu diretor de HIV, aliás, eu fui falar com eles, né, eu falei, olha, eu sei todos os meus direitos, eu não precisava abrir minha sorologia, mas eu vou lançar um livro na minha licença maternidade, eu tô contando pra vocês, pra vocês se organizarem pra quando eu voltar, vocês se prepararem, porque eu não sei como vai ser, e aí ele falou, meu, obrigada, Thais, por ter dito, realmente, se

“você se sentir constrangida em qualquer momento, deixa a gente saber, e aí eles foram incríveis, assim, hoje eu trabalho numa empresa que chama ABF, né, é um grupo que tem, acho que as marcas mais conhecidas é o Vomaltine, o Chocolate, o Chatwine, tem algumas marcas lá, e eu fui contratada, eles sabendo do HIV, só que eu fui contratada pela minha bagagem de trabalho, né, que é o que eu fiz a vida inteira, e quando eu fui contratada, eles falaram no final, olha, você passou no processo, eu fiz um processo, ninguém me tratou diferente, sabe, no processo, foi, é, eu achei muito legal isso, porque não foi nada diferente, assim, né, ninguém falou, ah, ela tem HIV, vamos fazer coisas, coisas, tratar ela diferente. Não, foi incrível, assim, e no final foi, Thais, e além de tudo, se você puder já fazer parte do nosso Comitê de Diversidade e Inclusão, para a gente ainda é um prazer ter você, porque sua história é incrível.”

“Para a gente ainda é algo a mais, não assim, vou contratar uma menina com HIV, para parecer uma empresa socialmente responsável, não, nós somos realmente socialmente responsáveis, e que bom que você veio com a sua bagagem e ainda tem a sua história, entendeu, então, eu achei, acho incrível isso, assim, porque eu recebo, e aí ao mesmo tempo eu tava recebendo uma mensagem de uma menina que ela foi demitida, ela abriu a sorologia, o supervisor dela contou pra empresa inteira, que eu falei, você podia processar eles, você sabia, né, porque o cara não poderia fazer isso jamais, e aí no dia seguinte ela foi demitida, assim, um absurdo que eu fiquei chocada, tô tentando entrar na mente dela pra gente processar essa empresa e esse cara e todo mundo, e ela tá meio receosa, assim, porque eu acho, eu fico indignada com essas histórias, assim, como alguém pode chegar numa empresa e falar a sorologia inteira e você ainda ser demitida, entendeu, por isso é surreal.”

Dreikon: “E já que você trabalha, né, com as redes sociais assim, expondo sua sorologia, você recebe muitas mensagens?”

Thais: “Recebo. Recebo, porque era um trabalho assim que talvez eu nem estivesse preparada para fazer, mas hoje em dia, né, acabou virando um trabalho mesmo, né. Você acaba prestando um certo acolhimento? Sim, sim, faço, não, eu sou conhecida por responder todo mundo, eu não deixo, você sabe, né, eu não deixo ninguém no vácuo, assim, eu respondo todo mundo que me procura, eu respondo, e eu sei como é a aflição, né, de você pegar um diagnóstico, aí tem gente que vira meu amigo, tem gente que eu converso até hoje, tem pessoas que, depois que estão bem, somem e é isso mesmo, tudo bem, era esse o trabalho que eu queria fazer, e as pessoas só querem conversar às vezes, sabe, não querem nada, só querem ter alguém que você tenha uma história parecida assim, pra você falar, não tô sozinha nessa, talvez seja só isso.”

“No começo, eu ficava muito mal, assim, eu tive que fazer um trabalho de bloquear e não me envolver, sabe, porque a cada pessoa que morria, a cada pessoa que, né, tem muitas histórias tristes, assim, não só histórias felizes, pessoas que se suicidavam, assim, a cada coisa que acontecia, assim, eu ficava muito, muito mal, entendeu, mal mesmo, me envolvia, assim, de ficar muito mal, e aí eu coloquei um bloqueio disso, assim, de não me envolver mais nas histórias, sabe, não que eu seja fria, assim, mas eu não me envolvo mais em nenhuma história, tanto eu fico feliz pelas felizes, assim, mas eu tento não entrar mais nessas, em nenhuma dessas pilhas, porque tava me fazendo muito mal mesmo, assim, e aí com isso eu consegui, agora eu consigo fazer o acolhimento, mas acho que as pessoas procuram HIV na internet, aparece o livro, aparece, né, alguma reportagem, assim, as pessoas vão no Instagram e sempre me chamam lá, mas eu tento falar com todo mundo, assim.”

Dreikon: “E por estar nesse ambiente de rede social, você também chega a receber coisas negativas, mensagens ruins, mensagens pesadas, gente preconceituosa?”

Thais: “Olha, pouco, viu, mas eu tenho uns, tenho alguns haters aí, mesmo assim, que as pessoas falam, nossa, você tem haters? Tem, tem, assim, às vezes, por exemplo, sei lá, eu posto alguma reportagem e as pessoas falam, é, do jeito que você fala parece que é legal ter Aids. Não, não, gente, eu nunca falei isso, eu falei que a gente pode viver numa boa e super bem, nunca falei que é legal ter, é, acho que mais coisas nesse sentido, assim, ou se não, é, você também foi escroto, igual o seu namorado foi com você, você foi com o Rodrigo, porque você não contou pra ele, você não deu direito pra ele, eu falei, não, gente, meu ex-namorado tava em AIDS, estágio terminal, nunca cuidou de mim, eu tava indetectável, cuidava do Rodrigo, tanto é que ele ficou comigo, entendeu?”

“Não é, e outra coisa, eu não sou obrigada a contar, né, a sua sorologia, as pessoas têm isso, que você é obrigada a contar, você não é obrigada a contar, e outra, o se cuidar é dos dois, né, então, parece que ah, você tem, você tem que contar, não, os dois têm que se cuidar e pronto, independe o que você, né, o que você tem, mas, recebo mais coisas nessa linha, mas pouca coisa, assim, não é muita coisa. Acho que é importante a gente falar que a gente não banaliza o HIV, né, a gente só mostra que é possível de maneira plena, tranquilo, em qualquer lugar.”

Dreikon: “E hoje, assim, qual o conselho que você daria pra alguém que acabou de descobrir, que acabou de receber o diagnóstico de HIV?”

Thais: “Eu diria calma, calma, respira, tenta não ficar procurando milhões de coisas na internet, um monte de coisas, que se você procurar, vão morrer de AIDS, você vai achar milhões de coisas disso, então, que você se informe. Tente se informar de coisas boas, bons

médicos, informação boa, não ficar procurando, ah, quando vem a cura, vamos, né?! Focar na realidade, no que acontece aqui, e aí você ter esse tempo de luto, é normal, né, você ter esse tempo pra digerir, mas que em algum momento você saia daquele lugar, né,? Você não fique ali, né, tem muita gente que fica nesse lugar de luto, e em algum momento quando você digerir, você saia dali e vá adiante, porque e o saia dali não é que você tem que abrir na internet o sua sorologia, você pode não contar pra ninguém, mas que você esteja tranquilo, né?”

“Com a cabeça no lugar e o coração em paz, é disso, talvez você não queira correr o risco de ser julgado pelas pessoas, então você prefere não contar pra ninguém, super ok, ou você quer abrir pra todo mundo porque você acha que tem que levantar essa bandeira, ok também, mas passar desse luto, que você saia desse luto, eu vejo que muita gente fica nesse luto, assim, por anos às vezes, sabe, as pessoas não saem dali daquele lugar, e outra coisa é que você, quando a gente se conhece, você sabe o que você é, ninguém pode te ofender, você fala assim, meu, gente, ah, eu sou morena, me acho bonita, a pessoa fala assim, ah, você é horrorosa, não, eu não me acho, eu sei o que eu sou, sabe, assim, é de você confiar em você, que é tomar as rédeas da sua vida, então acho que é isso, você ficar tranquilo, buscar boas informações, se rodear, ter uma rede de apoio também é legal, e você, passado esse, né, tentar digerir, passado esse luto, você conseguir seguir aí a vida, porque é realmente vida que segue, não muda muita coisa.”

Dreikon: “Thais, pra finalizar, eu queria que você falasse sobre ser indetectável, o que é ser indetectável, era a pergunta que era pra ter te feito antes, porque muita gente não sabe o que é ser indetectável.”

Thais: “Sim, o indetectável é você, a gente tem uma carga viral, né, que é uma quantidade de vírus por mililitro de sangue, por exemplo, quando eu me infectei, eu tava com a carga viral acima de 20 mil cópias, quando você começa a tomar um remédio, você fica com a carga tão baixa, tão baixa, tão baixa, que quando você chega abaixo de 40 cópias, que é esse número, eles dizem que você tá indetectável, que é, você tem tão pouco vírus circulando no corpo, que nessa condição nem a doença evolui, nem você consegue passar pra alguém, quando você fica indetectável, por exemplo, eu estando indetectável, eu não tenho vírus nas vias sexuais, por isso que eu engravidei do Rodrigo, naturalmente, tive os bebês naturalmente, e a gente não usa preservativo, as pessoas acham que eu fiz, que eu engravidei com inseminação, e não precisou, porque justamente eu estou indetectável, e indetectável eu não tenho vírus nas vias sexuais, então, é, algumas pessoas não conseguem chegar no indetectável, né, mas a maioria das pessoas começam o esquema de remédios muito rápido, fica assim, e

consegue ficar assim por anos, né, acho que é o que todo mundo que pega um diagnóstico deseja, estar indetectável.”

Dreikon: “Para ficar claro, você teve seus dois filhos por um momento tradicional, não precisou fazer nada de lavagem de esperma, que as pessoas acham que não precisa fazer, não, não, foi tradicional mesmo. É possível levar uma maternidade habitual, não é mesmo?”

Thais: “Transando! Foi. E o contrário também, o homem também não tem o vírus no esperma, e não tem também nas vias sexuais, nem o homem, e muita gente acha que sim, que precisa de lavagem de esperma, de inseminação, não, foi de forma natural, e se o Rodrigo tivesse o vírus e eu não, também poderia ser de forma natural.”

Dreikon: “Thais, era isso, acho que temos, acho que eu consegui te perguntar tudo o que eu pretendia, o que eu queria. Muito obrigado, obrigado, Thais.”

Thais: “Imagina, querido. Imagina, meu amor. Nossa, obrigado mesmo. Pode chamar, amigo, se você precisar de alguma coisa, você me fala, se faltar alguma coisa, se você tiver alguma dúvida aí, e fique lindo o seu trabalho, amor.”

1.3 Entrevista Jennifer Besse - 24/11/2021

Dreikon: “Jennifer, primeiramente eu queria que você se apresentasse. Qual que é seu nome, sua idade, sua orientação sexual, onde você mora. E, principalmente, há quanto tempo que você vive com HIV?”

Jennifer: “Vamos lá. Oi, pessoal. Meu nome é Jennifer. Eu vivo com HIV há exatos 32 anos. Ou seja, eu nasci com HIV. O que a gente chama de transmissão vertical. Quando o bebê, ele pega o HIV da mãe. A via de transmissão pode ser no parto, como também pode ser via amamentação. No meu caso, em 89, quando eu nasci, provavelmente... Não, provavelmente não. Com certeza. Eu não fiz o teste do pezinho. Então, não houve teste para HIV. E eu tomei o leite da mãe. Como todo bebê que nasce. Falei, né? Tenho 32 anos. Sou canceriana, ascendente em Sagitário. Eu adoro falar isso, porque é isso que dá esse shake, shake aqui da minha vida. E, ao mesmo tempo, essa emoção toda. O fogo de um Sagitariano, né? Que isso é muito importante para equilibrar. E hoje eu sou professora de francês.”

“Eu sou professora de francês, trabalho online. Falo de HIV na internet. Tenho um relacionamento estável, vamos chamar assim. Há sete anos, com uma pessoa que não vive com HIV. Um menino cis, ou mulher cis. Também é importante dizer, né? Porque isso foge completamente dos padrões que a sociedade coloca para a gente. Do universo do HIV e da Aids, né? Aquela coisa. Então, eu sou mulher, eu sou branca. Eu sou cis, né? Já começa aí. Eu sou hétero, assim. E por aí vai, tá? O que mais? É isso? Quer que eu fale mais alguma coisa?”

Dreikon: “Não, a apresentação está ótima. E você falou sobre sua mãe, né? Que provavelmente a transmissão vertical aconteceu pela amamentação. Você perdeu sua mãe quando?”

Jennifer: “Eu perdi minha mãe em 1995. Quando ela faleceu de AIDS. Então, ela ficou muito doente. Ela morreu de hemotoxoplasmose. Né? E... E foi quando eu descobri também que eu vivia com HIV. Eu tinha seis anos. E... Ela faleceu, eu descobri. E, nessa mesma época, fizemos um teste em mim e no meu pai. Meu pai não vive com HIV, gente. E até todos os anos meu pai faz teste. E nenhum até hoje deu positivo. Ou seja, realmente ele não foi... Ele não... Não era pra ser, não foi com ele, entendeu? Não sei nem como eu falo isso, na verdade. É... Foi uma frase besta, porque eu não sei como eu falaria isso. Mas... Ele... Existem pessoas... Se eu não me engano é uma coisa de... Eu até me corri se eu tiver a Delta X3... uma coisa assim... Eu não sei direito como é que é o código técnico do negócio. Porque eu não entendo muito a parte técnica, sabe... Eu entendo do HIV como uma pessoa que vive com HIV. E que vive a vida inteira com HIV.”

“Então, eu passei da infância à adolescência... O primeiro amor... A perder a virgindade... Tudo com HIV. Então, todas as... A primeira menstruação... Tudo com HIV. E aquele olhar de pânico da galera... Enfim... E... Então, tem essa galera que existe... Que já é científico comprovado... Que tem uma proteção... Como uma proteção na célula. Onde o vírus do HIV... Ele penetra. Então, elas não pegam HIV. Não dá para saber quem é essa pessoa e quem não é. É muito arriscado correr o risco ou achar que é essa pessoa. Mas existem algumas pessoas... Nada explica..., Mas elas vivem com pessoas que vivem com HIV... E que não descobrem a tempo... Mais ou menos... Como no caso do meu pai... Que minha mãe veio a falecer... E ele não vive. Graças a Deus.”

Dreikon: “Após o falecimento da sua mãe... Você foi criada pelo seu pai?”

Jennifer: “Após o falecimento da minha mãe... O meu pai... Eu fui criada pelo meu pai... Sim... Meu pai sempre fez esse papel... De mãe e pai. Ele tinha uma mulher... Ele sempre teve, na verdade, uma mulher... Mas eu nunca fui muito próxima dela. Então... Não tenho muito o que falar sobre essa pessoa. Eu nunca fui... Ele é casado até hoje com ela. Tem um filho com ela. Ela não vive com HIV também. O filho deles também não vive com HIV. E é isso.”

Dreikon: “E como foi esse processo? Você acha que o seu pai lidou bem com a sua criação? Enquanto a pessoa vive com HIV? Como que foi antes? Como que é hoje?”

Jennifer: “Tá... O meu pai... Para vocês terem uma ideia... Meu pai é um... Meu pai é suíço. Então já começa pela linha quadrada da vida... De uma pessoa europeia suíça. E ele chegou no Brasil com vinte e poucos anos. Conheceu uma mulher... Depois de dois anos... Ele chegou em 97 no Brasil. Depois de dois anos ele conheceu a minha mãe. Depois de um tempo ele conheceu a minha mãe. Depois ele me teve. Não, em 97. Dois anos ele me teve. Em 89. Não sei nem fazer conta, gente. Quando a gente dá risada... A gente fala que isso daqui chama Neuro Aids. Quando você começa a esquecer um pouco... Tá vendo? Olha lá, coitada. Já tá com o NeuroAIDS. Mas a verdade é que eu fumo maconha todo dia. Exatamente. Peace and love, meu bem. E aí... Isso tem que entrar no filme. Porque eu sou a defensora da Cannabis Medicinal. Eu defendo com minhas indentes. Eu falo que a Cannabis salvou a minha vida. Juro. Eu estou viva hoje por conta da Cannabis Medicinal. Sem dúvida.”

“Sem dúvida. Então... Meu pai, sabe? Eu pensando hoje com cabeça de adulto... Eu tenho até dó dele, coitado. Porque ele caiu na mão, assim como a menina... Uma criança de seis anos... Onde a mulher morreu... Sem ninguém no Brasil. Ele não tinha ninguém no Brasil. Ele não tem ninguém. Toda a família dele é lá da Suíça. Ele sozinho aqui, tendo que trabalhar, cuidar de mim. Então, eu cresci muito dentro desse meio de babá, né? Porque ele trabalhava

muito. E ele até teve namoradas. Até casou com uma mulher. Mas não tenho afeto por essa pessoa. Não tenho nada a declarar por essa pessoa e sua família. Enfim, porque eu não tive relação, assim. E desde muito novinha, então...”

Dreikon: “Você já fazia uso de medicamentos? Você tinha consulta? Você já sabia o motivo? O porquê? Quando que seu pai te contou que você era PVHIV? Como que foi essa conversa, você se lembra?”

Jennifer: “Lembro, porque eu tô falando sobre isso... Eu acabei de gravar vídeo. E tô falando bastante nesse final de ano sobre isso. Tem até mexido um pouco comigo. Assim, eu descobri com seis anos de idade. Que foi quando a minha mãe faleceu. Então, isso foi um parque muito grande para mim. Por quê? A última lembrança que eu tenho da minha mãe... É num hospital todo entubada. E isso é muito triste, porque seis anos de idade... Eu nunca imaginei que eu tivesse uma memória dos meus seis anos. E a única memória que eu tenho é ela. Não tenho outras memórias. Eu vejo fotos, vejo coisas... Eu não lembro daqueles momentos.”

“Mas eu lembro do momento dela no hospital. Sabe? Porque eu acho que foi os últimos momentos... Aquela coisa de levar a criança para ver... Eu acho horrível. Hoje, como adulto, se eu pudesse escolher... Eu falaria que eu não queria aquilo. Porque eu preferiria ter a memória de uma fotografia. Porque mexe bastante com a gente... Essa memória. Mexeu comigo a minha vida inteira, por exemplo, eu, a minha vida inteira, tive a síndrome do eu vou morrer amanhã, por exemplo. A vida inteira, então eu nunca... Diferente das pessoas que estudam... Que vão... Que fazem... Que terminam a faculdade... Que entram num trabalho... Que lutam por um grande cargo... Eu nunca tive essa parada. Sabe? Porque na minha cabeça, eu sempre vou morrer amanhã. Então, eu também não juntei dinheiro. Eu fiz dívida até umas horas. Já entrei e saí do Serasa N vezes. Já caguei minha vida.”

“Já voltei... Por isso... Porque eu falava... Foda-se... Eu vou gastar tudo... Eu não vou guardar dinheiro... Eu vou morrer... Então, isso me acompanhou durante muito tempo. E eu posso te dizer que me acompanhou durante... Eu coloco 25 anos desde o dia que eu nasci... Mas eu descobri com 6. Mas eu estou colocando... Me acompanhou desde os 6 até os 25 anos. Que foi um pouco quando... Aconteceu uma outra coisa... Que eu acho que a gente vai chegar nessa pergunta aí. Eu... Nunca realizei... O que era o HIV. Nunca quis entender... Se é que eu posso colocar assim. Eu criei autobloqueios em mim... Que não me permitiam ter esse acesso. Sabe? Como por exemplo... E esse pode ser um bloqueio que eu tenho até hoje... Porque até hoje eu não sei o nome dos meus remédios. Se você me pergunta... Que remédio você toma? Eu falo que eu tomo o azul... Eu tomo o da pesquisa... Que é o que salvou a minha vida... Eu

tomo... Que os outros é tudo normal que todo mundo toma. Só esse que é diferente. Tomo o pequenininho... Tomo... É assim que eu te falo como são meus remédios. Porque se você me perguntar o nome... Não sei. Não me interessa saber.”

“Até outro dia eu não sabia o que era CD4. Por exemplo... CD8, CD4... Até outro dia... Agora são 7 anos... Mas... Mas até outro dia eu não sabia. Porque não me interessava saber. Porque na minha cabeça... O que importa tudo isso? Eu vou morrer mesmo? E... Isso... Pode vir junto com a sua pergunta também... Que é... Influência... Do externo. Tá? Porque a gente está falando de uma criança... De uma adolescente... Que está se formando como pessoa... Que não sabe quem ela é... Que não sabe onde ela quer chegar... Pra onde ela tem que ir. A gente vai se formando... De acordo com as pessoas que estão aqui... A nossa volta... Com quem a gente está observando... As atitudes que a gente vê próximas... E aí dizem... A criança não escuta. A criança não entende. Gente... Eu sou 100% contra essa opinião. Porque eu lembro de cada coisa... Sabe? De coisas que eu ouvia... Eu sendo chamada de doente... Sabe... por pessoas próximas... Eu sendo chamada de doente... A minha sorologia sendo exposta... Para outras pessoas... Sabe... coisas assim... absurdas... Então tudo isso... Me aconteceu dentro da vida... Num período... Adolescência e juventude... Entendeu? Nos primeiros namoradinhos... Aí meu pai me fala comigo... Sobre o HIV... Ele me falou com 13 anos... 13 anos de idade... Eu brincava de barba... Eu não sabia o que eu queria ser da vida...”

“Eu sempre vivi num mundo paralelo... Num mundo outro... Entendeu? E eu vivo até hoje... porque eu sou sereia, né... Gente... Meu pai sempre falou que eu era maluca... lunática... Hoje eu falo... Eu sou mesmo... Sabe... assim... feliz da vida... Porque isso me tirou de cada situação... Ser maluca... Me tirou de cada enrascada louca da vida... Sabe... de tacar o foda-se... De ser esquecida mesmo... De passar por cima... E falar... Tá bom... Sabe... porque... E viver nesse paralelozinho... Que é como uma segunda vida... Porque aquela vida que eu tinha... na minha adolescência... Eu não queria ter. Eu não queria tomar remédio todo dia... Meu sonho sempre foi viajar o mundo... Tive que fazer mochilão... Eu nunca pude fazer isso. Mesmo com dupla nacionalidade... Eu posso rodar a Europa sem precisar de visto. Eu não podia fazer. Então... tudo isso me magoava bastante... sabe... Eu ficava muito chateada... Eu ficava... tipo assim... Puta... que saco... eu não sou normal. Você vai percebendo assim... eu não sou normal... Alguma coisa está errada. E... beleza... Aos 13 anos o meu pai conversou comigo sobre HIV.”

“Não entendi bulhufas... saí de lá... E meu pai falou assim... Olha... você tem uma coisa... Que você não pode... não pode... não pode... Não pode... não pode... não pode... não

pode... Aí eu parei... tipo... Tá... e aí? O que eu posso? Não... você não pode... Tipo assim... não... você não pode... Ué...”

Dreikon: “E qual que foi a orientação dele sobre HIV? Era um assunto que você não podia falar fora de casa, por exemplo? Um assunto que tinha que ser escondido, não podia ser tratado... Como foi?”

Jennifer: “Eu acho que isso vem automático... Não falar... como você percebe... Que as pessoas não falam... E as pessoas geram aquele tabu... As pessoas geram aquele mistério... Aquele enredo... Sigiloso... Você meio que já vai percebendo que aquilo é uma coisa. Então o que que acontece... As pessoas... eles me falavam assim... Por exemplo... Eu ouvia dizer... Quando me perguntavam... Por que que ela toma esse remédio? Aí falavam... Ah... porque ela tem diabetes... Ah... porque ela tem anemia... Ah... porque ela tem tal coisa... Falavam assim... Era sempre diabetes... anemia... tal coisa... E nunca era... Então quando me perguntavam... Quando eu era criança... porque o adulto é maldoso... Então o que que aconteceu... Os conhecidos... Vinham para a criança... E perguntavam para a criança... porque a criança não vai mentir... E perguntavam... Por que que você toma esse remédio? Nossa... mas DJ... Deve ser horrível... Por que que você toma esse remédio? E aí eu só reproduzia o que eu ouvia o meu pai reproduzindo... Ah... porque eu tenho diabetes... Ah... porque eu tenho anemia... Eu era uma criança... eu era mais magrinha... Hoje eu sou gorduchinha... mas eu era magrinha... Até então... E aí com 19 anos... Que essa é uma parte importante... Foi quando eu de fato realizei... O que era o HIV... Qual o tamanho do HIV... Porque como eu te falei... minha avó morava na Suíça... E quando eu ia para lá... na casa dela... nas férias... Eu ia todos os anos... Parece alucinado, mas gente... é porque meu pai é de lá... Então não é que eu sou milionária... Ele é de lá... ele é que nem o pessoal que é... sei lá... De outro lugar... qualquer... Outro estado... Aí... Aí que fala a Suíça... o nome de poder... O pessoal já pensa um monte de coisa... mas nada a ver. Cara... aí eu com 19 anos... Eu estava super-chateada com milhões de coisas acontecendo aqui... Numa crise existencial gigantesca que eu tive a vida inteira... E... E nessa altura do campeonato eu estava numa crise... que era... eu não vou arrumar ninguém... porque até os meus 19 anos eu não tinha tido ninguém... para... para ter um afeto... para gostar de alguém... Gostar eu gostei de um monte de gente... mas era todo aquele esgotar alucinado na minha cabeça... porque eles nunca iam me aceitar... eu não poderia contar...”

“E eu tive situações de exposição... de sorologia nesse meio período... Então... de ter boy vindo falar assim... Ah... fulana falou para a minha tia que você vive com HIV... porque está desconfiando que a gente está ficando... Tipo... mano... Falar... Oi? Que? Tipo... na hora... naquele momento... eu imagino uma adolescente que já vivia num casulo... numa situação

bizarra... assim... de não entender aquela parada... a reação era falar... é mentira... é mentira... porque afinal não está escrito na minha testa... E eu falava... é mentira... Sabendo plenamente na minha cabeça que eu não tinha posto aquela pessoa em risco... eu falava... é mentira... a pessoa está mentindo... Era minha autodefesa... né... Aconteceu várias vezes isso daí... Você chegou a negar muito? A negação fez muito parte desse processo seu? É... sim... fez... Não só de negar para os outros... mas de negar para você também... Para mim... até meus 25 anos eu neguei... Até os 25 anos eu neguei... Até os 24... foi quando eu comecei a tomar o remédio e conheci o Guilherme.”

“Eu já conheci o Gui... mas quando a gente começou a namorar... eu neguei. Eu precisei chegar no fundo do poço... assim... o fundo do poço é o médico chegar para você... num período lógico de anos falando... você não está tomando o seu remédio... e você rebatendo... falando... Não... claro que eu estou tomando... que isso... Ai... estou ofendida... estou tomando remédio... sabe... fazer a linha ofendida... Sabendo que você não está tomando... Entendeu? E o médico está lá com os seus exames... Está tudo uma bosta... você está cagado ali... O negócio só está caindo mais... Você só está se fudendo mais... Ou seja... perdi um esquema de remédio... Um esquema é a combinação... A gente não chama mais... coquetel... faz muitos anos que não chama coquetel... Esse termo é... Ultra ultrapassado... Está ultra ultrapassado... E... eu falo remédio... medicamento... Eu falo... sei lá... eu falo qualquer coisa... Eu não tenho medo de falar medicamento...”

“A gente está com dor de cabeça... toma aspirina... É um medicamento... não é? Eu tenho bronquite... eu vou tomar antibiótico... É um medicamento... eu preciso dele... E pronto... É um medicamento que eu preciso dele... eu tomo... É igual esse negócio de sorologia... Sorologia... soropositivo... Eu odeio o que me chama soropositivo... É o fim do mundo... Tachar uma pessoa... carimbar uma pessoa de soropositivo... É o fim do mundo... Vive com HIV... Porque hoje em dia... A gente vive com HIV... O HIV é sinônimo de vida... Nunca podemos esquecer esse detalhe... HIV é sinônimo de vida... E o HIV e a Aids... São duas coisas diferentes... Outra coisa muito importante... Para a gente ressaltar... Que o HIV... É o vírus... Causador da Aids... Porém... você pode viver com HIV... Não significa que você tenha Aids... Mas você pode ter Aids um dia... E depois só viver com HIV... Como foi o meu caso... Quando, por exemplo, continuar aquela história... Do primeiro esquema... Eu vou assim mesmo... Vou mandando uma coisa na outra, mas vai rolar.”

“Eu perdi os esquemas. Perdi duas combinações de remédios... Eu perdi duas combinações do meu esquema. Nesse período de adolescente, juventude que eu tomava mais ou menos. Na verdade, foram mais um período de dois a três anos que eu realmente não

tomei, mas estava ali... ok. Na minha adolescência, era mais controlado. Aí, depois que eu saí da casa do meu pai, a parada foi por água abaixo. E aí a gente descobre a noite descobre os amigos que levam para o mau caminho. E aí, não tomo hoje, não tomo amanhã... Quando você vê, é uma semana sem tomar. Quando você vê você está um mês sem tomar. Dentro desse um mês, você tomou duas, quatro, cinco vezes e isso vai habituando o seu corpo com a medicação, logo perdi o meu esquema 1. Perdi o esquema 1, perdi esquema 2. O que aconteceu? Não tinha esquema 3. Não havia e o médico chegou para mim ali nos meus vinte e três anos... Vinte e quatro anos... não sei minhas datas, esquecidas. Alguns falam que é NeuroAIDS. Eu falo que fumo maconha todo dia, porque para mim é mais confortável, então... Alguns falam que fumar maconha todo dia perde a memória também. Então vamos lá, enfim sofrer para que, gente?”

“Ai, estou falando rindo, mas, gente esse foi o drama da minha vida. É que hoje eu olho para trás e eu recebi eu tive tanta sorte que hoje eu consigo falar com humor, porque para mim o humor ele traz esperança dentro do coração das pessoas. Que as pessoas escutem a palavra HIV e Aids e abram um sorriso. Não lembrem do Cazuzo na capa da Veja, entendeu? Lembrem de uma louca conversando com eles. Falando de NeuroAids e fumar maconha, entendeu? Do que ficar imaginando o sofrimento, não que não tenha gente que sofra, mas é muito importante para mim a quebra do estigma. A gente tratar com humor e falar com humor. E até mesmo para passar situações que passam ruim, sei lá, o boy que termina com a gente ou o boy e a mina, qualquer coisa. Sempre o humor e o humor salva a minha vida todo dia isso é muito bom... Onde eu estava, senhor? Agora eu me perdi de verdade...”

Dreikon: “Você estava falando sobre a questão do seu pai. Não poder falar abertamente, que automaticamente era um assunto que você não podia falar e que as pessoas chegavam para você e perguntavam por que você tinha remédio...”

Jennifer: “Esse jornalista é bom, ele lembra tudo! Boa memória! Muito boa! Já gostei... Tem futuro! Já vi aqui, então sempre foi um tabu. Tanto foi um tabu, que eu cheguei nos meus 19 anos, como eu falei... Então eu quis ir embora para a Suíça, porque eu falei: esse mundo (Brasil) para mim já não dá mais! Eu quero ir embora! Porque naquele lugar as pessoas não me conhecem, elas não vão me tratar mal. Quando eu ia na casa da minha avó de férias eu era muito amada, eu era muito querida, eu ganhava muitos presentes, fazia tudo o que eu não fazia antes aqui no meu dia a dia e tal...”

Dreikon: “Você viveu na Suíça?”

Jennifer: “Não exatamente! É daí que vem esse meu universo paralelo. Que eu costumo dizer que eu sempre vivi num universo paralelo, porque eu sempre vivi entre essa

coisa Brasil e Suíça, então um ano tem 12 meses... 3 desses meses... Até os meus 17 anos. Desde os 3 anos de idade eu viajava para a Suíça, até os 17... Todos os anos, então todo ano eu tinha essa rotina, de sair desse planeta e ir para a minha segunda vida. Então, eu sempre tive essa segunda vida, vamos chamar assim. Essa dupla vida... Acompanhada da dupla nacionalidade. Estou procurando um casamento aí. Quem precisar ir para a Europa, manda uma mensagem. Tem que entrar no vídeo isso aqui. A propaganda, Dreikon, a sereia talvez vai ver um jovem jornalista. Que vai trabalhar lá em Paris. A gente pode negociar aí... E ele vai estar no Le Mond.”

“Aí fui para a Suíça, cheguei lá eu já saí do Brasil com a certeza que eu queria ir para lá que eu queria ficar, mas minha avó não. Minha avó achava que eu estava indo de férias. Eu tinha 19 anos. E ela achava que eu era aquela menininha de 12. Que estava voltando, resumindo... A minha avó estava muito doente, ela teve câncer no estômago. Ela já estava na fase terminal dela da vida de câncer no estômago. E eu cheguei lá, uma adolescente cheia de vida, querendo fazer um monte de coisa. E isso foi um choque para a minha avó. Foi um choque gigantesco. Porque, primeiro a minha avó morava numa cidade de 3 mil habitantes. Gente, é no meio da montanha, no meio do nada. Parece Senhor dos Anéis, sem maldade. 3 mil habitantes. Todo mundo se conhece naquele lugar. Todo mundo fala da vida de todo mundo... Fofoca do caralho. Ela começou a entrar em desespero, porque eu comecei a falar que eu ia procurar emprego que eu queria procurar emprego e eu queria ficar lá.”

“Aí a minha avó começou a entrar em desespero. Ela começou a ficar doida. Doida, doida, doida... e eu não entendia. De onde vinha essa loucura dela. Até que um belo dia, quando ia bater 3 meses que eu estava lá. E eu tinha levado remédio só para 3 meses. Quando eu entrei no terceiro mês eu me preparei um mês antes, eu decidi eu quero ficar aqui. Então, eu vou buscar, vou procurar como eu vou conseguir meu remédio aqui, nesse país, nessa cidade. E aí eu saí, peguei o trem, fui para outra cidade. Quando eu voltei, estava a minha avó sentada na mesa da cozinha chorando, em prantos. Meu pai já tinha me mandado milhões de mensagens, já tinha me ligado, já tinha tal. E ela... ela pedia para eu não fazer isso. Ela pediu para eu não fazer isso. E daí eu não entendi. Quando eu não entendi, eu a confrontei.”

“Porque eu não acreditava no que eu estava vivendo ali naquele segundo, que era exatamente a mesma coisa que eu passava no Brasil com pessoas próximas, assim, de mim. Então, eu a questioneei. E aí ela, muito irritada, ela simplesmente falou assim: ‘Se alguém aqui descobrir, que você vive com essa doença, eu vou me matar’. Então, aquilo, naquele segundo literalmente, aquela música: ‘Meu Mundo Caiu’ e ele caiu, de verdade... Porque foi o que eu falo, que aos 19 anos foi quando eu idealizei o tamanho do problema HIV.”

“Porque eu estava do outro lado do mundo. Entendeu? Onde eu achava que eu estaria segura, que ali eu poderia recomeçar uma vida. Minha família sagitariana que adora recomeçar, desde aí, já queria recomeçar lá... Então, eu só sei que eu entrei numa profunda deprê. Eu não entendia o que estava acontecendo. Eu passei uma semana trancada dentro do quarto chorando, até que eu comprei uma passagem com uma semana com antecedência da passagem que eu já tinha para voltar. Para voltar... E eu voltei para o Brasil.”

“E eu voltei para o Brasil e daí, dos 19 aos meus 24 foi ladeira abaixo, porque, logo que eu voltei para o Brasil, deu três meses, a minha avó faleceu de vez de câncer. O câncer já estava tomando toda ela... E ela acabou falecendo. Eu poderia ter ficado lá. Hoje eu penso como uma outra Jennifer. Como uma adulta, eu poderia ter agido muito diferente. Eu não precisava ter saído do jeito que eu saí, mas infelizmente eu não tive a sabedoria aos 19 anos que eu tenho hoje com 32. Então, eu agia absolutamente pela emoção. Assim, arrependo-me muito... inclusive, sobre questões de agir. E se arrepender é uma coisa que eu falo bastante. Quando eu converso com meus grupos que eu converso, porque é muito ruim e esse é um arrependimento muito grande, que eu não tenho como voltar atrás. Óbvio que conversamos pelo telefone, ela se desculpou. Ela entendeu o que foi que aconteceu, mas ela me explicou também que ninguém sabia.

“Aí que eu descobri que ninguém sabia, na verdade... Entendeu? Porque não é uma coisa falada se não é falado dentro de casa. Uma pessoa que vive com HIV e nem é falado quando a pessoa hoje em dia descobre viver com HIV, sabe? Porque eu peguei esses dias um taxista que me contou que o irmão dele vive com HIV e ele me fez a pergunta: então eu posso tomar na mesma xícara? No mesmo cafezinho que ele? Eu posso tomar? Não vou pegar? Tem uma desinformação muito grande aí. Muito grande. E isso aconteceu semana passada, gente. Então... É uma luta muito forte”

Dreikon: “E durante esse processo todo, você sente falta de sua mãe?”

Jennifer: “Hoje, sim. Hoje, eu sinto muita falta. Eu posso até te dizer que esse ano está sendo muito especial e tem me colocado cada vez mais próxima dela. Por essa questão de ter os 32 anos viva e ela ter morrido aos 32. E eu ter descoberto, tomando uma com o meu pai, a gente já estava bêbado, e ele virou: você tem 32 anos, Jennifer, você está com 32? E aí, ele me contou, e ele me contou recentemente, foi esse ano que eu descobri. Porque ainda isso, na minha família, não era conversado, sabe? Porque meu pai, ele teve uma outra vida, uma outra família. Só que eu nunca me considerei dentro dessa família e eu não achava que eu fazia parte daquilo. Porque, como eu te falei, eu sempre cresci nesse mundo paralelo. Então, a

minha família era meu pai e minha avó. Pronto. Eu vivia aqui o período da escola com o meu pai, só estudava e dormia.”

“E nas férias, eu ia para a casa da minha família, que era a minha avó, que eu considerava, né? Então, qualquer pergunta mesmo? Se você sentiu falta de sua mãe nesse processo, por ela compartilhar o mesmo que você. No processo de adolescência, fiz exercício esses dias, de fazer uns vídeos, aí eu voltei lá, né? Regressão. No processo de adolescência, eu odiei muito a minha mãe. Muito, com todas as forças. Eu odiei a minha mãe, eu questionava quem era Deus. Porque Deus não é uma pessoa boa, que faz coisas boas para as pessoas. Então, eu questionava por que que eu vim ao mundo com esse problema, que me traz tanta dor, e que é tão caótico para as pessoas que estão ao meu redor também. Eu não entendia. E como, nessa minha adolescência, não era falado sobre a minha mãe. Hoje eu sei, porque eu não sabia histórias da minha mãe. Eu não sabia quem era a minha mãe, o que ela gostava. E eu também não procurava, porque eu tinha esse ranço, sabe? Esse rancor. Tudo de ruim que fica dentro do coração. E isso me fez mal durante anos.”

“E eu perdi, hoje eu falo para vocês, que eu perdi muitos anos da minha vida cultivando esse sentimento, sabe? Porque eu poderia ter feito muitas outras coisas diferentes. E o que me trouxe esse sentimento foi a perda da minha avó. Do jeito que a gente, vamos por, que brigamos, né? Que eu fui embora, eu dei tchau, mas eu não dei tchau. Não foi o mesmo tchau. Foi tipo tchau, entendeu? Não teve um carinho, um afeto, sabe? Na hora que eu fui embora, que eu entrei num avião e voltei para o Brasil. Então, ela... E foi isso.”

“E aí, quando depois de meses que meu pai me liga e fala que ela morreu, naquele segundo bateu todos os arrependimentos daquele abraço que eu não dei, né? Daquela beijo que eu não dei. Daquela semana que eu passei trancada no quarto que eu poderia ter vivido coisas com ela e ter ficado mais duas semanas lá e não ter gastado 300 euros, né? Na época era mais barato, mas... Mas arrependimento, cara. E o arrependimento para mim é uma escola gigantesca, porque eu passei por ele muitas vezes, até chegar aonde eu estou hoje, que qualquer coisa que eu vou fazer ou que eu pensa em fazer, eu sempre penso no depois. Na consequência desse negócio. E será que eu vou me arrepender? Porque, por exemplo, eu sempre quis morrer, né? Cresci desse jeito, sempre quis morrer, sempre esperei a morte, sempre quis morrer. Ou seja, nunca tomei meu remédio direito, naquele período que eu já contei, fiz tudo isso, cheguei no fundo do poço. Mas cheguei no fundo do poço e... esse fundo do poço, quando eu cheguei, quando o médico, enfim, me mostrou o diagnóstico e falou, pronto, você queria? Agora você vai morrer. Mas você não vai morrer rápido. Você vai morrer igualzinho a sua mãe. Igualzinho, você lembra. Que é numa cama de hospital toda entubada,

vai demorar, vai sofrer, vai ficar doente e vai voltar e vai ir e vai voltar. Né? Ali, eu me arrependi de muitos dias, de muitas horas, de muitos minutos, de tudo que eu vinha fazendo um tempão da minha vida, entendeu? Várias coisas.”

“E isso inclui o uso de drogas, que a gente precisa sempre falar que o uso de drogas, ele tá muito presente na vida de pessoas emocionalmente abaladas ou deprimidas, ou que sofrem qualquer transtorno psicológico, coisas assim, né? Então, sim, tive esse período aí, nessa fase na vida, que era da, vamos chamar de juventude, né? Que adolescente até 18, mas ali dos 19 até os 20 e poucos, sabe? A gente conhece a cocaína, a gente conhece o bar, a gente conhece pessoas que acolhem a gente, pessoas que nem elas não sabiam da minha sorologia, mas no meu julgamento, elas eram mais loucas do que eu, então eu pensava, ah, elas vão me aceitar, né? Porque se a pessoa faz isso, ela faz aquilo, se ela é assim, se ela é assado, ela não vai ligar. Mas isso foi uma outra coisa que eu me arrependi muito, de ter lidado com esse tipo de gente, porque uma turma, inclusive de universidade, universidade, galera, universidade, quando eu fiz publicidade aqui em São Paulo, que é esse período dos 19, 20 e poucos, eu posso considerar pra vocês que foi a turma que eu fiquei chateada quando eu abri a minha sorologia, porque foi a turma que pegou o vídeo, assim, num nível rar de ignorância, tá? Gente se formando em psicologia, outros administradores, adultos já, tá?”

“Não tô falando gente jovem estudando, não, tô falando adultos formados, mas que estavam nesse período de facul comigo. Eles pegaram o meu vídeo e distribuíram, foi uma dessas, é, distribuíram nos grupos da faculdade, como um sinal de alerta, e mandaram principalmente para as pessoas que eu tive alguma coisa durante a faculdade, que eu saí, que eu beijei, que eu transei, enfim, para os meninos, que eu tive algum lance, entendeu? Pra minha surpresa, os caras todos faziam testes com rotina, e não apresentaram nada, entendeu? Então, não tive problema com isso, mas foi um período assim, foi a única tristeza que eu posso falar que eu passei quando eu abri minha sorologia em 2019 para o mundo, né? Minha sorologia não, minha vivência, sempre trabalhar para falar.”

“Quando eu abri a minha vivência com HIV na internet, com um vídeo que eu coloquei no YouTube, foi a única coisa, a única coisa chateada foi isso. Foi gente me perguntando, me falando, ah, você tinha que ter me falado porque você usou o banheiro da minha casa, você fez a unha comigo, e tudo mais assim. Bom, enfim... Entre outras coisas, né? Porque a gente tá no rolê, você sabe muito bem como que funciona, né? Tamo no rolê, a gente divide as coisas, enfim, compartilha, amigo que amigo, né? Compartilha tudo. E você já chegou a se fazer perguntas do tipo...”

Dreikon: “Você já chegou a se fazer perguntas do tipo assim: ah, e como seria a minha vida se eu não fosse PVHIV? Já chegou a se culpar por isso?”

Jennifer: Sim! A vida inteira. A vida inteira. Inteira, inteira, inteira. Porque... Eu não sei o que é a vida sem o HIV, né? É muito louco, assim. Eu não sei o que que é. É uma dor que eu não sei explicar qual é, sabe? Porque eu não tive esse... Eu tive a revelação do meu pai e tal, mas como eu era criança, não e eu sempre entendia que eu não podia, que eu não podia.”

“E você sente que as pessoas esperam a sua morte, não é só, não digo nem pelo meu pai, eu digo mais talvez pelas pessoas ao redor que deram suporte a ele. Sabe? Que não acreditavam. Ele sim acreditava. Ele provavelmente acreditava ou queria, né? Que eu vivesse e tals. Porque quando eu descobri, voltando lá na primeira pergunta, que eu sou dessas. Em 95, 96, não tinha medicação pra HIV. E não era gratuito no governo. Então, o que que aconteceu? Ele tinha que comprar minha medicação. E na época, custava 3 mil dólares, porque tinha que mandar vindo de fora a medicação. Eram medicamentos que ficavam na geladeira, eram horríveis. Tinha um pozinho que misturava. Eu não sei muito bem das técnicas, tá? Do técnico da parada. Porque como eu falei pra vocês, é uma... É uma autodefesa minha! Hoje eu sei por que eu falo abertamente. Eu escuto muito. E tudo mais, assim. Eu presto acolhimento para a galera. Então, eu sei. Mas é uma coisa que mesmo para mim, eu não quero saber, sabe?”

Dreikon: “Por viver com HIV desde sempre, ao longo da vida, você teve diferentes processos, né? Como que foi isso? Como que você enxerga hoje? Como que foi pra Jennifer criança encarar o HIV? Como que foi pra Jennifer adolescente? Como que é para você, até você chegar nesse momento de abertura, de sorologia?”

Jennifer: “Uma escola árdua, cruel, quente e fria, sabe? Assim, uma verdadeira... Um campo de batalha. Foi bem... A Jennifer do passado, ela não tem... A Jennifer do passado foi uma jovem alucinada esperando morrer. Eu achava que eu ia morrer aos 27. Era meu plano, né? De overdose. Como meus astros do rock. Kurt Cobain, Janis Joplin. Cheguei aos 27. Como diz meu pai, nem pra isso eu presto. Diz meu pai. Meu pai é um fofo, né? Nem para isso eu presto. Porque meu pai, nesses períodos meu rebelde, da adolescência, eu sempre disse muito que eu queria morrer. Isso era uma frase, assim, forte, rotineira minha. Eu falava, eu quero morrer, eu quero morrer, eu quero morrer. Mas pensa que a pessoa tem coragem de se matar, né? Porque eu costumo dizer, se tem pessoa corajosa nessa vida, é gente que comete o suicídio, que chega até o final. Porque, cara, você tem que ter muita coragem para tirar a sua vida. Tem que ter muita coragem. Tem que ser muito forte, na verdade. Eu não vejo como uma fraqueza, não, sabia? Porque eu falo, eu sou cuzona. Não tive coragem. Nunca tive

coragem. Infernizei meu pai na adolescência, juventude inteira, até hoje. Infernizei a vida dele.”

“Hoje é diferente, né? Mas infernizei, sim, tá? E me levou onde? A chegar no fundo do poço, quase acabar com a minha vida, de uma maneira horrível, me arrependeu muito, muito. Então, tudo que eu fiz nos 24, pra baixo, foi uma grande escola do que não fazer. Sempre fui muito julgada pelo meu pai.”

Dreikon: “Por quê?”

Jennifer: “Eu sempre fui muito mal na escola, porque eu não tinha essa esperança de vida. Então, eu sempre pensei, para que que eu vou estudar? Para que que eu vou saber? E eu sempre fui da prática, de aprender na prática, sabe? Por exemplo, minha primeira profissão é fotografia. Eu aprendi, eu até fiz um curso ou outro, mas eu trabalhei 3 anos num estúdio de fotografia, que foi meu primeiro emprego. E foi aonde eu aprendi a fotografar, a entender como é que funciona o mercado, a questão administrativa, de um estúdio. E o cara, ele é um artista, né? Um artista foda, assim, de gastronomia. O Mauro Holanda. Assim, um querido, um querido muito grandes. Até hoje, na minha vida, amigão, que me ensinou muito. E... E eu aprendi a dança porque eu pensava assim, tá? Eu quero viver. Eu sempre falei, eu quero viver, eu quero viver as coisas. Mas eu não quero viver dentro de uma sala, dentro de um negócio trancado. Hoje, pensando como eu tô fazendo esses vídeos, o e-mail que vai voltando, parece que eu tô conversando com um psicólogo. Tô conversando com jornalista, mas já parece um psicólogo. Um jornalista, um psicólogo e milhões de pessoas que vão me ver, né? E vão me julgar depois, como maluca.”

Dreikon: “Calma que é isso mesmo! Está tudo certo”!

Jennifer: “Porque eu sou sereia mesmo, então... Já fui expulsa de psicanalista. Porque eu chegava lá e eu falava que ninguém vai me querer. Aos meus vinte e poucos anos. Fui expulsa da minha psicanalista maravilhosa, Fátima. Eu nunca vou esquecer do nome dela, porque hoje a minha sogra chama Fátima pra, né, me provar. E a Fátima era casada com um homem que vivia com HIV. Que vive, porque ele tá vivo, ele não tá morto. Que vive com HIV. E ela falava, eu sou casada com um homem que vive. Como que você tá achando que você não vai? E eu chorava, chorava, pagava para ir chorar e falar que ninguém ia me querer. Logo um dia ela chegou para mim e falou assim, olha, Jennifer, é o seguinte. Você é irredutível. Você não quer entender. Você não entende. Então é o seguinte, eu vou te dar alta. Bem delicada. Eu vou te dar alta. Você já tá boa, já. Tipo assim, não tô, né? Mas eu não quero mais te ouvir. Inferno. Esse foi um baque da minha vida também. Porque eu sofri, eu gostava dela. Eu gostava de reclamar lá nela. A gente gosta, né? De reclamar. E depois não arrumou

outra, não? Não arrumei. Depois eu até tentei, mas eu me traumatizei com algumas do caminho aí. E as algumas, grita forte, né? Um monte aí. Então eu falei, ah, não. Não é para mim esse negócio, não. Tive uns amigos, tenho uns amigos psicólogos. Sempre brigo com eles, mas tá tudo certo.”

Dreikon: “Você chegou a comentar um episódio da faculdade, né? Que o pessoal julgou seu vídeo como um sinal de alerta. Além desse episódio, você teve outros, assim, que você sofreu preconceito e que você acredita que te marcaram?”

Jennifer: “Sim.”

Dreikon: “Pode contar algum?”

Jennifer: “Sim, vou contar um de relacionamento. Eu tive um namorado com 22 anos, talvez 22, 23. 23, tá? Tive um namorado que ele era irmão do meu melhor amigo da escola e o pai dele é médico. E ele não foi um namorado, assim, coisa séria, não. Foi um lance, mas era aquele meu primeiro relacionamento que eu ia abrir minha sorologia e que eu abri. Que eu vivia com HIV. Então, eu falei pra ele. Ele, na época, aceitou super. Não sei se ele aceitou de coração ou algum outro motivo, mas ele aceitou.”

Dreikon: “Quantos anos você tinha ao certo?”

Jennifer: “Eu acho que uns 22. Não tem muito, mas eu acho que uns 21, 22. Tá tudo ali, nesse período aí. E daí o pai dele era médico e ele chegou a falar com o pai dele, né? Sobre... O pai dele explicou a via de transmissão, falou que se eu tomava meu remédio, eu não ia transmitir. E na época ali, naquela época, eu não sei muito bem de data, mas eu acho que é, foi isso. Foi uns 21, 22. Ali eu estava bem ainda, porque foi quando eu acabei de voltar da Suíça. Foi ali com 20 anos. 20 anos, quando eu tinha acabado de voltar da Suíça. Então, eu estava indetectável, eu estava bem. Foi depois disso que eu caí de vez. Depois desse relacionamento aí que eu meio que perdi a esperança, porque a gente tinha muita gente em comum, conhecia, né? E tinham pessoas que sabiam que eu vivia com HIV e contaram para a mãe e pra avó dele. E aí foi um pouco um caos, porque eu lembro que teve um dia, mas eu não sei bem se essa história foi uma desculpa dele ou tal, mas ele falou, ah, fulano de caos disse que você vivia com HIV, minha avó e minha mãe tão pesando bastante na minha e tudo mais, eu não sei o que fazer. E aí meio que depois de um tempo a gente terminou, assim. Foi um término bem nada a ver, então eu não sei direito qual que era, porque eu era muito jovem também. Pensando hoje com a minha cabeça, me torna me dá várias dúvidas.”

Dreikon: “E quando você estava ali no processo de conhecer alguém, depois desse menino, então você já contava de cara que você vivia com HIV ou havia um momento certo, que você achava que era ideal pra poder contar pra alguém? Como que era isso?”

Jennifer: “Não, não contava. Então, não contei pra todos os parceiros, não. Não contei. Essa foi uma pressão que eu passei quando em 2019 eu quis abrir a sorologia, porque eu queria um pouco saber da reação das pessoas, e eu estava num período ali que era tipo um divisor de águas, que eu queria. Eu queria ter na minha vida só pessoas que me aceitavam. Então, eu ficava me questionando muito sobre essa coisa de quem me aceitaria, quem não me aceitaria, como foi a vida inteira. Entendeu? Então, aos 19 anos, vendo que já estava mais corriqueira essa questão da galera falar na internet abertamente, eu assumi essa coragem e falei, vou lá, vou falar e vou me expor e vou esperar que as pessoas venham falar comigo.”

“E eu tive uma grande surpresa, porque todas as pessoas que eu já tinha ficado que viram ou qualquer coisa, elas não tiveram nenhuma reação agressiva e nem nada. Não tive problema com ninguém que eu de fato fiquei. Eu tive problema com outras pessoas, sabe? Que não tinha nada a ver. Então, foi isso.”

Dreikon: “E no ambiente de trabalho? Como que era isso?”

Jennifer: “No ambiente de trabalho, eu nunca falei, assim, que eu vivia. Porque até 2019, eu não falava de HIV. Então, eu comecei a falar depois e depois, já foi quando começou a pandemia, no final de 2019, eu falei no dia 1º de dezembro de 2019. Foi quando começou a pandemia e eu saí. Eu trabalhava num hotel e eu saí desse hotel. Então, eu trabalhava com meu pai, até. Só que eu cheguei a conversar com meu pai. Eu falei, pai, eu tô pensando em fazer isso. Eu tô querendo. Por isso, isso é aquilo que eu quero me sentir bem. Eu quero passar uma peneira nas pessoas que estão na minha vida. Você tá numa fase que você já tá de saco cheio das pessoas, na real, e você quer fazer uma limpa. E a minha limpa foi essa. Foi falar, quer saber, vou abrir e vai ficar quem de fato me aceitar. E nessa época, ainda trabalhando com meu pai, ele super me apoiou. Ele falou que tudo bem. Ele tinha muito medo dessa linha jornalística, do sensacionalismo, das ofensas que eu pudesse sofrer, públicas e tudo mais. Ele sempre teve medo disso daí”

Dreikon: “E por que você decidiu abrir sua sorologia em 2019? O que te motivou a isso?”

Jennifer: “Por isso. Para dividir. Para ficar, permanecer na minha vida só quem me aceitasse. Do jeito que eu sou. Do jeito que eu sempre fui. E porque eu queria falar. Eu sempre tive uma coisa comigo que... Quando eu recebi o diagnóstico, que eu não tinha mais medicamento para tomar, e eu iria morrer dessa forma, em breve, daqui um ano, eu morreria, naquela época, foi onde bateu o arrependimento. E aí, eu posso te dizer que quando a água bate na bunda, a gente começa o que? A rezar. E eu rezei para todos os santos que você pode imaginar. Eu implorei, eu chorei, eu me arrependi, eu pedi perdão para todo mundo. E,

quando eu recebi a ligação de uma nova medicação entrando no mercado, em fase de pesquisa ainda, mas que pudesse salvar a minha vida, que é o remédio que eu tomo até hoje, eu vi uma esperança. Então, hoje, eu falo de universo. Eu pedi para o universo uma segunda chance. E ele me deu uma segunda chance.”

“E tanto me deu essa segunda chance, que, junto com essa segunda chance, veio um brinde, que é o Guilherme, meu namorado, que até hoje está comigo, que fez parte, desde o meu início, desse novo tratamento, onde eu tinha quatro milhões de cópias do vírus HIV, onde eu tinha um CD4 de zero, e eu já vinha pegando uma pneumonia atrás da outra. E, assim, eu digo que eu fui muito privilegiada, porque eu não tive outra doença oportunista que não a pneumonia. Tive pneumonias muito fortes, muito doloridas, de não conseguir dormir durante alguns dias, mas eu não tive, tipo é sério, e muitas vezes não tem volta, então, como aconteceu com a minha mãe, e um monte de outras pessoas, então eu me considero assim.”

“E aí veio o amor, né, que era aquela coisa que faltou muito na minha vida, na minha infância, na minha juventude, aquele afeto de mãe, que eu não cresci, eu fui criada por pai, então meu pai, ele sempre me deu tudo na vida, tudo que ele podia me dar, só que o tudo dele era dinheiro, né, era relacionado a grana, porque os outros, ele só trabalhava, meu pai só trabalhava, trabalhava, trabalhava, trabalhava, então eu não tive essa parada mãe, né, pra me espelhar, tanto que hoje é muito estranho, porque minhas amigas todas têm sonho de ser mãe, e eu falo assim, não falo que eu não vou ser mãe, mas não é um sonho da minha vida ser mãe, entendeu? É tipo, eu quero talvez ser mãe um dia, sim, porque é uma experiência que eu acho que eu quero viver nessa vida, vale a pena eu viver, para eu deixar alguém, né, pra seguir aí, mas...”

Dreikon: “E qual que foi a importância do Guilherme nesse processo que você teve de reestruturação após receber um diagnóstico, um medicamento novo, que estava em fase de teste, que você falou que logo depois você o conheceu, né?”

Jennifer: O Gui, eu já o conhecia, a gente se conheceu em... a gente se conheceu na adolescência, eu tinha 17 anos quando eu o conheci, eu estava na escola ainda, no segundo colegial, e conheci através de uma amiga, e... ele... pelo Orkut, a gente manteve contato, depois SM... é... é... Mensager, lembra? Mensager? A gente falava no Mensager, e no Orkut, e... e daí, depois tudo isso saiu, passamos um período sem se ver, se reencontramos de novo, na fase nova era Instagram, né? Guilherme é meu amor virtual, e... na era Instagram e WhatsApp, e aí mantemos contato, mas nesse período da vida aí até dos 17 aos 24, quando a gente enfim, se encontrou e desde então não se largou nunca mais, é... eu namorei outras pessoas, tive outros relacionamentos, ele também, mas ali, a gente estava sempre ali, né, no

Oi, aí, contatinho, né, mantendo aquela linha ali, guardando o trunfo, né, pra um dia, e aí a gente se viu.”

“Guilherme, ele tem uma participação muito importante, eu posso dizer assim que é a mais importante, a segunda mais, depois de mim, da minha força de vontade, né, de querer viver, e querer conseguir realizar tudo isso, que é essa questão afetiva. O HIV, ele vem acompanhado dessa síndrome de solidão, tá, que é posta na nossa cabeça, que é a síndrome de solidão porque as pessoas isolam a gente, as pessoas se defendem da gente, e isso acaba acontecendo no nosso, imagino, na nossa cabeça, no nosso inconsciente, de uma maneira, desde quando um menino, ele revela pra família que ele é gay, onde a família já começa na pressão, cuidado com a Aids, cuidado com a Aids, cuidado com a Aids, né, na galera hétero, não tem esse rolê, por isso, aliás, é bem importante dizer que hoje em dia, já é comprovado estatisticamente que temos mais heterossexuais vivendo com HIV do que meninos gays. Por quê? Eu, Jennifer, acredito muito que seja por causa dessa síndrome, né, de você ser gay, você vai viver com HIV, doença do gay, peste gay, como era intitulada antigamente, né, e aí a tradicional família brasileira faz o quê? Mulher fica em casa, marido tem amante no trabalho, em qualquer outro lugar, traz o HIV fazendo de casa, marido faleceu, tá certo? Marido vem a falecer e a mulher descobre viver com HIV e tudo mais, e isso, olha, cada dia, e cada dia que passa da minha vida, eu tenho descoberto mais mulheres nessa onda, sabe, que se juntam comigo, que me procuram pra algum apoio, uma coisa assim.”

Dreikon: “E hoje, em 2021, você acha que as pessoas ainda encaram o HIV como um tabu muito grande? Você acha que é um assunto que as pessoas ainda evitam e muitas vezes ainda tratam com o mesmo teor que se tratava em 1980, quando teve a descoberta?”

Jennifer: “Sim, sim, com certeza absoluta. Tenho um exemplo agora pra falar pra você de um aplicativo, um carro que eu peguei esse final de semana, voltando de uma ação, onde eu sempre converso com os motoristas de aplicativo, sem spoiler de marcas, porque não estamos recebendo, e esse se chamava Afonso, chama Afonso, tá vivo? E eu gostei muito desse rapaz, porque com muitas dúvidas, ele, eu mudei a vida dele, eu acho, tá? Ele me falou, me revelou ter um irmão que vive com HIV, que é usuário de drogas, que tem um relacionamento, um casamento, onde a mulher não vive com HIV, mas ele me revelou o ponto de vista dele, tá?”

“E esse ponto de vista foi, tipo assim, ele falando, né, pra tentar ser sutil quando eu falei que vivia com HIV, ele falou assim, ah, eu tomo no mesmo copo do meu irmão, não tem problema. Só que ao mesmo tempo que ele falou isso, naquele ar, depois ele me pergunta, mas pode beijar na boca? Não passa na boca, na saliva e tal? E é isso daí, é muito, teve um outro

momento também, um grande momento que é importante, as pessoas, elas acreditam, tem aquela velha história, né? Por exemplo, na mesma linha do que os olhos não vê, o coração não sente, é aquilo lá, se eu não sei, não existe, né? Eu estava na ação, no primeiro dia de ação, na sexta-feira, que essa ação é, eu trabalho numa tô trabalhando agora, tô trabalhando com uma ONG que tem uma van de testagem, e aí a gente vai pra pontos, fazer testagem de HIV, sífilis e hepatite na galera, né, da van, teste rápido do dedinho.”

“E daí, um senhor, tá? Posso chutar pra você? Tinha uns 60 anos, já, aquele cara. Uma senhora entrando, vindo, né, fazer o exame, e o senhor deixando ela na porta e falando assim, eu não vou entrar aí, eu, hein, credo, entra ação e sai doente. Entra ação e sai doente? Não faz sentido pra mim essa frase, mas as pessoas, elas agem dessa forma, elas preferem esperar o, vamos dizer, diagnóstico final, do que irem se testar e irem fazer, sabe? É muito importante, eu sempre quero enfatizar a importância de todas as pessoas fazerem teste de HIV, pelo menos uma vez por ano.”

“Porque isso, cara, não significa que você é isso, ou você é aquilo, ou, esqueçam os julgamentos, as pessoas tão muito preocupadas com o que os outros pensam, e as pessoas têm muito medo, a galera tem medo de descobrir que vive com HIV, mas não tem medo de morrer numa cama de hospital. Será que a gente tem que começar a repostar as fotos da galera na cama de hospital e dizer, faça o teste, que nem no rótulo, no verso do cigarro, que tem aquele pulmão podre para fora, escrito, não fume, e você tá comprando aquele cigarro e eles falam embaixo, obrigada. Tipo assim, mano, eu não sei o que é que temos que fazer, porque eu me pergunto esse taxista, o que que ele assiste? Eu perguntei pra ele, ele falou pra mim que assiste SBT, mas você não vê falar no SBT de HIV, por exemplo. Eu ouvi falar de religioso, então a galera tá no religioso. A hipocrisia, galera, a hipocrisia reina na humanidade, entendeu onde tá o problema? Para mim é isso, é a hipocrisia, porque você não, você não segue o juramento que você fez lá na igreja quando você se casou, você não segue o juramento, vários juramentos que a gente faz aí. Isso eu tô dizendo, tá, pra médicos também, porque cada médico formado faz um juramento, que vai respeitar, que não sei o que lá, que não sei o que lá, é o número que temos de pessoas relatando violência obstétrica, obstétrica médica, dentista, ginecologista, todas as categorias de médico, de medicina. Violência com psicólogo, com psiquiatra também, tá, não pensa que eles estão livres. Não, também, tá, eu que falo um pouco, é, posso falar pra turma de jornalismo também, já que aqui a gente tá falando com uma galera de jornalismo.”

“A mesma coisa, vai chegar final do ano, vai fazer trabalhos, eu acho que é o mínimo você saber da vida da pessoa, um pouquinho, quem você tá contatando, quem você vai

conversar. Tem muita gente que vem procurar a gente pra matéria, pra coisa e tal, que tudo bem, a gente percebe que a pessoa não sabe, não tem problema. Agora, o grande problema é você fazer uma coisa pra pessoa, ainda que você tá fazendo, porque na minha cabeça, quando eu faço, quando eu tô aqui falando com vocês, a minha esperança é de informá-los, de tocar cada coraçãozinho, pra que abra essa cabeça e que me veja aqui, ó, desse jeito, falando com vocês, é, claramente, posso ficar aqui de pé, dar uma voltinha pra vocês verem que eu sou gordinha, que eu sou fofinha, que eu tenho capacidade de rir, que eu tenho capacidade de ser feliz, que eu sou feliz profissionalmente no meu relacionamento, hoje eu não quero ser mãe, mas um dia eu vou ser, então, meu filho não vai nascer com HIV e tá claro pra mim isso. HIV não afeta sua vida em nada.”

“Não afeta em nada, exatamente. Aquela coisa, eu vivo com HIV, eu não sou o HIV, né? Uma frase que saiu no chamado do vídeo da MTV do ano passado, que eu disse, uma pessoa que vive com HIV, ela vive com HIV, ela não é o HIV. Então, assim, quando eu me apresento, o HIV, eu acho que quando você pediu pra me apresentar, eu nem falei que eu vivo com HIV, falei? Enfim, mas, geralmente, assim, o HIV é a última. É um detalhe, até porque quando você conhece alguém que não é HIV positiva, a pessoa não vai te falar Oi, meu nome é fulano, eu não sou HIV positivo. Você beija uma pessoa na balada, né? Você vai falar? Posso te beijar? Eu vivo com HIV. Não, hoje eu faço isso.”

“Hoje eu faço isso, porque hoje eu sou palhaça, né? Não na balada, que eu não beijo, que eu tenho relacionamento, né? Tipo, por exemplo, se eu vou fazer um negócio, a gente sempre tem essa brincadeira, tá tomando o negócio, fala que é? Toma aí, que era uma coisa que eu passei muito na vida, sabe? De perceber que as pessoas não me davam coisa pra tomar no copo, todo mundo compartilhando o garfo de coisa que estão comendo junto, eu sempre tinha que ter o meu separado. Ignorância, né? Tipo, das pessoas, que, gente, pelo amor de Deus, vamos sair. Onde é que tem que estar esse negócio? Porque eu vou lá fazer campana na frente do SBT, com cartazes, até começar a sair no jornal, jovem doida tá aqui há um mês pra passar um cartaz na televisão, sabe? Porque eu não sei o que tem que acontecer para virar.”

“É muita gente que tem que mudar. E sabe o que que é? Hoje, com a minha vida mais em ordem, meu espiritual em ordem, meu emocional, meu financeiro, minha vida que eu fui, como adulta, colocando mais em ordem, eu posso falar que é o seguinte, o problema de pessoas, como é que eu posso dizer, que não estão abertas a essa informação, que não aceitam, que não querem, que tem muita gente também que acha que o céu vai se abrir, Deus vai descer uma escada rolante, né? E vai vir Deus, vai fazer a fila, direita você, você pra cá, você pra lá, e vamos todos... Gente, e não acredita na ciência, e não acredita no igual aí,

indetectável, intransmissível, o que explica? Então, por exemplo, a Thais Renovato ter filho e os filhos dela não nascer com HIV. O que que explica? Eu tenho um relacionamento, eu não uso preservativo com meu namorado, tomo meus remédios todos os dias, estou indetectável há mais de cinco anos, tá? Porque também quero ressaltar aqui, quando eu comecei com o Gui, eu tava com as quatro milhões de cópias, e o CD4 nulo. E obviamente que sim, a gente transou, sim, a gente cruzou, mas foi tudo muito assim. E no começo, quando sequer, eu acho que eu posso falar disso abertamente aqui, né?”

“Somos jovens adultos, e para ele me masturbar, eu o fazia colocar luva de médico. Pode ser até um fetiche, né? Aqui, ó, se veste de médico. Mas tipo assim, porque eu tinha uma neura gigantesca na minha cabeça. E ele, como ser humano, ele falava assim, não tem problema, se eu pegar, tá tudo bem, tipo, na cabeça dele, né? E eu, ah, tá, aí depois você vai pegar, eu vou terminar com você, mas essa, né, vou ter que ficar com você a vida inteira, porque depois, pensava eu, e não, nada a ver, todo pensamento idiota, não tem nada a ver, gente, nada a ver isso daí, nada a ver, tá? O que eu quero dizer, que é muito importante, façam teste, uma vez por ano, por favor, façam teste, não tenham medo. Dá medo? Dá medo sim, eu sei que dá medo, a gente não quer mudar de vida, a gente não quer, a gente fica confortável, a gente sofre porque a gente não quer mudar de trabalho, a gente sofre porque a gente não quer terminar com aquele relacionamento abusivo que machuca a gente, que maltrata psicologicamente, fisicamente, tenho muitas amigas que sofrem violência, abuso, violência, e não separam, pra mim é o cúmulo da picada, é o cúmulo, não entendo, mas também não estou na pele delas. Então, eu preciso, no mínimo, respeitar e dar suporte, né, quando acontece alguma coisa, é isso que a gente tenta fazer. E aí, saúde mental em dia é tudo, sabe, tudo.”

Dreikon: Com certeza! Agora, já caminhando mais para o final de nossa conversa, qual conselho, o que você falaria para alguém que acabou de receber o diagnóstico positivo de HIV?

Jennifer: Um conselho para quem acabou de receber um diagnóstico: continue a nadar, como uma boa sereia, amiga da Dory, procurando Nemo, eu vou falar para você, continue a nadar, continue a nadar, nadar, nadar, para achar a solução, nadar, por quê? Sua vida continua, sua vida não vai mudar, vai mudar sim, você vai ter que tomar aquele remedinho, hoje em dia, você descobre, é um remedinho, dois, em pouco tempo, você já está indetectável, sua vida é normal, você pode ter filho, você pode.”

“E, hoje, HIV é sinônimo de vida, vivemos com HIV, não somos pessoas carimbadas, soropositivas, como um adjetivo, uma taxaço, HIV não é adjetivo de nada, nem de ninguém, tá? HIV não é um adjetivo, HIV é um nome próprio, não é, jornalista, que eu sou burra da

literatura, é um nome próprio, não é? Então, HIV, sabe o que significa HIV para mim? Humano, incrível, vivendo, é isso que significa HIV para mim e é o que eu espero que as pessoas coloquem na sua cabeça e vivam felizes e realizados, porque é aquele famoso, gente feliz não enche o saco. Pessoal, assim, o que está na minha cabeça, as pessoas descobrem viver com HIV e o mundo cai, e a culpa de tudo que está em volta da vida é o HIV, quando, na verdade, o HIV não existia na sua vida, mas aquele relacionamento, aquele trabalho, aquela incompreensão você com você mesma, tudo aquilo já existia. Aquele momento, todos os momentos, não existe culpa, tá?”

“Eu nasci com HIV, não sou diferente de uma pessoa que descobre viver com HIV. Estamos todos no mesmo barco, não existe culpa em pessoas que vivem com HIV, porque sexo, cara, sexo todo mundo faz, todo mundo transa. E você vai me falar que todo mundo usa camisinha? Não, ninguém usa, tá? Por isso que eu defendo a testagem, porque assim, tudo bem você transar sem camisinha, pra mim tá tudo certo, tá tudo bem. É bom? É bom? É melhor? É melhor? Tudo bem, cada um no seu, mas fazer o teste é a sua saída, sua melhor alternativa. Dentro de outras prevenções, como temos o PrEP, o remédio pra você tomar todos os dias, que é uma combinaçãozinha dos remédios que pessoas que vivem com HIV tomam, esse medicamento te previne do vírus HIV, mas não te previne das outras doenças, como sífilis, hepatite, HPV, clamídia, gonorreia.”

“Não é só o HIV que existe dentro da categoria IST. Temos a herpes também, que dá uma chatice, né? A herpes genital é chata, essas coisas são todas chatas de tratar. Hoje em dia, o HIV pra mim é muito fácil, eu considero assim fácil. Hoje em dia, tá? Porque eu me entendi dentro desse arrependimento, e eu entendi que eu quero viver. Então, se eu quero viver, e é possível viver, eu posso acreditar que essa vida é possível? Tenho médicos que estudaram a vida inteira, e estudam diariamente pra me garantir isso? Então, eu vou viver. Vou acreditar neles, vou tomar meu medicamento, e vou viver. E defendo 100% o teste. Descubram o quanto antes, se vivem ou não com HIV, iniciem o tratamento, porque a cura, na minha cabeça, ela não tá só num remédio. Ela tá, também, primeiro, na nossa cabeça, de quem vive com HIV, precisamos curar esse sentimento de culpa, curar esse sentimento de impotência, essa infelicidade, e tudo o que leva a gente a viver em depressão e ansiedade, estagnar a nossa vida, que acontece muito com pessoas com recém-diagnóstico, param suas vidas, tá? O HIV, ele é um tudo. Ele não é só ele. Não é só um vírus. Ele é o tudo que acontece na sua vida.”

“O seu emocional, o seu casamento, se vai bem ou se não vai, o que você aceita dentro dele, o que você não aceita. É longa essa conversa, Dreikon, porque o negócio, meu, entra em muitos departamentos da vida, falar de HIV, na minha opinião, assim, em todos, praticamente,

financeiros, emocionais, todos. É isso aí. Acho que eu respondi a sua pergunta, querido, porque eu sou meio doida, né?

Dreikon: “Perguntei tudo o que eu queria perguntar. Preciso agradecer, Jennifer, obrigado, viu, por aceitar esse convite que fiz no Instagram, por te conhecer”.

Jennifer: “Obrigado você, tô ansiosa pra esse material aí!”

Dreikon: “Muito obrigado mesmo!”